

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
SEXTA-FEIRA, 1 DE AGOSTO DE 1969 N.º 16744 ANO 49.º UM ESCUDO

ATENÇÃO

A MOSCA
PICA AOS SÁBADOS

Os Estados Unidos aceitam a divisão do Vietnam do Sul

—segundo o «Los Angeles Times»

LOS ANGELES, 1 — (F. P.) — Segundo o «Los Angeles Times» o Governo americano estaria pronto a aceitar uma divisão de facto do Vietnam do Sul entre a Frente Nacional de Libertação (Vietcong) e o Governo de Saigão, se essa solução política pudesse pôr termo à guerra.

ESTÃO EM PORTUGAL OS «PAIS» DE TROPICÁLIA



Caetano Veloso e Gilberto Gil — os «pais» de Tropicália — estão presentemente em Portugal, a caminho de Londres, onde vão fixar residência. Um redactor do «Diário de Lisboa» teve com eles um bate-papo que vem reproduzido na nossa página central

Em artigo datado de Washington, dois jornalistas do grande diário californiano, David Braslow e Tom Lambert, dizem haver informações de que, embora contravontade, o Governo saionês acataria esse arranjo e reconheceria tacitamente a direcção que administrativa e militarmente a F. N. L. exerce sobre as regiões que ocupa. O Governo de Saigão passaria a exercer tão somente uma autoridade de princípio nessas regiões, limitando-se talvez, acrescentam aqueles jornalistas, a administração dos correios, da polícia de estrada e de alguns serviços comerciais.

O «Los Angeles Times» acrescenta que parece terem os Estados Unidos consultado a este respeito vários Governos, entre os quais provavelmente o francês e o soviético.

Em Washington, um informador do Departamento de Estado disse que não havia por enquanto qualquer comentário a fazer.

MANIFESTANTES PRESOS EM WASHINGTON

WASHINGTON, 1 — (R.) — A Polícia do departamento da Defesa prendeu ontem 14 manifestantes contra a guerra no Vietnam, que defronte do Pentágono celebravam uma missa, dita pelo rev. William Wendt, da

Igreja episcopaliana, em memória dos mortos. Esta foi a quarta semana de protestos em consequência dos quais foram já efectuadas 22 prisões.

NIXON NO PAQUISTÃO

LAHORE, 1 — (R.) — O presidente Nixon chegou hoje de avião a esta cidade, para uma visita de 22 horas ao Paquistão e conversações com o presidente Yahya Khan.

Esta cidade é a última etapa da viagem de Nixon à Ásia.

O Boeing presidencial

(Continua na 9.ª página)

A «BICA» INCLUINDO GORJETA



PREÇO: 2\$00

A partir de hoje, a gorjeta fica abolida nas relações entre o empregado e o público. Para substituí-la, haverá percentagens variáveis. Ficará resolvido o problema de muitos milhares de profissionais? Eis a dúvida... (LER NOTICIA NA PÁGINA CENTRAL).

JUSCELINO KUBITSCHKEK VAI COMPARECER PERANTE UMA COMISSÃO GOVERNAMENTAL

RIO DE JANEIRO, 1 — (F. P.) — O antigo presiden-



O antigo presidente brasileiro Juscelino Kubitschek, que vai comparecer perante uma comissão governamental que investiga os casos de ganhos ilícitos

te Juscelino Kubitschek foi mandado comparecer perante uma comissão governamental encarregada de estudar os casos de enriquecimento ilícito, segundo foi anunciado nesta cidade.

O antigo presidente deverá fornecer num prazo de 10 dias, à comissão de inquérito elementos que justifiquem a origem dos seus bens — dizem os meios próximos de Kubitschek. Referem estes meios que nem os advogados nem o próprio antigo presidente foram autorizados a seguir os trabalhos da comissão.

Esta comissão governamental foi criada em 13 de Dezembro passado pelo marechal Costa e Silva, após a promulgação do estado de excepção. Os trabalhos decorrem à porta fechada e não é publicado qualquer comunicado.

HOJE 32 PAGINAS
VISADO
PELA CENSURA

O CASAMENTO E A CONCORDATA

UM DOS TEMAS TRATADOS HOJE

EM

MESA REDONDA

Pedido um inquérito relacionado com o desastre de Edward Kennedy

WASHINGTON, 1 — (A. N.I.) O senador Edward Kennedy voltou ontem pela primeira vez ao Senado, desde o acidente de automóvel em que há quase duas semanas morreu Mary Jo Kopechne. Entretanto em Nova Bedford, no Massachusetts, o procura-

dor distrital Edmund Dinis, que é luso-americano, anunciou que pediria oficialmente um inquérito às condições em que se deu o óbito daquela secretária, que tinha 28 anos e colaborara na campanha eleitoral do senador Robert Kennedy.

Edmund Dinis decidiu insistir no inquérito cumprindo a lei estadual, apesar de outras autoridades terem já considerado encerrado o caso, surgindo em 18 de Julho, quando um carro conduzido por Edward Kennedy caiu de uma ponte

UM ABRIGO PARA O ANO 2000

Lá continua ao sol, tartaruginha de cimento, no areal, frente à enseada do Esteiro, em A Ver-o-Mar. Com seus olhos — postigos à flor da pele rugosa de batráquio, as suas bocas largas sorvendo todo o azul, barcos e sargaço da paisagem familiar. Com seus telhados, ondulações dromedária de abóbodas irregulares, onde se dorme bebendo do sol, donde eu e o Carriões lançamos papagaios de papel, pinchamos e conquistamos o mundo em redor, desde a Póvoa e do monte de S. Félix até Sto. André, Apúlia, em dias de nitidez Viana... quase. Com as suas abelhas carnudas de cogumelo, onde se lê ANTONIO JACOBETTY 59.

Ainda lá está... conserva ainda não apenas a assinatura, mas a forma da mão que a projectou e que num entusiasmo jovem e generoso, para suprir a falta de técnica dos operários locais quase a esculpiu, moldando em barro as abóbodas, onde ficou o contorno longuílino e nervoso — imobilizado como asa de pedra.

Era um sonho velho, mas não gasto, vinha da infância, quando os moinhos de A Ver-o-Mar moíam ainda e o Serrinha vigiava, atento, a mó. Um sonho que se pensa impossível. Um dia, muito mais tarde, anos passados, quando o velho moinho, morta a cantiga das velas, era só carcaça a apodrecer de solidão e abandono foi-me presente de amor. Mas como fazê-lo reviver, respirar uma nova função?

Onde encontrar alguém que soubesse soltar os ventos da imaginação, capaz de viver um sonho, de lhe dar corpo e de o fazer nascer da paisagem? Onde? Onde?

Final nem foi preciso um anúncio «Procura-se arquitecto incapaz de insultar o mar com uma casa quadrada que resista ao pitoresco de pequenidades miniaturais». Havia o António. Mas quereria ele deslocar-se, para estudar um abrigo, numa perdida aldeia de pescadores?! Tratava-se de um sonho? Sim! Sim! Sim! E aqui esteve a estudar a paisagem, desde Vila do Conde à Apúlia, as dificuldades do dinheiro pouco e sobretudo as de meter uma família muita em concha pequena, onde seria depois necessário enfiar alguma mobília, julgávamos nós, ignorantes... O projecto ultrapassou-nos: era o que nem sequer nos tínhamos atrevido a desejar. Um «hall» de distribuição, quarto de banho, cozinha, dois quartos e uma sala comum, no rés-do-chão e no corpo do velho moinho o quarto-rei, búzio redondo, de paredes espessas, que conservaria os nichos do moleiro e o janelo antigo, onde o sol nascia e donde haveria de vê-lo afogar-se, da janela a abrir sobre a enseada. E a intimidade

e a amplidão seriam dadas pelas abóbodas irregulares de alturas várias. E haveria camas em cimento, uma estante para mais de cem volumes, gavetas, armários, louceiros, banca... e uma mesa de lousa preta, sempre pronta ao pão e à amizade, implantada numa raiz de concreto!

Ver para crer! Começou-se pronto e logo. Os sustos

Atlântico, que outros olhos (já não os meus) daqui, verão acender-se a escada da cela, passar os vapores no mar longe, levantar-se o caos informe da bruma, que esconde a vida no seio fofo e a uma réstia de sol ou a um sopro, mudável, de vento nos devolve o mundo mais luminoso e mais lavado? Que outros olhos viajarão por estas águas, soltarão amarras

Por LUÍSA DACOSTA

de leiga que apanhei, enquanto o António fazia de trolha e amassava barro! — Aqui não se cabe! Mas cabia-se à medida em que as dunas de cimento cresciam frente ao Esteiro, num movimento e ondulação de areia. Ficou para mais tarde a vedação. Havia tempo. E nunca houve mais tarde... Quedou-se, capela imperfeita, como um sonho que não consegue fechar-se.

Quando a praia fica limpa das últimas «capelas» de sargaço, usadas como adubo nos campos, ainda fica a «capela» do meu quarto, assim lhe chamam



O arq. António Jacobetty que um desastre trágico matou faz hoje um ano

os pescadores. E na sua singeleza prestam a maior das homenagens a António Jacobetty, pois reconhecem que o abrigo se integrou na paisagem humana das «capelas» e «colmeiros» de sargaço — que é pão e suor de homens e mulheres da beirada. O resto são casas, mas o abrigo é casa e paisagem, farolim e pombal, que inclui reminiscências outras da Senhora da Guia e da cupula árabe e ribeirinha de Vila do Conde, quase ermidã de uma inexistente Senhora de entre-águas e areias. Pele de cimento da minha própria pele, caixinha de angústias, esperanças e dores minhas! Rompeu as paredes aquele grito, que se dissolveu no vento e nas espumas... «Cela branca do meu quarto, a que os pescadores chamam capela, como aos colmeiros, quilha e proa, meu navio de faz-de-conta, búzio, onde sempre ressoa a voz do mar e da antiga mó, que o Serrinha vigiava — até quando me abrigarás? Janela aberta sobre o



Os moinhos transformados em A-Ver-o-Mar, mesmo na orla do Atlântico, transformados pelo talento de António Jacobetty

ora diga-nos...

— Qual a bebida que prefere?

Com o calor que faz, a pergunta impunha-se! E, como se pode ver, as preferências não variam muito. Há quem mate a sede com bebidas quentes, no entanto... e dizem que dá resultado.



● Carlos Alberto Sousa Gomes, de 12 anos, passou para o 2.º ano do liceu, segundo nos afirmou com uma pontinha de orgulho.

— Gosto de laranjada, e é o refresco que tomo com mais frequência. Mata a sede! Olhe, aprecio também, de vez em quando, um calceizinho de «ponche» ou de gin-já...



● Aluna do 3.º ano da Escola Comercial Josefa de Óbidos, Júlia Maria Silva Piedade respondeu-nos:

— Nesta época, prefiro os refrescos, claro, e, dentre eles, os de laranja. Isto não quer dizer, no entanto, que não aprecie outras bebidas, como o vinho espumante, por exemplo.

● O sr. Correia da Fonseca, gerente de um banco, disse-nos:

— Água fresca! Bebidas alcoólicas, só quase por obrigação. Não me fazem mal à saúde, não, é apenas uma questão de nunca me apetecer tomá-las. Com este calor, bebo refrescos, o mais comum dos quais água gaseificada. Gosto de café, quando trabalho, e tanto o tomo quente como frio, em refresco.



DE ONTEM PARA HOJE

CENAS DE TRIBUNAL

Não é fácil a missão de julgar. Não só porque a Justiça é difícil de fazer, sendo necessário pesar as leis, as atitudes e intenções de infractores e as condições em que tudo decorreu e em que tudo se pode tornar em mais útil para a sociedade. Não é fácil a missão de julgar e os tribunais são autênticos barómetros por onde se pode bem aferir o ambiente de uma região de um país. Mas aparte o ambiente geral, há as cenas correntes, aquele extravasar de sentimentos recalçados, ódios e vinganças, ou aquela procura da liberdade a todo o custo, fugindo às responsabilidades de actos anteriores. Ainda agora, do tribunal do Barreiro saíram pelo tecto da sala onde aguardavam julgamento, Hélder Madruga Figueira, de 17 anos, e Adelino Alves dos Santos, de 16. Eram acusados de diversos furtos. Chegaram poré a Sarilhos Grandes, já de motoreta e lá foram apanhados, regressando à sala das audiências do Barreiro e ali foram condenados um a 22 meses e outro a 20 meses de prisão, numa prisão-escola, a ver se ainda se endireitam para serem úteis à sociedade. Outra cena, esta no tribunal de Aveiro. Foi julgado Manuel Ferreira, «o Lacerda», de 54 anos, acusado de furtos vários. Pediu ao corregedor para que a sentença lhe fosse comunicada em particular. O juiz não pôde aceder e leu-lhe os 28 meses de prisão, além de multas, etc. Pois acabou o dr. Artur Lourenço de ler a sentença, o réu desata numa enxurrada de insultos, naquela linguagem de verdadeiros comprimidos de língua de todas as colarejas do mundo. Novo auto e nova condenação por insultos ao tribunal. Mais oito meses de prisão e mais oito meses de multa...

CHAMAS DEVORADORAS

Violento incêndio destruiu em Taveiro um depósito de papel e parte da residência do sr. José Maria dos Santos. Supõe-se que tenha sido originado o incêndio por um curto-circuito. O rescaldo do incêndio durou umas horas. Ao mesmo tempo, de casa desapareceu um nelo, o pequeno Fernando Nuno Henriques Cabral, de 14 anos...

MEDICAMENTO DE MORTE

A Isaura Maria, de 5 anos, e o António Francisco, de 3, filhos do sr. Francisco Vicente, guardada da P. S. P., de Setúbal, tinham tido convulsões. Depois do almoço de ontem, uma vizinha lhes deu um remédio para valer aos doentinhos. Tomaram o remédio e uma hora depois sentiram-se mal os pequenos. A mãe, aflita, como se caísta, levou-os ao Hospital de S. Bernardo. Ambos morreram, esperando-se que a autópsia esclareça que remédio foi o que eles tomaram.

UMA DESGRAÇA NUNCA VEM SÓ

O serralheiro Manuel Fernandes da Costa, morador na Gafanha da Nazaré, tivera desaguisados com sua mulher e passou a maltratá-la. Esta foi para casa de uma irmã, levando a filha do casal. Aquele trabalhador dirigiu-se a Verdelhão, onde a cunhada mora, e como lhe dissessem nada saber procurou estrangular a cunhada. Depois foi a P. S. P. e tudo contou, exaltado como estava. Nesse momento uma doença súbita o tomou, indo para o hospital.

3.º CICLO

EXAMES DE 2.ª EPOCA
LABORATÓRIOS
Teled. 831416 (ao Chile)



Operações de Bolsa

BANCO DO ALENTEJO

A AMÉRICA EM BUSCA DE UM NOVO CAPITALISMO

I — CONGLOMERADOS:
PRÓ OU CONTRA

«Grandeza Limitada» era o título de um capítulo do livro de Frederick L. Allen intitulado «The Big Change». («A grande mudança»). Poderia ser a razão social de qualquer dos recém-chegados da economia americana: os conglomerados. O mais constante nos Estados Unidos é a mudança. O país apercebe-se neste momento, com espanto, de que o Mundo e a concepção dos negócios foram perturbados sem que se disso se tivesse acautelado. O Governo inquietou-se com o fenómeno. Na semana passada o Departamento da Justiça ameaçou atacar, em virtude da lei anti-«trust», o maior conglomerado dos Estados Unidos, a «International Telephone and Telegraph», se mantiver o seu projecto de absorver a grande companhia de seguros «Hartford Fire». A I. T. T. manteve realmente o projecto: não existe ainda jurisprudência que permita aplicar a lei anti-«trust» aos casos novos dos conglomerados. A I. T. T. bater-se-á só para ver... Os Bancos, por seu lado, transformados em sociedades «holding», vivem cada vez mais à margem da lei.

Estando em presença de um capitalismo novo ou da desagregação do capitalismo? Uma viagem de estudo organizada pela C. E. G. O. S. permitiu-nos reunir alguns elementos de resposta.

SÃO FRANCISCO, Julho — Na esquina da Grant Avenue com a Sacramento Street dois americanos compram gelados a um vendedor ambulante. Um deles levanta a cabeça e lê no modesto guarda-sol: Chemical Corp. International. «Decididamente já não nos podemos fiar em ninguém», conclui, examinando com suspeição o seu cone de gelado.

É deste modo que os cidadãos americanos espantados, travam conhecimento com os conglomerados. A sociedade Litton Industries, por exemplo, fabrica máquinas electrónicas, vende pratos cozinhados, constrói navios, dirige restaurantes, equipa escritórios, estuda o plano de desenvolvimento nacional para o governo grego, etc.

O cenário do Novo Mundo transforma-se.

Já não se fala dos reis de borracha, do aço, do petróleo ou do sabonete. Fala-se dos reis da expansão: de Tex Thornton, por exemplo, que

por
JACQUELINE GRAPIN

é o presidente do conselho de administração da Litton. Há quinze anos este negócio não era mais que uma pequena sociedade de electrónica. Em 1962 chegou ao 132.º lugar das maiores empresas americanas classificadas pela revista «Fortune». Em 1968 passou para o 44.º lugar. Emprega actualmente cem mil pessoas em vinte países. A noite, ao ar, conta-se entre dois «flashes» publicitários na T. V. que aos doze anos Tex Thornton fazia investimentos das suas pequenas economias ganhas durante o Verão em parcelas de terreno e que dois anos depois todos os cheques que emitia eram aceites na sua terra natal: o norte do Texas.

Ao lado da Litton não faltam outros conglomerados vedetas: a Ling-Temco-Vought,

por exemplo, uma sociedade que existia apenas há dez anos e que se permitiu no ano passado lançar uma oferta pública de compra de 425 milhões de dólares á quinta firma siderúrgica dos Estados Unidos, a Jones and Laughling Steel Corporation. Citamos ainda a International Telephone and Telegraph Company, a Gulf and Western Industries, ou Textron, empresa têxtil bastante pequena há vinte anos, mas que acaba de se oferecer ao «contrôle» da grande firma United Fruit.

Estas grandes empresas são as recém-chegadas da economia americana. Perturbando os hábitos do mundo dos negócios, são objecto das mais severas críticas em Washington, onde a regulamentação das suas actividades está na ordem do dia. Porquê? Em primeiro lugar, sem dúvida, porque as suas característi-



cas se revelam essencialmente diferentes das das firmas clássicas: são extremamente diversificadas, o seu crescimento faz-se por fusão ou absorp-

(Continua na página seguinte)

MEU DESGOSTO COSMOÍNDIO

BELÉM DO PARA — Verdade: naquela hora eu senti-me mais longe do mundo que o Armstrong e seus companheiros. Distante, tristemente ausente da plateia de milhões que acompanhou os astronautas no momento enorme da descida no satélite. Invejoso de todos esses tantos, astronautas de maple e de pantufas, que também alunaram, via TV. Mas a Lua não chegou ao Pará, a esta imensa região amazônica, ainda muito mais agarrada ao primitivismo do que voltada para os espaços cósmicos.

Os mesmos jornais que me dão notícias da viagem incomparável contam que, aqui neste mesmo Estado do Norte brasileiro, os índios estão em pé de guerra. Por causa de uma vigarice que lhes fez o ho-

mem branco, o que também é velho de séculos. O que aconteceu foi isto: indivíduos escrupulosamente despidos de escrúpulos uniram-se em sociedade e desataram a vender terras do mato paraense. Simplesmente, essas terras tinham-as o Governo cedido aos índios, com a garantia de que lhes não seriam retiradas. Depois começaram a chegar os compradores, afirmando os seus direitos. Os índios, muito naturalmente, afirmaram. Um representante do Governo tentou acalmá-los, prometendo que tudo seria esclarecido. Mas chegaram mais brancos a apropriar-se da terra índia. E não houve mais espera: desenterrou-se o velho machado da guerra!

Agora, encontraram o corpo de

um branco crivado de flechas. Exactamente: de flechas. Isto num Estado que tem por capital uma cidade progressiva, de mais de meio milhão de habitantes, e onde a gente que vive bem, vive bem mesmo. E isto a acontecer ao mesmo tempo que a aventura maravilhosa, que eu não pude ver. E eu tive pena sincera desses índios, tive pena desse branco, porventura inocente, que findou seus dias com uma morte anacrônica; mas o meu maior desgosto destes dias do sufocante Julho paraense, foi — eu, egoísta, me confesso — o não ter alunado convosco, felizes teleastronautas.

Belém do Pará, Julho de 1969.

MARIO ZAMBUJAL

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO



Rua Áurea, 202

LISBOA

Sindicato Nacional dos Protésicos Dentários

Rua Palmira, 66, r/c-Dt.º
LISBOA

CONVITE

Convida este Sindicato Nacional, os seus sócios a assistirem, no dia 2 de Agosto, às 21.30, na sede do Sindicato, a uma demonstração da técnica Ivotray, pelo Ex.º Sr. Dr. Aldo Jensen da firma Ivoclar.

A DIRECÇÃO

san remo

CADEIRA PARA EXTERIORES



FOC

SERVÍCIOS COMERCIAIS

Rua D. Calçada 177-A e C — LISBOA
Telefones: 63 89 81/6 — Apartado 1412
Rua do Bomfim, 806 — PORTO
Telefones: 334 84/340 31

Nota do dia

À PROCURA DE...

O DR. MELLO E CASTRO, da União Nacional, foi a Barcelos dar posse às novas comissões políticas daquela organização nos distritos de Braga e Viana. Reunião no teatro, segundo o noticiário, em marcha para as eleições que estão próximas, pouco mais de dois meses. O dr. Mello e Castro falou, como aliás competia às funções que desempenha, sublinhando muito as dificuldades da voluntária tarefa para que foi solicitado e a que se devotou. «Tarefa difícil», como repetiu o orador em «leit motiv», certamente havia de contar que ela fosse. Com as dificuldades com certeza.

O actual e activo «leader» da única organização política constituída no País não nos deu novidades políticas. Não admira aliás. Empossar comissões regionais é ocasião mais para acentuar pontos de uma orientação já apontadas de que para vir trazer coisas novas. De modo que, se quisermos encontrar algum ponto que valha uma interpretação, talvez o mais de realçar seja o tom geral do discurso, evidentemente entusiástico e propagandístico. Não se pode esquecer, como não esqueceu o dr. Mello e Castro, que estamos com eleições à porta. Esse foi o tom.

Não havendo novidades, houve talvez um propósito de sublinhar certos traços do «new look» de que o dr. Mello e Castro se fez portador quando foi chamado às funções em que tem vindo a exercitar-se. Talvez se encontre a imagem que lhe seja mais querida da sua exposição na palavra convergência, que empregou, «convergência de vontades livres, não unidade mecânica imposta pelo terror nas ruas ou pelo despotismo no Poder». Numa linha de desejada tendência de abertura do ambiente político do País, tais palavras têm algum sentido. Palavras que foram mais de compreensão que de retaliação. Já não é mau.

Não se pode ignorar a posição do orador. Não era um homem independente a falar, nem mesmo um ministro com preocupações de fazer sentir que um governo não é de um partido, mas do País. Era precisamente um homem de partido a falar em nome do partido para quadros do partido. Aliás, a palavra partido emprega-se aqui por facilidade, longe de ter o propósito de desafiar os que, da parte de dentro, teimam que não o é. Mas diga-se, por exemplo, a organização, que o dr. Mello e Castro diz de convergência. «Não vale a pena é zangarmo-nos», como disse, o que deveria ser verdade para todos.

Mas há quem se zangue. Há quem se zangue na convicção de que tem razões para isso. O espírito de uma desejada evolução reafirma-se. Nem sempre, porém, se pratica. Não se pratica, pelo menos, a todos os níveis. Mas é importante que se reafirme. Das palavras aos factos há sempre uma distância, naturalmente variável. Mas, sem que isto possa significar que nos contentamos com palavras, acreditamos na força delas; não fora isso, estaríamos nós aqui, diárricamente, por mero jogo lúdico, na vã tentativa de esgrimir com moinhos?

Mas ilusões não as temos nem as fomentamos. Quando o dr. Mello e Castro fala em convergência está dentro da razão. É uma palavra que envolve uma ideia, uma ideia a que ninguém será alheio, uma ideia que cada um pode albergar sem dificuldade em si mesmo. Podemos bem dizer que todo a gente quer a convergência, isso é certo. Mas cada um quer a sua, aquela de que cada um possa sentir-se o centro, o polo de atracção, a força aglutinadora. Cada um de nós quer o acordo, não para estarmos de acordo com os outros mas para se porém os outros de acordo com a gente. Onde está o pensador que... que seja ele mesmo capaz de encontrar o ponto? Mas não acertará se julgar que o jogo continua a ser o mesmo. O mundo hoje já é outro.

AS PESSOAS DE BOM GOSTO

USAM ÓCULOS

Bersol

PATENTE ITALIANA

A VENDA SÓ NOS OCULISTAS

A AMÉRICA EM BUSCA DE UM NOVO CAPITALISMO

(Continuação da pág. anterior)

ção doutras empresas e a sua política é em primeiro lugar uma política financeira.

A expansão também se vende

Os conglomerados são muito mais diversificados do que as empresas clássicas, mas não são sociedades «holding».

Citou-se o exemplo da Litton. Os outros são comparáveis a este. A diferença fundamental entre um conglomerado e uma empresa tradicional consiste no facto de o primeiro gerir e dominar operações de tal modo diversificadas que nenhuma economia de escala é possível graças à reunião de operações de produção, gestão «control» e promoção de vendas. O objectivo dum conglomerado não é, de resto, fazer semelhantes economias quando concentra actividades. Em contrapartida este é um dos objectivos prioritários das outras empresas.

Mas um conglomerado também não é uma sociedade «holding» porque não se contenta em deter o capital de filiais. Tem a responsabilidade do conjunto da sua direcção e da sua gestão.

Ao contrário das sociedades tradicionais, cujo crescimento provinha principalmente do aumento das vendas, os conglomerados aumentam principalmente «por via externa», quer dizer absorvendo outras empresas. E assim que são responsáveis, na sua maior parte, pelo maior movimento de concentração de empresas de todos os tempos.

Os Estados Unidos já tiveram duas vagas de concentrações. A primeira, de 1897 a 1902, incidiu em 1200 operações, das quais saíram sociedades como a U. S. Steel Company, a U. S. Rubber Company, etc. A segunda vaga começou em 1924 para terminar em 1930: incidiu sobre 1250 concentrações, combinações horizontais ou verticais de firmas que se agrupavam em volta duma actividade de produção.

Só em 1968 cerca de duas mil sociedades desapareceram por fusão ou absorção. Por outras palavras, o movimento teve tanta amplitude num ano como durante cada uma das «vagas» anteriores. Chegou na hora actual a um ponto culminante. Nada menos de 4462 operações deste género foram estudadas em 1968, e muitas delas «amadureceram» este ano. No primeiro trimestre de 1969 houve 815 concentrações efectivas, número este que representa um aumento de mais de 72% em relação ao mesmo período do ano anterior. Mais de 5700 concentrações estão previstas em 1969! «Chegámos ao ponto em que um director se sente culpado se não está a adquirir qualquer coisa», dizia recentemente o sr. Mac Laren, chefe da divisão anti-trust do Departamento de Justiça.

Os gabinetes consultivos de concentração surgem por toda a parte e fazem fortuna. O mais célebre, o de W. T. Grimm (Chicago), gaba-se de apresentar pelo menos dez compradores a cada cliente vendedor da respectiva empresa. Segundo ele, de resto, «nem sempre é a grande sociedade compradora a fazer a primeira abertura». Os preços das transacções não param de subir: no ano passado as aquisições faziam-se, em mé-

dia, a uma taxa de capitalização correspondente a vinte vezes os lucros das sociedades absorvidas; hoje é preciso contar pelo menos com vinte e três vezes. Uma Bolsa de Concentrações acaba de abrir em São Francisco da Califórnia, onde se encontra o maior número de indústrias de ponta e as sedes dos conglomerados mais activos. Cuidado com as sociedades tradicionais do Leste! O movimento conglomerante é um tanto a vingança do Oeste.

As motivações dos conglomerados são essencialmente financeiras e as tradições metodológicas da velha Inglaterra não embaraçam os novos reis dos negócios. Eles já não vendem produtos a consumidores: vendem expansão a accionistas. Ora

é a única que verdadeiramente justifica concentrações. É aquela que entra em consideração nas empresas clássicas e a única que até ao momento se faz jogar na Europa. Os conglomerados, quanto a si, inventaram variadas aplicações do segundo método, de que juntamos um exemplo. Tirar-se-ão dele as conclusões que se impõem.

Última característica da política financeira dos conglomerados: trabalham tanto quanto possível com o dinheiro dos outros e o crescimento da sua dívida é excepcionalmente pesado em relação ao capital fixo. Nas sociedades geridas tradicionalmente, como a U. S. Steel, a General Electric ou a I.B.M., por exemplo, a relação é respectivamente de 27,24 e 12%.

COMO AUMENTAR OS LUCROS POR ACÇÃO

SEM AUMENTAR O TOTAL DOS LUCROS

Vários métodos são possíveis. O seguinte é amiúde utilizado pelos conglomerados para fazer aumentar todos os anos os dividendos por acção e manter, deste modo, uma excelente cotação dos seus títulos na Bolsa.

O conglomerado C, com o capital de um milhão de acções cotadas cada uma em 50 dólares na Bolsa, e dando cada uma de dividendo um dólar, propõe à sociedade S absorvê-la. Esta é formada — por exemplo — por um milhão de acções cotadas a 10 dólares e dando de dividendo um dólar. O conglomerado oferece-se para pagar os títulos S a 15 dólares em acções C do seu próprio capital. Paga, portanto, com 500 mil acções C a 30 dólares (ou seja, no total, 15 milhões de dólares).

Quando a operação está terminada, o conglomerado C capitaliza 1,5 milhões de acções C a 30 dólares. O rendimento global de todos os títulos é de 2 milhões de dólares (duas vezes um milhão de antigos títulos, que dão 1 dólar, ou seja 1,33 dólares por acção em vez de 1 dólar na origem).

Os accionistas da sociedade S ficam satisfeitos por terem obtido 15 dólares por títulos que valiam 10. Os homens do conglomerado C sentem-se felizes por ver o rendimento das suas acções, passou de 1 para 1,33 dólares. Criaram-se lucros sem melhorar em nada a produção, nem a gestão, nem os resultados iniciais.

Como explicava «Fortune» no seu número de Fevereiro de 1969, o paradoxo em semelhantes operações é que o conglomerado tem interesse — ou parece ter interesse — em absorver uma empresa mal gerida de preferência a uma empresa bem gerida. Com efeito, quanto mais baixa for a cotação das acções da sociedade pretendida na Bolsa, mais a operação é vantajosa para a sociedade absorvora, tanto mais que se os activos forem mal explorados pode ainda melhorar os lucros depois disso.

como os accionistas são cada vez mais investidores institucionais que consideram quase exclusivamente os resultados, ou passam por estes investidores, toda a técnica consiste em fazer crescer tanto quanto possível os lucros aparentes.

Deste modo os conglomerados procuram primeiro lançar-se nos sectores em que os lucros são maiores. Foi assim que se pôde ver companhias ferroviárias como a Chicago and Northwestern Railway lançar-se na exploração de cadeias de hotéis, afirmando: «Para quê investir nos caminhos-de-ferro, que dão 3%, quando outras actividades dão 10 a 15%?».

Os conglomerados procuram seguidamente fazer operações de concentração em que se jogue o chamado princípio da «sinergia»: dois mais dois igual a mais que quatro... A bonificação pode ser obtida devido a economias de escala ou a manipulações financeiras. A primeira causa

Nos conglomerados como a Gulf and Western, Teledyne ou Indian Head a relação é de 63, 57, 56%... Além disso inúmeras operações de absorção são financiadas por meio de obrigações convertíveis ou de emissões de novas acções: tal foi o caso para 64% das concentrações em 1968. Os espiritos mais críticos consideram que semelhantes métodos consistem em financiar a compra duma sociedade com a ajuda do seu próprio activo.

Os dirigentes das sociedades cobicadas não estão sempre de acordo para deixar efectuar semelhantes operações. Resta então um recurso aos compradores: apelar para os accionistas com uma oferta pública de compra. Houve 249 nos Estados Unidos em 1968. Nove em cada dez eram de conglomerados, um décimo partiu da iniciativa de outras empresas: em 1950 os conglomerados só eram responsáveis por um terço das O. P. A. De facto o processo é corrente além-

Atlântico, mas não se pode dizer que seja ali mais bem visto que em França. É o assunto tabú dos almoços de negócios, e quando é levantado o anátema segue-se de bailes apaixonados. O vocabulário traduz a profunda divisão dos espiritos: o termo enérgico de «take over bids» é utilizado pelos adversários irredutíveis para designar as O. P. A., enquanto os defensores do método lhe dão o nome encantador de «tender offer» («ofertaterna»).

Desinchar o fole

Os próprios conglomerados acabam de ver-se publicamente postos em causa. Há pouco tempo eram o «Jesus» de Wall Street. «Tome-se como exemplo uma pequena sociedade que fabrica atacadores há quarenta anos, transforme-se o seu nome de Shoelaces Inc. em Electronics and Silicon, etc., e a sua cotação duplica de valor», dizia Jack Dreyfus, director de um dos maiores fundos de investimento de Nova York. Quando no início de 1968, após um período de entusiasmo colectivo, a Litton Industries anunciou lucros nitidamente inferiores aos que se esperavam, a cotação dos seus títulos diminuiu de metade em relação ao ano anterior, tendo perdido dois terços do seu valor as acções de alguns outros conglomerados. Bastou que houvesse uma suspeita de que o lucro talvez não fosse a mesma coisa que o rendimento, a produtividade, a eficácia, para o vento mudar.

Além disso os dirigentes dos conglomerados, senhores de competências essencialmente financeiras, encontravam-se, no fim dum grande período de crescimento, a braços com problemas de gestão. Em cinco anos, a sociedade Automatic Sprinkler, por exemplo, fez crescer o seu volume de negócios de 22 para 325 milhões de dólares, absorvendo umas vinte empresas que fabricam tudo, desde os motores até às luvas de «baseball». Os lucros caíram de 1,43 dólares para 10 céntimos por acção de 1967 a 1968, e as cotações baixaram de 74 para 10. «A Sprinkler adquiriu as suas empresas demasiado depressa para poder estudá-las seriamente. Algumas encontravam-se combaleantes e ninguém do Estado-Maior teve tempo de as consertar» lia-se recentemente na «Fortune» a propósito deste caso particular.

Ao mesmo tempo começava a perceber-se os inconvenientes que podiam resultar da implantação dos conglomerados. Censurava-se-lhes em primeiro lugar o facto de lançarem a desordem e a insegurança no mundo dos negócios: as ameaças de sanção duma má gestão por uma O. P. A. são um acto saudável, mas é preciso que não sejam demasiado. As condições de concorrência correm igualmente o risco de se verem ameaçadas por estas grandes sociedades diversificadas, que podem compensar perdas num sector por lucros noutra e eliminar assim os produtores especializados em certos mercados. As fortes sociedades tradicionais não se privavam, aliás, de argumentar contra os conglomerados, concorrentes ameaçadores.

Uma «tremenda» concentração de poderes encontrava-se em poder dos dirigentes de alguns conglomerados. O

governo começava a inquietar-se com isso. «As O. P. A. obrigam a emitir moeda. São as sociedades, e não o Governo, que emitem mais fortemente moeda sob a forma de títulos para pagamento das suas aquisições. Se esta espécie de crédito fosse limitada, o facto travaria a inflação», dizia recentemente Heinz Biel, correitor em Nova York.

Num período de dinheiro «caro», como é o caso actualmente, e tendo em conta os seus métodos, os conglomerados procuram dinheiro fresco absorvendo sociedades às quais «desengorduram» os activos, companhias de seguros e mesmo Bancos. Auto-financiando-se cada vez mais, dependem cada vez menos das condições de funcionamento do mercado financeiro. Em suma: fazem o que querem.

Por fim, estas empresas beneficiam abusivamente de disposições fiscais de que fazem aplicações não previstas. Deste modo, e como as perdas duma sociedade absorvida são deduzíveis dos lucros da sociedade absorvora os conglomerados, graças a absorções, fazem interessantes arbitragens entre o preço da aquisição de sociedades e os impostos a pagar sobre os lucros. Estas operações são facilitadas pelo facto de a venda duma sociedade a outra, se for paga em acções da sociedade absorvora, não ser considerada uma transacção tributável. Além disso os juros das obrigações ou dos empréstimos emitidos para remunerar os accionistas duma sociedade absorvida são deduzíveis dos lucros tributáveis exactamente da mesma forma que um particular deduz dos seus rendimentos os juros dos seus empréstimos hipotecários. Finalmente as grandes sociedades americanas beneficiam para as respectivas filiais, quando são bastante pequenas, das mesmas vantagens que as pequenas e médias empresas.

A reforma fiscal estudada actualmente, em especial pelo senador Wilbur Mills, prevê a limitação ou a supressão do campo de aplicação destas disposições. Por seu lado a «Federal Trade Commission» acaba de tornar obrigatório a declaração prévia, pelas sociedades, da sua intenção de absorver outra sociedade ou de se fundir com ela. Foi elaborado nessa ocasião um questionário que deve permitir à F. T. C. formar uma opinião acerca das consequências possíveis de cada concentração, designadamente sob o ponto de vista das condições de concorrência.

Este questionário é de tal modo pormenorizado que inúmeras sociedades hesitam antes de o preencher. As concentrações projectadas são mantidas de futuro num ambiente de incerteza legal apropriado para refreá-las, tanto mais que a «Securities and Exchange Commission» (espécie de comissão de regularização das operações da Bolsa) estuda actualmente, com espírito crítico, os diferentes métodos de utilização do crédito para financiar as ofertas públicas de compra.

Sem dúvida que Richard Mac Laren é quem ameaça mais a evolução dos conglomerados. A lei anti-trust era aplicada até agora de modo a impedir que uma empresa possuísse demasiada posição no mercado e falseasse as condições da concorrência em cada sector da indústria. A habilidade dos

conglomerados consistiu em fugir a isso diversificando-se e operando em vários sectores, alijando deste modo uma dimensão que teria sido legal se tivessem trabalhado num camente num ramo de indústria. O chefe da divisão

O perigo dos exágeros

Duas mil empresas desapareceram o ano passado por fusão ou por absorção nos Estados Unidos. Há quem se inquiete com isto Washington. Mas não «exagamos que no mesmo ano, e no mesmo país, 12 mil outras firmas, ou seja seis vezes mais, desapareceram por falência, e 207 mil sociedades novas foram formadas. Os 43 bilhões de dólares de acções trocadas por ocasião das concentrações representam, apesar do seu número impressionante, menos de 4 por cento da capitalização bolsária total das empresas americanas.

anti-trust» do Departamento de Justiça entende fazer admitir que esta lei é mais amplamente aplicável, e declarou «pronto a perder um processo para ficar com o coração tranquilo». Deste modo a interpretação da clássica secção 7.ª do «Clayton Act» («uma concentração é ilegal se reduz substancialmente a competição ou tende a criar um monopólio») será em breve um dos «problemas» a apresentar aos juizes do Supremo Tribunal, porquanto Mac Laren acaba de atacar com esta base a aquisição da sociedade Jones and Laughlin Steel Corp. pela Ling-Temco-Vaugh. Se ganhar, será declarada guerra aos conglomerados. Atribuem-lhe a intenção de iniciar processos sistemáticos contra qualquer concentração referente a uma das duzentas maiores empresas americanas. Os conglomerados e o Governo encontram-se ao mesmo tempo a procura duma estratégia nova, aqueles para consolidar o seu potencial, este para o limitar.

Festival desportivo no Jardim Zoológico

Numa organização da secção de ciclismo do Benfica realiza-se no dia 3, no Jardim Zoológico, um interessante festival desportivo.

O programa é o seguinte: Exibição do Rancho Folclórico Ceifeiros da Bemposta de Bucelas e da classe de ginástica dos 9 aos 13 anos do Clube de Instrução e Recreio do Laranjeiro; Futebol de Salão entre o Sport Lisboa e Benfica e o G. D. P. de São Roque; exibição de luta entre atletas do S. L. Benfica; apresentação de hóquei em campo de seis do S. L. Benfica, pelos campeões nacionais de juniores; exibição das patinadoras do S. L. Benfica; hóquei em bicicleta entre o S. L. Benfica e o G. D. Os Nacionais do Campo Grande; apresentação dos judocas do Judo Clube de Portugal, dirigido pelo mestre japonês Kiysshi Kopyash.

A CORRIDA DA IMPRENSA

Criámos a Corrida da Imprensa, inicialmente Festival, com as mais destacadas figuras, apenas pelas despesas de viagem, mas é com compreensão e satisfação que felicitamos os organizadores da de ontem pela ambicionada enchente e pelos contratos dos dois matadores andaluzes que aqui temos celebrado ultimamente, «Paquirri» e Cortés. Vimos-los a ambos nas corridas da Feira de Sevilha, a Cortés apenas nas deste ano, e sem Paquirri em quem reconhecemos a existência de um toureiro da completa entrega, que não é permanente nos que se limitam sem se limitarem nas exigências, máximos honorários e mínimos touros.

Os touros de José Lico eram grandes, os de cavalo, proporcionados à lide portuguesa os de a pé, e foi bravo o primeiro, admiravelmente lidado por David Ribeiro Teles que nos seus dois ouviu ovações e deu voltas

à arena, bem justificadas no seu segundo que se encostava às tábuas, pelo que o bom cavaleiro de Coruche houve de executar a difícil sorte de a sesgo, consumando-a duas vezes com êxito. José Maldonado Cortés, já tem adversos, por que é dos que chegam ao público e despertam paixões, mas foi aplaudido pelos partidários e deu volta no seu primeiro, recusando fazê-lo no outro por causa das más moscas que picam.

Quanto aos dois andaluzes, vendo-os juntos, basta comparar, como dizem os dos detergentes, Paquirri lava mais branco, a roupa vermelha da capa e da muleta fica mais limpa que a de Cortés, basta comparar. «De Sevilha abajo está el ajo» e o de Barbate toureira melhor, perfeito nos lance de capa e superior com a muleta, com ambas as mãos, como ontem se viu, e ouviu com musica e boas e quentes ovações, e no entu-

siasmo das volta á arena com ida ao centro. E vem aí o irmão, «Riverita», que também é de Barbate! Cortés, vulgar com a capa, não se pára com a muleta e exhibe fantasias absurdas, como pseudas «Arruzinas», e foi mais um «Chicuelinero» numa intervenção que teve num touro de «Paquirri». Deu volta no primeiro porque o público de ontem se deixou levar pela brisa da noite e Joaquim de Oliveira que dirigiu bem a corrida teve até a generosidade de lhe dar musica. No último foi aplaudido e deu volta á arena.

Bem pegaram os amadores de Santarém, a começar pelo seu cabo, Rui Souto Barreiros, um cabo que é bom tenente do grupo, e depois Tavares e Brillante, que o é, e o bravo Mascarenhas Bravo.

Como na corrida anterior mereciam volta á arena os

dois campinos, e se um bicho foi refractário é porque os touros bravos sentem desprezo pelos mansos que se empregam em missões inferiores, como dizia o ganadeiro-poeta que foi Fernando Villalon.

Bem bandarilharam Timoca, Manuel «Badajoz» e Barreto, e bem bregaram Batacum e Manuel dos Santos, o do «Campino», «Paquirri» não bandarilhou como lhe pediram por estar ainda contuso da colhida que sofreu numa perna e que lhe impede correr. Cortés não sabemos se o faz, o que aliás não é obrigatório para matadores, esperamos tornar a vê-lo melhor.

Aceitou presidir á Corrida da Imprensa o sr. prof. dr. Marcello Caetano que foi saudado com palmas e a quem brindaram sortes os cavaleiros, os pegadores e os chamados «matadores».

«El T. Perez».

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO SÃO JORGE

TÍTULO — «O Escroque Elegante» («Fitzwilliam»).

REALIZAÇÃO — Delbert Mann.

INTÉRPRETES — Dick Van Dyke, Barbara Feldon.

Baseando-se numa história divertida mas não muito original, Delbert Mann construiu com á-vontade e desenvoltura uma comédia muito simples e simpática. São estas as grandes qualidades a apontar neste filme que nos narra as aventuras de um mordomo-também-ladrão, que conseguiu organizar uma muito completa quadrilha

com os criados que dirigia. Mas a quadrilha é pacífica, afável, jogando em certos truques de evidência (o roubo feito tão descaradamente que todos o vêem e até a polícia ajuda...) e em certas manobras que quase nem chegam a ser ilegais (apostas, pequenas falsificações, etc.). Como é natural, o produto do roubo escapa-se-lhes (é este o termo) para obras de caridade.

Na interpretação desta fita engraçada, mas vulgar, temos, além de uma excelente Edith Evans, um Dick Van Dyke bastante pouco convincente e uma muito bonita, elegante e agradável Barbara Feldon, a quem ficamos a dever alguns dos melhores momentos do espectáculo.

E. P. C.

LIMPEZA E RESTAURO DE CARPETES

V. Ex.ª vai para fora? Aproveite a oportunidade para mandar limpar, restaurar ou tingir os seus tapetes.

Consulte os serviços técnicos da FÁBRICA DE TAPEÇARIAS SULTÃO

Pedidos aos escritórios: Rua Conde Redondo, 64, 2.ª Dir. Telefone 59288 ORÇAMENTOS GRÁTIS

J.J. GONÇALVES, SUCRS. S.A.R.L

DIVISÃO DE ELECTRODOMÉSTICOS E EQUIPAMENTO INDUSTRIAL

ZANUSSI NAONIS



Informa que a partir de 30 de Junho muda as suas instalações em Lisboa passando a funcionar os seus serviços nos locais a seguir mencionados:

DIRECÇÃO
SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS
SERVIÇOS COMERCIAIS
EQUIPAMENTO INDUSTRIAL
SALA DE EXPOSIÇÃO

na Av. Elias Garcia, 123-3ª telef. 776052/3 e 777297

SERVIÇOS DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA
PEÇAS E ACESSÓRIOS

na Travessa do Noronha, 19 telef. 676514/676548/676887

ARMAZÉM GERAL

na R. do Vale Formoso de Baixo, 114-A (a Cabo Ruivo)
telef. 383873 e 384797



O MEDO DA DOBRAGEM

1. O que penso

Leindo o «Diário de Lisboa» da última sexta-feira, 25 de Julho, vi por acaso o meu nome citado na página 5, num texto assinado por Lauro António. Falava-se, aí, contra a dobragem dos filmes, e, havendo tanta gente boa que a preconiza e não apenas eu, só eu merecia no entanto a honra de uma citação especial. A intenção é transparente. Pois desta vez, como estou bem disposto, vou fazer a vontade a Lauro António: não me recusarei a dois dedos de conversa.

Antes de mais nada, e pelo respeito que devo ao público em geral, começarei por esclarecer (embora resumidamente) o que penso sobre a dobragem em português de filmes estrangeiros. O que preconizo a esse respeito é e sempre foi o seguinte:

A) Dobragem obrigatória

Por ANTÓNIO DE MACEDO

para TODOS os filmes estrangeiros;

B) Os filmes de indiscutível mérito artístico serão TAMBÉM passados em versão original, em cinemas de «arte e ensaio».

As razões que eu, como profissional de cinema (e não como espectador dileitante) invoco em apoio desta posição, já as publiquei em vários locais, e não vale a pena portanto estar a repeti-las.

Claro que me repugna tanto como a qualquer pessoa normal ver a Anna Magnani dobrada pela Maria Rosa, mas para isso lá está a alínea B) a salvaguardar esses legítimos interesses estéticos. Mas já me é de todo indiferente ver a «Helga», o «Capricho Cigano», «A Quadrilha do Grande Cérebro», «Um Certo Sorriso», ou a «Conspiração Internacional» em português ou chinês. Dos

400 filmes estrangeiros que se exibem por ano em Portugal, 350 são deste último tipo.

2. Pensar no povo

É preciso conquistar para o cinema o povo português, e não apenas os meios mais evoluídos das grandes cidades. Não esqueçamos que Lisboa e Porto, que pouco mais totalizam do que 1 milhão e 300 mil habitantes, detêm mais de 70% da totalidade de espectadores do País ao passo que os restantes 8 milhões e 700 mil fornecem pouco mais de 25% do total desses espectadores. É um desequilíbrio inquietante. Recuperar essa grande massa para o cinema é uma tarefa gigantesca, sobretudo por que há vários factores a considerar: além do baixo nível cultural, acresce o fraco poder de compra, já para não falar no despovoamento rural dos elementos mais válidos (emigração, atracção urbana).

Entre outras medidas (que não interessa aqui abordar, porque não cinematográficas), a dobragem constituiria sem dúvida uma achega importante. Deixaria as grandes massas mais aptas a penetrarem «mais livremente» na imagem, em vez de serem obrigadas a «lestrar» muitas vezes sem perceber. A alfabetização literária terá de ser dada pelas escolas, e não pelo cinema. Este terá, sim, que promover a alfabetização cinematográfica, — e já não é pouco!

Por conseguinte os que são contra, só pensam em si próprios e nas elites.

3. Os poderes

Claro que uma das consequências imediatas da dobragem seria obrigar os importadores e outros exploradores do filme estrangeiro (os grandes negociantes do nosso cinema) a investirem os seus capitais na indústria cinematográfica portuguesa, seus técnicos e artistas. (Os que são «contra» estão conscientes ou inconscientemente a colaborar com o jogo mais seguro da alta finança cinematográfica).

Por isso mesmo não vos aporquenteis, Lauro António e Eduardo Prado Coe-

lho: a dobragem obrigatória não tem qualquer «chance» de ser imposta em Portugal, porque há «interesses» mais vastos e mais fortes do que meras considerações de cultura ou de trabalho profissional. Segundo consta, a Nova Lei do Cinema limitará a levantar a actual proibição da dobragem, e nada mais.

É evidente que vai ficar tudo na mesma, ou pouco menos, para grande gaudio de meia dúzia de críticos «snobs», porque os exploradores da mercadoria cinematográfica não vão dispendir 80 ou 100 contos com a dobragem de um filme, quando a simples legendagem lhes custa apenas 10 ou 15.

É curiosa e sintomática esta coincidência de pontos de vista. Estou convencido que se se fizer um inquérito, verificar-se-á que os trabalhadores do cinema, na sua maior parte (os autênticos, os tais que ganham o pão com o suor do celulóide) são favoráveis à dobragem.

4. Andar parado

Bom. Agora que já falá-

(Continua na 14.ª página)

ESTREIAS DE HOJE

No Condes e Roma

Título em Português — «O Homem, a Mulher e o Dinheiro».

Título original — «The Man, The Woman and The Money».

Produção — Italiana. Realização — Luciano Salce.

Intérpretes — Marcello Mastroianni, Pamela Tiffin e Virna Lisi.

Género — Comédia. Distribuição — Filmes Castello Lopes.

Processo — Panavision Metrocolor. Classificação — Adultos.

No Europa

Título em Português — «Duelo de Vingança».

Produção — Americana. Realização — Howard Christie.

Intérpretes — Leslie Nielsen, Don Galloway e Dannelly Rhodes.

Género — Aventura. Distribuição — Sonoro Filme.

Processo — Technicolor. Classificação — 12 anos.

FEIRA POPULAR de LISBOA

A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE «O SÉCULO»

NOITE ELECTROLUX

HOJE—NOITE DE FESTA E ALEGRIA—HOJE

ABSOLUTAMENTE GRÁTIS EXIBIÇÃO DA MARCHA DA MOURARIA 1.ª CLASSIFICADA EM 1969

UM PROGRAMA DE VARIEDADES NO TEATRO ARCO-ÍRIS COM OS CATEGORIZADOS ARTISTAS

FERNANDA BATISTA — ROSITA AFONSO TRISTÃO DA SILVA

COLABORAÇÃO DO CONJUNTO MUSICAL «5 DE OUROS»

APRESENTAÇÃO DE JOSÉ MANUEL

As 23 HORAS

ENTRARÃO NO RECINTO DA FEIRA

O SR. ELECTROLUX — A SR. ELECTROLUX E A MENINA ELECTROLUX

QUE ENTREGARÃO, RESPECTIVAMENTE, 1.000\$00 — 500\$00 E 250\$00 A QUEM OS LOCALIZAR

AS 24 HORAS

SORTEIO DE UM MAGNÍFICO FRIGORÍFICO ELECTROLUX

APENAS POR 1550 DO BILHETE DE ENTRADA TEM AO SEU DISPOR, GRATUITAMENTE, TODO ESTE GRUPO DE SENSACIONAIS SURPRESAS A FEIRA QUE ABRE AS 19 HORAS, ESPERA POR SI

Lima Kim (vedeta) está de novo a cantar no Casino Estoril

Realçado pela beleza fulgurante das Bluebell Girls, nas noites estivais da nossa Costa do Sol, brilha mais um «cartaz de music-hall», em que figuram os nomes de Lima Kim, The Charivels e Lídia Ribeiro, além de Shagundo Galarza e o seu conjunto, Jirina's Combo e Ferrer Trindade com a sua orquestra. São estas as «vedetas» que, presentemente, actuam todas as noites no Casino Estoril, num espectáculo de rara beleza plástica e invulgar nível artístico.

Aos graciosos movimentos coreográficos das gentis bailarinas parisienses vem somar-se a presença agradávelíssima de Lima Kim, a artista sul-coreana que conquistou o nosso público quando da sua primeira apresentação no Estoril. Repete-se o êxito, pois as qualidades vocais de Lima Kim permanecem intactas e a simpatia pessoal da artista não sofreu a menor modificação. Bastaria dizer

que está igual a ela própria, mas pode afirmar-se que Lima Kim voltou ainda mais artista, enriquecida pela experiência adquirida na sua longa «tournée» pela Europa. Além de justamente a aplaudir, o público terá ainda de lhe agradecer o facto de manter no seu repertório as duas canções portuguesas que cantou quando veio até nós pela primeira vez.

Excelentes também — e igualmente nossos conhecidos, pois vieram à inauguração do Casino — são «The Charivels», acrobatas prodigiosos, com alguns exercícios aparatosos e, sobretudo, com uma noção certa do que é espectáculo. A fama de que gozam em todo o Mundo está perfeitamente justificada.

A valorizar este novo show do Casino Estoril exhibe-se, no «Wonder Bar», a artista Stormy Summers, atracção disputada pelas mais elegantes «boîtes» europeias.

61.^a SEMANA

TIVOLI

MÚSICA NO CORAÇÃO

RICHARD HAYDN | ELEANOR PARKER | ROBERT WISE | RICHARD RODGERS | OSCAR HAMMERSTEIN II

MONUMENTAL DE CASCAIS

DOMINGO 3 DE AGOSTO
As 17,30 h. M/6 anos
IMPONENTE CORRIDA SÓ COM TOUREIROS PORTUGUESES

OS CAVALEIROS DOS ÉXITOS EM PORTUGAL
Mestre Batista — L. Miguel da Veiga
OS DOIS ESPADAS DE VILA FRANCA DE XIRA QUE LUTAM PARA UM PRIMEIRO LUGAR
José Júlio — Mário Coelho
OS FAMOSOS FORCADOS AMADORES DE ÉVORA COMANDADOS POR JOÃO NUNES PATINHAS
8 PRECIOSOS TOIROS DE JORGE TOMÁS DA COSTA
PREÇOS SENSACIONAIS
SOL DESDE 25\$00 — SOMBRA DESDE 80\$00
BILHETEIRAS:
LISBOA — AGÊNCIA ABEP — RESTAURADORES EM CASCAIS — NOS LUGARES DO COSTUME
TELEF. 281007

IMAGEM DO DIA

Prossegue hoje a carreira extraordinária do, sem exagero, MAIOR ÊXITO CINEMATOGRAFICO DE TODOS OS TEMPOS: «MUSICA NO CORAÇÃO», rigoroso exclusivo do TIVOLI. Entra na sua 61.ª semana de exibições e continua a

atrair muita gente que ainda não viu a famosa película, interpretada pelo célebre par: JULIE ANDREWS e CHRISTOPHER PLUMMER.

Repetimos: é um RIGOROSO EXCLUSIVO DO TIVOLI.

**NOVO
CASINO
ESTORIL**



SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS
DAS 15 AS 3 HORAS
"SLOT MACHINES"
ACESSO LIVRE
MAIORES DE 21 ANOS



**LIMA
KIM**
vedeta
Sul-Coreana
da
canção

THE CHARLIVELS

FAMOSOS COMEDIANTES DA ACROBACIA

LIDIA RIBEIRO



**BLUEBELL
GIRLS'
SHOW**

SEGUNDO GALARZA e seu conjunto
JIRINA'S COMBO
FERRER TRINDADE e sua orquestra

no grande salão restaurante às 23.30h m/17 anos no wonder bar à 1.00h m/21anos

STORMY SUMMERS

SÓ NO WONDER BAR

No CINEMA, às 17 e 21 e 30 h.
FANTOMAS PASSA AO ATAQUE
(M. 12 anos)

DE NOVO...

UM DOS MAIS APLAUDIDOS FILMES DA HISTÓRIA DO CINEMA!



Darryl F. Zanuck
APRESENTA
GREGORY PECK
DOROTHY MCGUIRE
JOHN GARFIELD

MAIORES 12 ANOS

**A Luz é
para Todos**

(GENTLEMAN'S AGREEMENT)

UM FILME DE ELIA KAZAN

MC ASTORIA FILMS WARNER SEVEN ARTS

A partir de HOJE
às 21,45 no

ALVALADE

SINTRA ESPERA-O

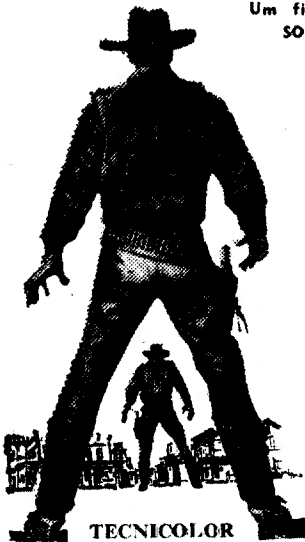
NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize
os comboios eléctricos.

SÓ AS SUAS PISTOLAS E A
SUA CORAGEM PODIAM SALVAR
UMA CIDADE EM DELÍRIO!

M/ 12 anos

Um filme UNIVERSAL
SONORO FILME



DUELO DE VINGANÇA

BOBBY DARIN · EMILY BANKS

LESLIE NIELSEN · DON GALLOWAY · DONNELLY RHODES

Screenplay by BERNIE GILER and JOHN D.F. BLACK Directed by WILLIAM HALE Produced by HOWARD CHRISTIE

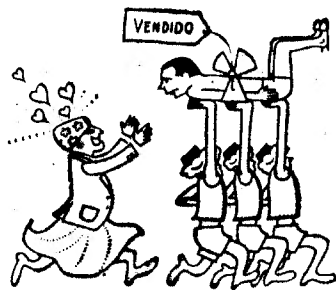
ESTREIA

HOJE às 21,30

EUROPA

50 FILMES CASTELLO LOPES
apresenta um filme MGM

Marcello Mastroianni
Pamela Tiffin · Virna Lisi



quando
ele
despiu o casaco...

"O Homem, a Mulher e o Dinheiro"

(THE MAN, THE WOMAN AND THE MONEY)

Adultos

Produção de Carlo Ponti · Realiz. de Luciano Salce · PANAVISION® METROCOLOR®

Estreia sensacional em dois grandes cinemas!

CONDES ← HOJE → ROMA

STEVE McQUEEN

Num filme magistral de HAROLD ROBBINS
passado nos turbulentos anos 30...

**NÃO AMES
UM
DESCONHECIDO**



com **STEVE McQUEEN**
LITA MILAN · JOHN D. BARRYMORE

UM EXCLUSIVO M/ 17 ANOS

LEO HOJE NO

EDEN

Actualidade internacional



WILLY STOPH, presidente do Conselho da Alemanha Oriental e possível sucessor de Ulbricht

CONFERÊNCIA RUSSO-AMERICANA EM OUTUBRO

— prevê o «Daily Express»

LONDRES, 1 — (R.) — O «Daily Express» afirma hoje que «se espera confiadamente que se realize em Outubro, uma conferência de alto nível entre o presidente Nixon, por um lado, e os dirigentes Alexei Kossyguine e Leonid Brejnev, por outro.

O jornal diz ainda que a reunião cimeira se efectuará em Viena, onde o falecido presidente John Kennedy teve um encontro com Kruchchev, em 1961, e que o Governo austriaco fora já contactado para proceder aos preparativos necessários.

Numa notícia publicada com grande relevo na primeira página, com o título «Nixon avistar-se-á com Kossyguine», este jornal independente conservador afirma que contactos secretos para preparar uma conferência cimeira decorrem já há meses.

O redactor de assuntos políticos do jornal, Wilfred Sendall, não cita fonte para a notícia.

O «Daily Express» recorda que Nixon, quando discursou na sede da Organização do Tratado do Atlântico Norte, em Bruxelas, por ocasião da sua viagem à Europa, no princípio deste ano, declarou que era sua intenção negociar com os russos acerca de vastíssimo numero de questões, «algumas das quais afectarão os nossos aliados europeus».

O jornal relaciona a promessa de Nixon de que «haveria consultas completas e genuínas antes e durante essas negociações» com os seus planeados encontros com o primeiro-ministro britânico Harold Wilson, no domingo, e com o chanceler alemão, Ciden-tal, dr. Kurt Georg Kiesin-

ger, na próxima quinta-feira.

O «Daily Express» considera também como significativa a visita, na próxima semana, do principal conselheiro da Casa Branca, dr. Henry Kissinger, à França, para se avistar com o presidente Pompidou e com o secretário-geral da N.A.T.O., Manlio Brosio.

CARREIRA LUNAR — PEDIDO INDEFERIDO

WASHINGTON, 1 — (R.) — Foi indeferido o pedido de Trans World Airlines para o estabelecimento de uma carreira para a Lua, segundo revelou a noite passada a Junta da Aeronáutica Civil dos Estados Unidos. John Crooker, presidente da Jac, declarou que era política da Junta nunca aceitar pedidos para carreiras onde a criação de serviços de transportes comerciais pudessem ser considerados prematuros.

Paris: Saias muito curtas

PARIS, 1 — (A.N.I.) — A questão «vital» que havia de decidir-se, em Paris, ficou resolvida ontem: as saias continuam muito curtas, para ser elegante não será necessário lançar para o lixo todo o guarda-roupa do ano passado, as saias compridas só serão admitidas nos salões — e muito depois do sol-pôr.

E tudo ficou assente depois de Christian Dior ter aberto o seu desfile com uma série de vestidos, desenhados por Marc Bohan, que não subiam além dos 35 centímetros acima do chão. A cada novo modelo — lindíssimo e deslizando suavemente no salão cinzento-pérola — a atmosfera parecia adensar-se. As pessoas inclinavam-se para a frente, num esforço concentrado de atenção, os rostos tornavam-se mais graves, o silêncio era profundo.

Depois, subitamente, como se estivesse a brincar com a assistência, Bohan enviou o seu primeiro modelo curto — curtíssimo: uns 12 centímetros acima do joelho. E ouviu-se distintamente um suspiro de alívio. Uma senhora aplaudiu — e outras seguiram-lhe o exemplo.

Entretanto, segundo modelo de saias curtas surgia no salão. Mais aplausos, ainda indecisos — e um terceiro apareceu. Então a assistência tranqüilizada, recostou-se nas cadeiras e preparou-se para fruir plenamente ao encanto do desfile.

HELICÓPTERO ABATIDO NO VIETNAM

SAIGÃO, 1 — (R.) — Um helicóptero de evacuação de feridos dos fuzileiros navais americanos abatido ontem perto da zona desmilitarizada de tropas, tentando salvar os tripulantes, travaram dois combates com soldados norte-vietnamitas, segundo anunciou hoje o comando militar dos Estados Unidos.

O helicóptero, um CH-46, foi atingido pelo fogo

dos norte-vietnamitas quando efectuava uma missão de evacuação e despe- nhou-se perto de Con Thien, a 500 metros ao sul da zona tampão dividindo os dois Vietnams.

Sete norte-vietnamitas foram mortos no segundo combate. Durante a série de incidente, perderam a vida quatro americanos, outros 23 ficaram feridos.

As primeiras horas de hoje, bombardeiros B-52 efectuaram três ataques ao sul da zona desmilitarizada, numa área entre 50 e 39 quilómetros a sudoeste do local do incidente com o helicóptero. Os ataques visaram casamatas, áreas de armazenamento e posições norte-vietnamitas.

Em geral, o nível da luta continuou a ser baixo em todo o país, durante o dia de ontem. O comando militar comunicou apenas 5 ataques com foguetões e morteiros, a noite passada. Somente um causou vítimas e prejuízos.

Homens da 1.ª Divisão de infantaria americana encontraram um arsenal dos guerrilheiros a 50 quilómetros ao norte de Saigão. O arsenal foi descoberto na província de Binh Duong, a cerca de quatro quilómetros de Ben Cat.

FALECIMENTO DE UM PUGILISTA DEVIDO A LESÕES CEREBRAIS

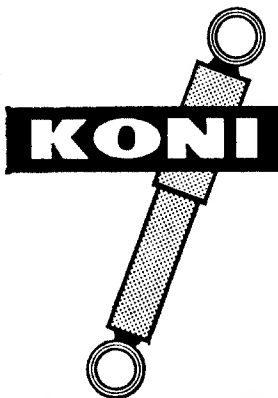
BUENOS AIRES, 1 — (R.) — O pugilista argentino da categoria dos meios-médios Mário Paladino faleceu a noite passada nesta capital em consequência de lesões cerebrais que recebeu no ultimo minuto de um combate, em 10 assaltos, contra Omar Gottifredi, disputado anteontem à noite em Buenos Aires.

O pugilista, de 25 anos, bateu violentamente com a cabeça no tapete, após ter sido derrubado por um «gancho» da esquerda pelo seu adversário. Paladino regressara ao combate terminada uma contagem obrigatória de oito, depois de ser derrubado pela primeira vez pela potente esquerda de Gottifredi.

Paladino, que nunca recuperou os sentidos, foi levado a toda a pressa para os vestiários, onde se realizou uma operação para que pudesse respirar melhor.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.



O temperamento de um triunfador



o amortecedor mais barato por Km. percorrido

Distribuidores:
SOGERIM - SOCIEDADE GERAL DE IMPORTAÇÃO, LDA.
AV. ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 23-ABC-LISBOA
TEL. 56 0156

Suposta intentona malograda na Argentina

CÓRDOVA (Argentina), 1 — (F. P.) — A ocupação durante alguns minutos, por um «comando» de seis homens, da estação de Rádio de Córdoba, poderia ter feito parte de um plano revolucionário que deveria conduzir à queda do regime, mas teria falhado devido a deserções da ultima hora — supõem alguns observadores desta cidade.

Soubese que um segundo «comando» de quatro homens se tinha apresentado ao chefe da Polícia da província, na mesma altura em que a estação de Rádio era ocupada, dando-lhes ordem para abandonar os seus poderes, porque um movimento revolucionário se tinha levantado em todo o país. O «comando», tal como o que atacou a emissora, pôs-se rapidamente em fuga perante a resistência do chefe da Polícia.

MORREU UM FILHO DE EDISON

NOVA YORK, 1 — (A. N. I.) — Morreu ontem Charles Edison, antigo secretário da Armada e antigo governador de Nova Jersey. Tinha 78 anos.

Filho do cientista e inventor Thomas Alva Edison, Charles Edison foi nomeado secretário da Armada em 1939 e eleito governador de Nova Jersey, pelo Partido Democrático, no ano seguinte.

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

TÁXI

Pede-se ao motorista que na terça-feira à noite conduziu após um baptizado, na mala da bagagem, da igreja de Santa Isabel, à Estrela, uma alcaia de carrinho de bebé e saca com pertences, cujos passageiros, do Porto, deixou no restaurante «Solmar», o favor de entregar no Largo de S. Domingos, 17, ao sr. Augusto.

ALBUFEIRA

Apartamento completo mobilado
ALUGA-SE
Junto à Praia — Telefone 39 — Albufeira

O PAPA VAI CONFERENCIAR COM DELEGAÇÕES DA NIGÉRIA E DE BIAFRA

KAMPALA, 1. — (A. N. I. F. P.) — O Papa deve conferenciar esta noite com as delegações da Nigéria e do Biafra. O resultado do encontro determinará as possibilidades que ele tem de resolver a questão da guerra nigero-biafrense.

Paulo VI, que ontem chegou ao Uganda, onde foi recebido por mais de 150 mil pessoas, vai «fazer tudo e arriscar tudo» para conseguir a paz na Nigéria e ficar, se necessário, um mês para conseguir este objectivo, segundo as palavras de um dos seus colaboradores.

O presidente Milton Obote está também muito interessado em servir de mediador, mas as esperanças desvaneceram-se um pouco, quando a delegação nigeriana anunciou que não tem poderes para negociar com Biafra.

Esta manhã, no terraço

de Kololo, um antigo aeroporto nos arredores de Kampala, o Sumo Pontífice concelebrou uma missa com quarenta bispos africanos, acolitados por uma centena de padres e 22 leigos.

Nesta missa, a que assistiu o presidente Obote, que é anglicano, foram sagrados doze bispos africanos de sete países.

Ao meio-dia local, no Parlamento, Sua Santidade dirigiu-se aos chefes de Estado estrangeiros que se encontram no Uganda. À tarde, visita instituições de caridade na região de Kampala.

O ministro da Educação do Uganda, Zake, partiu um braço durante a aglomeração provocada pela chegada do Papa Paulo VI. Por outro lado, um repórter fotográfico africano caiu do tejadilho de um carro para onde tinham conse-

guido subir alguns «camesramen». O repórter teve a sorte de só ficar ferido numa mão.

OJUKWU DECRETA TRÉGUAS

OWERRI, 1. — (Pelo enviado especial da F. P., Jacques Kaufmann) — «O general Ojukwu pediu às suas tropas que observem uma trégua durante a visita do Papa ao Uganda, embora o Governo federal tenha recusado fazer outro tanto», declarou Ifegwy Eke, comissário biafrense da Informação, durante uma conferência de imprensa.

«Queremos a paz agora e não amanhã e estamos prontos a ir a qualquer ponto para a discutir, mas os nigerianos e os que os apoiam opõem-se a qualquer solução pacífica do conflito entre os dois países», acrescentou.

NIXON NO PAQUISTÃO ÚLTIMA ETAPA DA VISITA À ÁSIA

(Continuação da 1.ª página)

trazendo o presidente e a sr.ª Nixon de Nova Delhi aterrou no aeroporto de Lahore às 6 e 26 horas, T.M.G.

Foi disparada uma salva de 21 tiros quando Nixon saiu do aparelho para ser recebido pelo general Yahya Khan.

O general apresentou, depois, Nixon aos três comandantes militares do conselho que tem governado o Paquistão desde que foi derrubado em 25 de Março último o regime do presidente Ayub Khan, que se manteve no Poder durante 10 anos.

Depois de deixar o aeroporto, Nixon foi almoçar com Yahya Khan, antes de

iniciar conversações em particular sobre assuntos que vão desde a segurança asiática às relações de amizade do Paquistão com a China e ao embargo de auxílio militar imposto pelos E.U.A. ao Paquistão durante o conflito da Caxemira, em 1965.

As relações do Paquistão com a Índia serão também um assunto importante a tratar.

A UM DIA DA CHEGADA A ROMÉNIA

BUCARESTE, 1. — (F. P.)

— A pouco mais de um dia da chegada de Richard Nixon, apenas alguns indícios permitem reconhecer que Bucareste se prepara para receber o presidente dos Estados Unidos. Com excepção do semanário «Lumea», a Imprensa romena não menciona ainda o que todos os habitantes da capital consideram como um grande acontecimento. Apesar de toda a discreção oficial, trabalhase, porém, activamente na preparação de um minucioso dispositivo onde nada é deixado ao acaso.

Equipas de trabalhadores dão os ultimos acabamentos no novo aeroporto de Otopeni, onde pousará o avião presidencial. Ou-

tros procedem á reparação dos caminhos do percurso seguido pelo cortejo presidencial. Procede-se também ao arranjo da residência do Lago, o edifício onde ficam albergados os hóspedes do Governo.

Há um indício para o homem da rua de que se prepara um acontecimento: os carros da Televisão romena instalados desde quinta-feira em todos os cruzamentos do percurso do cortejo.

Cerca de 700 jornalistas, enviados especiais e correspondentes permanentes farão a cobertura da viagem oficial do presidente Nixon, amanhã e depois de amanhã.

No total, jornalistas de 32 países pediram até agora para serem acreditados para a viagem do presidente Nixon a Roménia.

SISMO NA CHINA

— 3000 MORTOS?

HONG-KONG, 1. —

(F. P.) — O tremor de terra de sábado matou mais de 3000 pessoas na cidade de Swatow, anuncia hoje o «The Star», citando viajantes recentemente chegados daquela cidade, situada na costa meridional da China.

A região equatorial de Marte lembra a superfície da Lua

PASADENA, 1. — (F. P.)

«Uma das fotografias tiradas pela Mariner-6 mostra uma cratera muito profunda, dentro da qual se encontra outra cratera de fracas dimensões», declarou a Imprensa um informador do Laboratório de Pasadena. A análise pormenorizada das fotografias tiradas na quarta-feira tinha revelado também, acrescentou, uma cratera de cerca de 500 quilómetros de diâmetro, coberta em parte por nuvens provenientes talvez de uma evaporação provocada pelo calor do Sol.

As duas câmaras da sonda, que tiraram fotografias durante 17 minutos, revelam promenores com vezes mais nítidos que os das fotografias tiradas pela Mariner-4, em 1965.

A câmara telescópica pode aperceber objectos ou acidentes de terreno com menos de 300 metros de dimensão.

A operação começou

quando a Mariner-6 se encontrava a 7725 quilómetros do planeta e continuou até que a sonda se encontrava a 3420 quilómetros, podendo-se então compor um quadro panorâmico completo.

Logo a seguir a ter acabado de tirar fotografias a 3420 quilómetros de Marte, a Mariner-6 começou a transmitir análises dos raios ultravioletas e infravermelhos da atmosfera marciana.

Na verdade, embora o espectrómetro infravermelho da sonda se tenha avariado, uma outra série de instrumentos pôde captar os dados necessários para fornecer aos cientistas do Laboratório de Pasadena as informações indispensáveis às análises.

Uma vez transmitidas as análises, Mariner-6 desapareceu atrás do planeta.

A região equatorial de Marte, vista de uma distância de 3420 quilómetros, lembra a superfície da Lua.

Na zona do Mare Erythraeum, o olho da sonda automática Mariner-6, que transmitiu para o Laboratório de Pasadena uma nova série de fotografias, captou um deserto desolado e cheio de crateras, algumas das quais têm cerca de 5 quilómetros de diâmetro. O campo coberto pela objectiva das duas câmaras da sonda atingia perto de 80 quilómetros.

Cada uma das duas câmaras tirou uma série de 12 fotografias de uma região em que alguns cientistas esperavam descobrir traços de vegetação. Até agora, nenhuma das imagens captadas parece dever confirmar esta teoria.

A retransmissão das imagens, prevista para as 20 e 35 (1 e 35 em Lisboa) foi atrasada devido a uma irregularidade verificada nos sinais enviados pela sonda. Esta irregularidade impediu durante mais de uma hora o sistema electrónico de reconversão de

Pasadena de produzir as fotos impacientemente esperadas pelo Laboratório.

 **Conta Infantil**
BANCO DO ALENTEJO

F. I. D. E. S.

FUNDO DE INVESTIMENTOS
PARA O DESENVOLVIMENTO ECONÓMICO E SOCIAL

DISTRIBUIÇÃO DE RENDIMENTOS

A partir de 1 de Agosto, encontra-se a pagamento, por cada unidade de participação emitida até 31 de Julho de 1969, a importância de

4\$50

Poderão os Senhores participantes optar pelo recebimento dos rendimentos ou pela subscrição, sem pagamento de comissão regulamentar de 3%, de um número de partes a eles correspondentes.

Os pagamentos e subscrições poderão ser efectuados em qualquer Agência, Dependência ou Sede dos Bancos

TOTTA-ALIANÇA

LISBOA & AÇORES

PANCADA, MORAES & C.ª



ÁLVARO PEDRO DE SOUZA

MISSAS DO 3.º ANIVERSÁRIO DO SEU FALECIMENTO

Sua viúva e mais família participam que amanhã, dia 2, às 13 h., na Igreja de S. Nicolau, em Lisboa e no dia 3, às 13 h., na de Santo António do Estoril, serão rezadas missas pelo eterno descanso do seu querido marido e parente, desde já agradecendo a todas as pessoas que se dignarem assistir a esses piedosos actos.

BEM-AVENTURADOS OS PUROS DE CORAÇÃO
PORQUE VERÃO A DEUS

ECOS

UM talento feito de saber e de equilíbrio (porque o talento também se afeiçoa e a pessoa pode ser também obra de arte, tal como se projecta em «Discurso Directo»), o rigor da palavra e a sua magia, a vocação da poesia mental e a intuição incorporada na razão, eis a linha de chegada de David Mourão-Ferreira. «Discurso Directo» é um livro muito belo e inteligente, uma fórmula nova da crónica.

★

APESAR das informações oficiais, os índices de radioactividade aumentam incessantemente — declarou ao «Expresso» Jean Dorst, professor do Museu Nacional de França de História Natural, o qual denuncia o envenenamento progressivo do ar, da água, da fauna e da flora. Dorst afirma que a concentração da vida nas cidades, a combustão do carvão e do petróleo ameaçam a nossa civilização. A civilização «maya» morreu por culpa de

uma má utilização do solo. Dorst acha que, para além da poluição da atmosfera, outro grande perigo é o que respeita à água. Transformando o «habitat», suprimindo os pântanos, que desempenham um papel de esponja, e as florestas, que exercem a função de reservatório, diminuindo artificialmente o volume das precipitações, perturbando o ciclo regular das águas, o homem põe em risco a sua sobrevivência na Terra.

★

O novo ministro das Finanças francês, Giscard d'Estaing, anunciou, na conferência de Imprensa que recentemente deu, uma política de franqueza total. O País tem o direito de saber o estado em que as coisas estão e o ministro das Finanças tem o dever de informar com rigor a esse respeito. Se tal vier a suceder, Giscard d'Estaing será mais autêntico e arriscar-se-á mais do que o fizeram Couve de Murville e François-Xavier Ortoli.

ABRE HOJE EM CASCAIS A FEIRA DO ARTESANATO

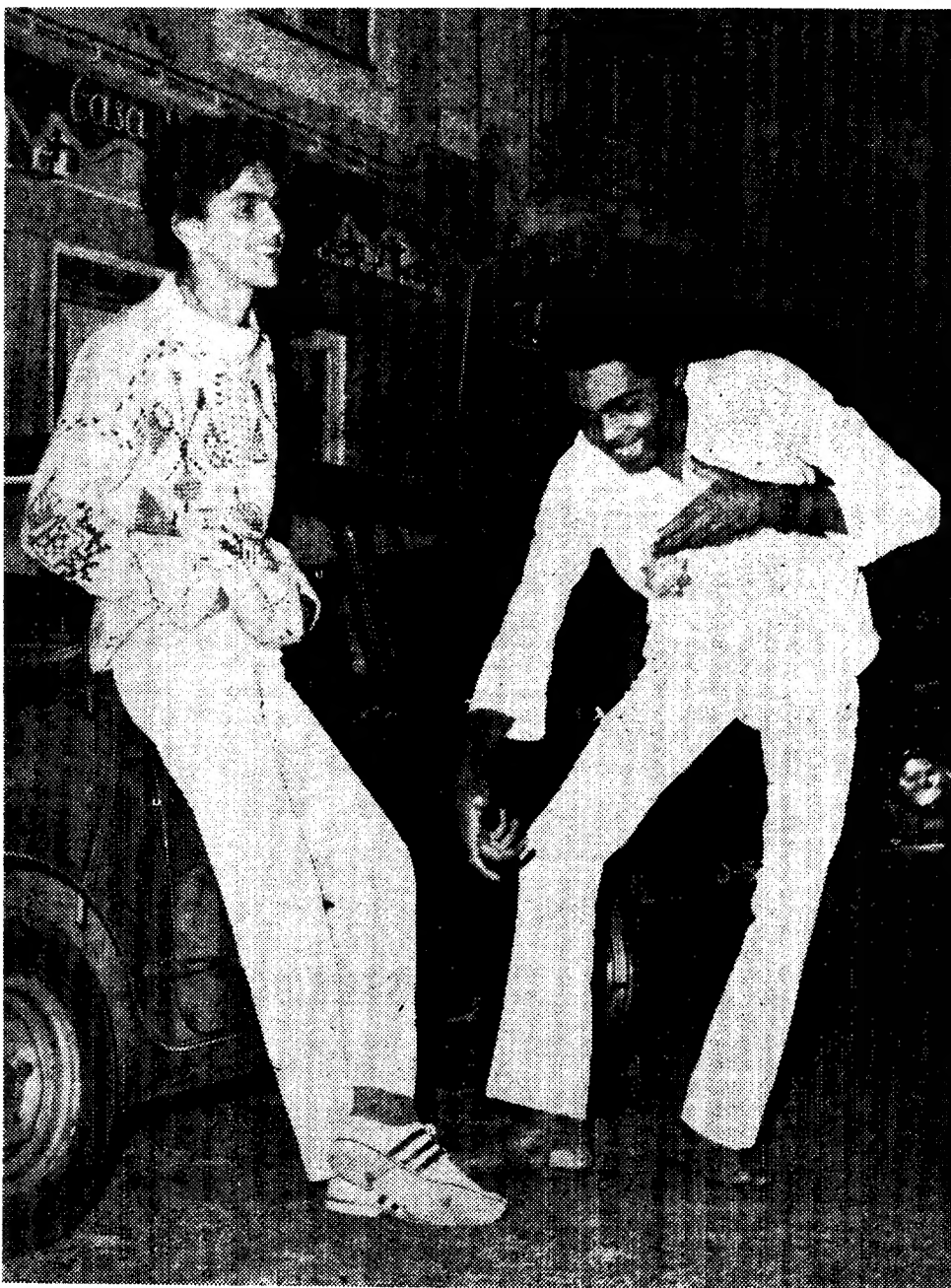
Abre hoje, em Cascais, a Feira do Artesanato Português, que vai já na sua sexta edição, sendo uma iniciativa da Junta de Turismo da Costa do Sol a que o nosso prezado colega «Diário de Notícias» dá o seu patrocínio.

Como nas feiras anteriores, procurou-se a representação de todas as províncias portuguesas. Assim, espalhados por todo o mundo, lá estarão representados os nossos mais belos artigos de cobre, de cestaria, de ferro, olaria e bordados; as características peças dos nossos ourives e entalhadores de madeira, dos trabalhos de pedra e de sisal, de bunto e de vime, os bonecos de barro e de seixo, as apreciadas rendas de bilros, os palmitos e os tecidos de Alcobaca e da Nazaré, bem como os tapetes de Arraiolos e as mantas de Nisa.

Também como nas feiras anteriores, funcionarão vários restaurantes e um característico forno para venda de pão saloio.

Esta iniciativa da Junta tem, ainda, a colaboração da Secretaria de Estado da Informação e Turismo, da Câmara Municipal de Cascais e da Sociedade Estoril Sol.

A Feira abre todos os dias às 16 horas e encerra à 1 hora da madrugada.



OS PAIS DELA ESTÃO EM PORTUGAL, MAS...

«TROPICÁLIA VAI VIRAR PICOLÉ»

Gilberto Gil e Caetano Veloso, os pais da Tropicália, estão em Portugal a tirar férias, que continuarão no Norte de África e em Paris, antes de se fixarem definitivamente em Londres.

«Leaders» de um dos movimentos musicais brasileiros mais válidos e que maior número de adeptos

tem entre a juventude esclarecida do outro lado do Atlântico, eles abdicam de tudo o que é popularidade, fama e proveito para começarem do princípio, num meio estranho e de língua e hábitos diferentes.

Num país onde a música é um Estado dentro de outro Estado e onde terão que enfrentar a mais séria concorrência para se impor, Gil e Veloso vão chegar serenamente, com o seu sotaque doce e lento da Baía, a sua alegria brasileira (especialmente Gil) e tentam formar um conjunto.

— Vamos trabalhar com o que houver por lá. Claro que quando partimos do Brasil, todo o mundo nos ficou dizendo «Me chama, hem!? Quando for na hora chama a gente, logo que esteja precisando». Mas a gente vai ver o que se po-

CAETANO VELOSO E GYLBERTO GIL EM PORTUGAL, ABANDONARAM O BRASIL E VÃO FIXAR-SE EM LONDRES OS PAIS DA TROPICÁLIA, IMPORTANTE MOVIMENTO MUSICAL BRASILEIRO

de fazer antes por lá e como nos damos.

— Porquê esta troca: Inglaterra em vez do Brasil?

— Bom, agora o Brasil não dá mesmo mais para a gente. Está muito ruim. Não se pode fazer nada. Não tem ambiente — afirmou Gil, o de «Roda Viva», a mais discutida peça de teatro dos últimos anos no Brasil.

— No Brasil a gente não pode continuar — diz, por sua vez, Caetano Veloso, corroborando, assim, as palavras de seu concunhado Gilberto. Este parentesco entre os dois músicos foi arranjado de uma forma interessante, casando ambos com duas irmãs de S.

Salvador, capital da Baía e sua terra natal.

— Que acha que vai acontecer à Tropicália, agora, sem vocês lá no Brasil e lutando pelo triunfo em Londres?

Veloso responde, rápido: — Vai morrer de frio. Pronta emenda de Gil: — Para ser em bons termos tropicalistas, você devia dizer antes que a Tropicália vai virar picolé.

(Picolé é um sorvete brasileiro).

Os dois casais têm acusado os arrefecimentos nocturnos que se fazem sentir nos últimos dias, e é fácil ver o seu tropicalismo pela forma como tremem, à noite, na Marginal ou em qualquer rua do Estoril, onde estão instalados.

— Mas a Tropicália não morrerá mais no Brasil — garante Gilberto Gil —. Ela tem cada vez mais adeptos. Ainda há pouco, antes de irmos, demos um «show» em Salvador, acompanhados por um conjunto de moços dos 14 aos 19 anos. E que fantástico era!

Os dois casais têm dado passeios de autocarro por Lisboa e pelos arredores (nenhum deles conduz); ontem mesmo estiveram

Os de vis

O min compant África esta ma tral de a fim de posição Reclusas

Os do recebido. dia, pel rector é nais, já director nais da cana.

Encon presente da Cadei Trocad protocol tros da demorad constitui peçarias

Tratas manual de nume que, pre contram

A vena verte pr ção daqu

COLÉGIO MODERNO

Rua de Malpique, 19 e 22 (ao Campo Grande) — LISBOA-4
Tel. 775038 - 761239 - 775072

Fundado em 1936 pelo PROF. JOÃO SOARES

Internato — Semi-Internato — Externato

Sexo masculino — Instrução Primária, Curso Liceal e Complementar dos Liceus, Admissão às Escolas Superiores.

Secção Infantil (para os dois sexos)

Curso Liceal Nocturno para Adultos

Abertas as matrículas. A Secretaria presta informações em todos os dias úteis das 9 às 12 e das 14 às 18 h.

«Tropicália vai virar Picolé» — afirmaram-nos em Cascais os artistas brasileiros

O DIA DE AMANHÃ NINGUÉM O VIU
UMA JÓIA É SEMPRE UM VALOR
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

CHOCOLATES TAGIDES
BARREIRO · LISBOA · QUELU

PRATAS EM 2.ª MÃO

Grande variedade — Bons preços
Ourivesaria Pimenta
Rua Augusta, 253 — Tel. 32 45 64
Malhas estrangeiras

COM
TAKY
NÃO HÁ PROBLEMAS

PARA A MULHER

MODERNA

TAKY
O DEPILATÓRIO FRANCÊS

QUE ELIMINA OS PÉLOS

EM POUCOS MINUTOS

SEM DOR
SEM IRRITAÇÃO





Um aspecto da visita à exposição inaugurada em Tires

Os ministros da Justiça de Portugal e África do Sul visitaram a cadeia de Tires

• Inaugurada uma exposição de trabalhos das reclusas

O ministro da Justiça, em companhia do seu colega da África do Sul, deslocou-se, esta manhã, à Cadeia Central de Mulheres, em Tires, a fim de inaugurar a X Exposição de Trabalhos das Reclusas.

Os dois ministros foram recebidos, à entrada da Cadeia, pelos directores e subdirectores dos Serviços Prisionais, já acompanhados pelo director dos Serviços Prisionais da República sul-africana.

Encontrava-se também presente a madre directora da Cadeia, irmã Santa Cruz. Trocados os cumprimentos protocolares, os dois ministros da Justiça percorreram memoravelmente a exposição, constituída por tapetes, tapeçarias e bordados.

Trata-se de um trabalho manual executado por grande numero das 450 reclusas que, actualmente, se encontram em Tires.

A venda dos trabalhos reverte para a administração daquele estabelecimento

prisional e, em parte, para o Estado e também para o elevamento dos salários das mulheres ali presas.

— Há reclusas — disseram-nos — que conseguem juntar um razoável pé-de-meia. Ainda ultimamente saiu daqui uma mulher com a finca quantia de 36 contos...

— Quanto tempo esteve cá?

Resposta (um tanto fria): — Dez anos.

Os ministros foram informados de que os trabalhos de tapeçaria são adquiridos, principalmente, por turistas ingleses. O metro quadrado anda por cerca de quinhentos escudos.

Além das 450 reclusas, vivem em Tires, numa creche, setenta orfanos, filhas das queilas.

Observação da médica:

— Uma só pessoa para tratar tanta gente! Felizmente, tudo tem corrido bem... Mas que esforço não faço eu! Praticamente, estou aqui presa.

Entretanto, juntou-se à

comitiva o embaixador da República da África do Sul. Cerca do meio-dia, a visita estava terminada.

Apesar dos americanos terem posto o pé na Lua com a colaboração do génio alemão, não seja lunático...

Lembre-se que cada dia que passa é menos um dia que se vive. Goze, portanto, o prazer da boa mesa, indo ao Restaurante «O Guizo» na Praça de Toiros em Cascais, que na sua campanha, de grande valor turístico, de divulgação da genuína Cozinha Portuguesa, uma das melhores do Mundo quando é bem confeccionada como no Guizo, apresenta sempre Especialidades invulgares Portuguesas: savorosíssimas, Mariscos maravilhosos de frescura e Grelhados feitos com todo o requinte sobre carvão de sobre. Devido ao ar condicionado a temperatura ambiente é sempre agradávelíssima mesmo nos dias de grande calor. Serve

ABOLIDA A GORGETA NOS CAFÉS DO SUL DO PAÍS

Entra hoje em vigor o novo contrato de trabalho firmado entre o Grémio dos Restaurantes e Cafés do Sul, por um lado, e os sindicatos nacionais da indústria hoteleira e similares, por outro.

Acontecimentos deste género não costumam ir muito além do âmbito profissional em que se processam. No caso presente, o público está directamente interessado, pois haverá modificações no processo de remuneração dos profissionais das indústrias mencionadas — mas os encargos serão integralmente suportados pelo público.

Como se sabe, a partir de hoje fica abolida a gorjeta como meio de remuneração a certos profissionais que, muito legitimamente, a consideram vexatória, pela dependência directa do consumidor e, até, pela incerteza em que os colocam. O povo diz que quem dá hoje não dá amanhã; quem dá uma vez, não dá sempre; e que não há nada que fatigue tanto como dar. São expressões colhidas ao acaso do rifo-neiro popular, definidoras de uma situação da qual os profissionais em contacto directo com um público flutuante em humor e em disponibilidades, pretendem libertar-se.

Mas, para se conseguir tal objectivo, será este o melhor processo?

O público já pagava 10 por cento

... Ao princípio — e recorrendo apenas à memória da experiência vivida — a gorjeta era a única remuneração. Depois, terá havido acordo colectivo de trabalho ou coisa semelhante: o consumidor teria de pagar 10 por cento do total da despesa efectuada, o que teoricamente, o libertava da obrigação moral de remunerar o trabalho do empregado.

Simplemente, verificou-se a breve trecho a insuficiência da percentagem. De mil e uma maneiras os empregados manifestavam o seu desagrado, não às entidades patronais, mas à entidade de quem dependiam directamente, ou seja, o público. Criava-se um ambiente difícil de sustentar quando se pretende que alguns instantes breves de descontração não degenerem em veneno para o fígado. Assim, a gorjeta voltou para além dos 10 por cento estatuídos, os empregados não a recusavam — e tudo, como no quartel-general em Abrantes, tornou ao que era dantes.

E agora?

Por força da cláusula 60.ª do novo contrato colectivo de trabalho, a taxa de serviço é de \$40 nos consumos que não excedam \$400, e 10 por cento naqueles que sejam superiores ao mínimo apontado e verificados em estabelecimentos que não sejam exclusivamente classificados de cafés. Nestes, a percentagem será de 16 por cento. Sobre o serviço de café à chávena e seus similares, vulgarmente designados por «ceva-da», «garoto», «carloca» de café ou de limão, no copo de leite ou no «galão», haverá a acrescentar a importância fixa de \$40 por cada unidade servida, e independentemente do montante do consumo.

Temos, assim, renascido o sonho da abolição da gor-

jeta que tanto repugna (ou devia repugnar) à dignidade dos profissionais. Não se sabe até quando durará este sonho de um dia de Verão, não se sabe até onde irá a eficácia da cláusula 60.ª. Haverá quem considere a percentagem indicada suficiente para se viver naquela mediana (nada dourada, diga-se...) que em certos meios se convencionou convir ao padrão da nossa vida nacional. Muitos empregados, porém, consideram-na desde já insuficiente. E há quem faça as suas contas. Tomando-se como base a diária mínima indispensável à sobrevivência, de 100\$00 (enfim...), para conseguir esta importância, o empregado de café teria de vender à mesa produtos no valor de 625\$00...

Consideram, pois, muitos profissionais a brandidos por aquela disposição que a actual situação criada pela cláusula 60.ª não vai modificar radicalmente uma realidade já conhecida. Dizem que a única maneira de resolver o problema consiste em relacionar totalmente o empregado e o empregador, colocando o público fora do jogo. Isto traria, inclusivamente, a vantagem de evitar certas situações equívocas, pouco honrosas para certos empregadores que se consideram com direito a parte do produto das percentagens, e para as relações interempregados quando as percentagens são para o monte.

A «bica» e a cláusula 60.ª

Mais do que pela quantidade de café que comporta a chávena minúscula (cada vez mais minúscula...), a «bica» vale pela sua função social. É o pretexto para minutos de convívio, para o indispensável «relax» a temperar a tensão do trabalho. Natural, portanto, que para ela convivam as atenções de grande parte do público.

Deve dizer-se que, hoje, em algumas mesas de Lisboa, e tomando por base a já célebre «cláusula 60.ª», se acrescentou a importância de \$40 ao valor do consumo da «bica». Muitos consumidores pagaram, assim, 2\$40.

Não está correcto. O preço oficial da «bica» era, e continua sendo, de 1\$60. É esta a base que deve tomar-se na aplicação da «cláusula 60.ª», pelo que a nossa «bica» familiar não pode custar mais de 2\$00.

Em resumo: a experiência mostrará de que maneira a cláusula 60.ª se ajusta às nossas realidades, supondo-se que virão a tomar-se as medidas de rectificação que as tais realidades aconselharem. Justifica-se algum pessimismo, quanto à sua eficácia? É verdade que sim. De qualquer modo, impõe-se da parte do público consumidor a maior observância da cláusula, com abdicção da tendência «fidalga» ou de «novo-rico» de remunerar para além do estipulado. Todos ganham em clarificar as situações. Porque a gorjeta remedeia, mas não resolve. Com ou sem percentagem a anteceder-las.

CASCAIS

GRANDES FACILIDADES DE PAGAMENTO ATÉ 20 ANOS

Lote 22

Andares com 4 e 4/5 divisões assoalhadas desde 490 contos

Lote 16

Andares com 4 divisões assoalhadas desde 435 contos

emaco

Rua Barata Salgueiro, 53 r/c em Lisboa, Telefone 539016



Operações de Bolsa

BANCO DO ALENTEJO

PARA FUNÇÕES DE DIRECÇÃO DE SERVIÇOS FINANCEIROS E DE CONTABILIDADE

PROCURA-SE LICENCIADO ALTAMENTE QUALIFICADO E EXPERIENTE

RESPOSTA A ESTE JORNAL AO N.º 312

O SUSPEITO «RAMALHO» CONTINUA A NEGAR CONIVÊNCIA NO CRIME DO PORTO

PORTO, 1 — O terrível crime de que foi vítima o pequeno Carlos Manuel, ao qual largamente nos temos referido, mantém-se em impenetrável mistério, no mesmo ambiente de dúvidas quanto às investigações, crescendo inquieto interesse da opinião pública. Desde o começo das diligências policiais, que têm surgido as surpresas: dois indigitados culpados crimina-

nos confessos afirmam nada ter com o assunto; depois tudo retorna ao princípio, enquanto se desenvolve intensa acção policial, seguindo os investigadores indícios, hipóteses e palpites, pois quanto a factos objectivos pouco ou nada há para se dizer que seguem uma pista segura. Pelo que se sabe, quanto ao único suspeito que se encontra preso, o «Rama-

lho», tudo leva a crer que a Polícia segue o caminho certo; mas também se sabe que, nestas coisas, há coincidências e contingências estranhas, por vezes demasiado verosímeis, mas difícil de provar, e que por falta de um elo, não ligam na sua totalidade, provocando, além da incerteza, a confusão e a indecisão.

Orase a Polícia dispõe de tais elementos, não tem, pelo menos, aquele elo que lhe falta na cadeia, que pode ter sido desfeito ou fortemente guardado pelo suspeito, ou ainda, não existir mesmo, por não ser aquele o monstruoso assassino, contra o qual aliás se conjugam imensos factos, comprometendo-o em fortes suspeitas.

Parece que um dos factos apreciados e em estudo, quanto ao «Ramalho» é o ter-se verificado tratar-se de uma pessoa de aberrações, o que faz estranhar tanta coincidência, num crime que teve como causa directa precisamente uma aberração.

O homem noga, contudo, aguenta valentemente os interrogatórios, a todo o momento; enfrenta as hipóteses apresentadas e as contradições que surgem — e resiste a tudo isso porque o tal elo fundamental da cadeia de elementos recolhidos não apareceu nem lhe foi posto frente a frente. Estará ele inocente? Será o culpado? A Polícia procura esclarecer positivamente a tragédia e descobrir o assassino; e está naturalmente interessada pelo seu próprio prestígio e ainda para que um inocente não seja incriminado.

Em três linhas

O prof. eng. André Francisco Navarro foi nomeado vogal do Conselho da Ordem da Instrução Pública na vaga aberta pelo falecimento do prof. eng. José Mascarenhas Pedroso Belardi da Fonseca.

O eng. agrónomo Valdemar Carneiro da Silva foi nomeado vice-presidente da Câmara Municipal de Macedo de Cavaleiros.

Foi exonerado a seu pedido do cargo de representante dos armadores na Junta Nacional da marinha Mercante, o eng. José Honorato Gago da Câmara de Medeiros. Para o substituir foi nomeado o dr. D. Sebastião de Castelo Branco.

Está aberto concurso documental para provimento de lugares de director de serviços de radiologia e de orto-

pedia e fracturas dos Hospitais Cívis de Lisboa

O dr. Manuel Tavares Dias de Oliveira foi reconduzido no cargo de chefe da Repartição dos Recursos Naturais da Direcção-Geral de Economia do Ministério do Ultramar.

Estão abertos concursos para provimento dos cargos de engenheiro de 2.ª classe e de desenhador de 2.ª classe da Junta Distrital de Aveiro.

TENTATIVA DE EMIGRAÇÃO DE MADEIRENSES

No regresso do paquete «Santa Maria», da Venezuela para Lisboa, o navio fez escala pelo Funchal onde embarcou dezenas de madeirenses destinados à capital.

Antes de regressar a Lisboa, o navio passou pelo porto de Vigo, onde desembarcou muitos passageiros. Alguns madeirenses, aproveitando a estadia naquele posto, saíram em visita pela cidade. A largada do navio para Lisboa faltaram ao embarque vinte desses madeirenses, não sendo a primeira vez que tal caso se verifica, embora nunca em relação a tão grande número.

De outras vezes que este facto sucedeu tratou-se de casos de emigração clandestina, o que leva a supor estar-se em presença de um problema deste género.

CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS
AVISO
AOS SENHORES CONSUMIDORES DE ENERGIA ELÉCTRICA

Por imperiosa necessidade de trabalhos de ampliação e remodelação na rede dos Serviços Municipalizados, avisam-se os senhores consumidores de que o fornecimento de energia eléctrica será interrompido no próximo dia 3 de Agosto (domingo), das 8 às 12 horas nas seguintes zonas:

Montachique, Lousa, Guerreiros, Pinheiro de Loures, Freixial, Bemposta, Bucelas, Zambujal, Tojal, Fanhões, A-das-Lebres, Sete Casas e a parte norte de Loures.

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DA CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES, 31 DE JULHO DE 1969.

O Presidente do Conselho de Administração
JOAQUIM DIAS DE SOUSA
RIBEIRO

S. R.
**MINISTÉRIO
DA ECONOMIA**
SECRETARIA DE ESTADO
DA INDÚSTRIA
Direcção-Geral
dos
Serviços Eléctricos
EDITOS

Faz-se publico que, nos termos e para os efeitos de art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela COMPANHIA ELÉCTRICA DO ALENTEJO E ALGARVE para o estabelecimento em Tunes, concelho de Silves, de uma modificação sem alteração no comprimento da linha aérea a 60 kV Loulé-Porto de Lagos com implantação de um novo apoio n.º 112-A e ligação provisória à linha Ferreira-Tunes da Companhia Nacional de Electricidade. Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo. Repartição de Licenciamento, em 29 de Julho de 1969. O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

S. R.
**MINISTÉRIO
DA ECONOMIA**
SECRETARIA DE ESTADO
DA INDÚSTRIA
Direcção-Geral
dos
Serviços Eléctricos
EDITOS

Faz-se publico que, nos termos e para os efeitos de art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela COMPANHIA ELÉCTRICA DO ALENTEJO E ALGARVE para o estabelecimento, em Baiana, concelho de Lagoa, de uma linha aérea a 6 kV, de 22m de comprimento, do apoio n.º 4 da linha para o Hotel Levante ao posto de transformação de Baiana. Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo. Repartição de Licenciamento, em 29 de Julho de 1969. O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

Noivo da morte em vésperas de casar

VEISEU, 1 — Regressara, há meses de Angola e la casar dentro de semanas, o tractorista sr. José de Matos, de 24 anos, de Germil (Penalva do Castelo), mas o trágico capricho do destino fê-lo noivo da morte.

Conduzia o infeliz, pelo caminho de Esteval de Vila Corça (Povoa), o tractor com atrelado, pertencente do sr. Manuel Nunes, do lugar de Ponte Nova, daquele concelho. A certa altura, o velículo, que levava pñheiros, voltou-se e o condutor, ficando debaixo dele, teve morte quase imediata.

+ACTUALIDADE religiosa

Algumas alterações no Calendário Litúrgico de Portugal

A Comissão Episcopal Portuguesa de Liturgia, divulgou uma nota que introduz algumas alterações no calendário litúrgico próprio de Portugal, de acordo com o novo «Calendarium Romanum».

Na referida nota, assinada pelo presidente da Comissão Litúrgica, D. Florentino de Andrade e Silva, bispo titular de Heliossebasto, e datada de Vila da Feira, salienta-se que o calendário litúrgico português se adapta com facilidade ao novo calendário romano, «pois quase não há coincidências de festas».

Apenas se transfere a memória do beato Inácio de Azevedo e seus companheiros para 17 de Julho, pois que, se permanecesse no dia 15, viria a ser prejudicada pela memória obrigatória de S. Boaventura.

Para o dia 13 de Maio (que no calendário geral ficará livre), é criada a memória obrigatória de Nossa Senhora de Fátima. Os textos litúrgicos respectivos ou o seu esquema serão publicados em devido tempo.

As solenidades da Epifania, da Ascensão e do Corpo de Deus no calendário geral, mantêm-se, respectivamente, nos dias tradicionais.

Como as duas primeiras não são, entre nós, dias de preceito, fica a celebrar-se respectivamente, no domingo que ocorrer entre 2 e 8 de Janeiro e no VII Domingo de Páscoa («normae» n.º 7). (Já no ano corrente, a festa da Sagrada Família é antecipada para o domingo dentro da oitava do Natal).

Segundo a mesma nota, são mantidas as Rogações, «valioso elemento do património litúrgico tradicional», reduzindo, porém, a sua celebração a um só dia.

Por outro lado, as Temporas da Quaresma são antecipadas para a semana anterior à Quarta-Feira de Cin-

IMPÕE-SE A COLABORAÇÃO ENTRE AGRICULTORES E TÉCNICOS DO DISTRITO DE COIMBRA

COIMBRA, 1 — Na sala das sessões do Palácio do Governo Civil, reuniu-se a Comissão Técnica Regional de Coimbra, sob a presidência do sr. eng.º António Corte-Real, chefe da Brigada Técnica da XVIII Região Agrícola.

O presidente, depois de apresentar os cumprimentos às diversas entidades, disse ser aquela a primeira reunião depois da visita do sr. subsecretário de Estado da Agricultura a esta região, considerando de flagrante oportunidade o discurso feito por aquele membro do Governo na Federação dos

Grémios da Lavoura da Província da Beira-Litoral, afirmando que não devia deixar de lhe dar o devido relevo, pois sendo as comissões técnicas regionais criadas para que os diferentes serviços regionais que a constituem, não devam ser isoladas e organizarem-se de modo a que os seus dirigentes discutam os problemas comuns e concertem o processo de os estudarem e resolverem, também, em comum e se enquadram na orientação que o sr. secretário de Estado deu ao realçar o indispensável e produtivo diálogo entre todos os serviços de assistência técnica e a necessária colaboração entre técnicos e lavradores.

Disse o orador haver aqui, de facto uma estrutura com o clima propício para esse diálogo, que, aliás, no distrito de Coimbra já se vem a processar desde 1960, graças à acção do chefe do distrito, o qual, com a criação da Comissão de Desenvolvimento Económico-Social preparou o espírito de colaboração, não só entre os departamentos do Ministério da Economia, mas de todos os serviços públicos e actividades privadas interessadas num desenvolvimento global.

Procedeu, depois, à leitura da introdução do «Relatório de Actividades da Brigada Técnica da XVIII Região Agrícola», referente ao ano de 1968, o qual dá a ideia geral das relações com a lavoura que a brigada serve, tanto no que diz respeito às diversas culturas como na preparação de pessoal, apresentando, em seguida, o relatório que foi apreciado na reunião, seguindo-se uma troca de impressões.

Na ordem de trabalhos, foram analisadas as inscrições de agricultores para efeitos de subsídios pela cultura do milho híbrido, e distribuído o serviço de verificação do cumprimento das normas.

DUAS VIAGENS AO BRASIL PRÊMIO DO SORTEIO DO CENTRO DO LIVRO BRASILEIRO

Iniciativa que despertou no publico o maior interesse, o Sorteio da Coleção de divulgação Cultural, organizado pelo Centro do Livro Brasileiro, teve ontem o momento culminante. Efectivamente, realizou-se o sorteio que envolvia a atribuição dum prémio aliciente: duas viagens ao Brasil (Rio e São Paulo), com todas as despesas pagas, a que estavam habilitados os compradores de volumes de divulgação cultural, fixados no preço acessível de 10\$00 por aquela empresa, que desenvolve excelente actividade na divulgação do movimento editorial do grande país irmão.

Presentes os srs. ministro-conselheiro Claudio Garcia de Sousa, representando o embaixador do Brasil; dr. Amílcar da Veiga Pinheiro, director da Varig em Portugal; Jaqueline Pereira Di-

niz, delegado do Governo Civil; dr. Ruben A. pelos serviços culturais da Embaixada brasileira e Alvaro Gonçalves Pereira, director do Centro do Livro Brasileiro. O sorteio realizou-se no salão de vendas do Centro do Livro Brasileiro, Rua Rodrigues Sampaio, 30 BB e o excelente prémio coube ao sr. Manuel Viegas de Carvalho, do Porto, que, assim, tem possibilidade de realizar, sem quaisquer despesas e na companhia dum familiar ou dum amigo, uma magnífica viagem ao Rio de Janeiro e a São Paulo, iniciativa que aquela empresa decidiu emprender com a colaboração da Varig, no sentido de contribuir para o estreitamento das relações já tão amistosas entre os dois Países. Seguiu-se um beberefe durante o qual se trocaram brindes pelo progresso da comunidade luso-brasileira.

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — As 16: Notícias; 16 e 05: Grupo Coral Roldão de Torres Novas; 16 e 30: Rotário Musical Português; 17: Ginástica de Pausa, pelo dr. Marques Pereira; 18 e 05: No mundo da canção; 18 e 20: «Uma Gota de Sangue e Renasce uma Vida», programa do Instituto Nacional de Sangue; 18 e 40: No mundo da canção; 19 e 45: Rádio Rural — Música só música; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Melodias por orquestras; 20 e 40: 19.º Episódio do Folhetim «Tristezas à Beira-Mar»; 21: Jornal de Actualidades; 21 e 30: Novidades em Discos, texto e selecção de Paulo Medeiros; 22 e 05: O Homem e a Sociedade, pelo prof. dr. Ferreira de Almeida; 22 e 30: Fados, por Madalena Ferroz e Raul Dias; 22 e 50: A orquestra de Percy Faith; 23 e 05: Programa da noite; 1: Fecho

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — As 16: Folclore do Mundo — Cantos Litúrgicos de Israel, Música da Índia, Música da Noruega; 16 e 16: Curiosidades musicais — Missa Solene de Santa Cecília (Gounod); 17 e 10: Música de câmara — O Barroco Alemão; 18: Música portuguesa — Abertura da Ópera «Semiramis» (Marcos Portugal); 19: Horizonte literário, por Amândio Cesar e Mário António; 19 e 15: O canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Música de piano — O Festim de Ésope (Alkan), por Raymond Lewenthal; 20 e 30: Música de câmara — Quarteto em fá maior (Ravel), pelo Quarteto «Juilliard»; 22: Noites de Verão op. 7 (Berlioz) — solista — Orquestra Sinfónica de Chicago, dirigida por Fritz Reiner; 22 e 55: Quarteto n.º 78 em ré maior op. 76 n.º 5 (Haydn) — Quarteto Dinamarquês; 22 e 58: Resumo do programa; 23: A Voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho

2.º Programa (Cultural MF 2) — 94,3 m — As 23: 2.º Acto da ópera «Siegfried» (Wagner); 0 e 20: Concerto n.º 2 em ré menor op. 22 para violino e orquestra (Wieniawski) — solista, Orquestra da Ópera de Viena dirigida por Julius Rudel; 1: Fecho.

Emissão Estereofónica (MF 1 de Lisboa, Porto, Louã e Monchique) — 95,7 mc/s — Das 21 às 23: Música Ligeira; Música Sinfónica; Música Coral; Solos.

As 19 e 10: Rádio Universidade — 451 m — 665 kc/s.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — As 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Momento riscado; 18 e 30: Lisboa à tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; Entre as 20 e as 21 — hoje convidamos...; 20 e 07: Europa musical; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Em

foco...; 21 e 02: O Olavo fala consigo; 21 e 15: Música tradicional e palestra religiosa; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talmã

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — As 16 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa à Gô-Gô; 0 e 02: Alta Fidelidade Philips; 1 e 03: Banda Sonora 2: FM-67 e Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — As 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée Teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 17: Conjunto; 19 e 30: Estúdio 64; 20 e 10: Norte da diá; 21 e 03: Rádio Placard; 21 e 15: Sô-Rádio; 21 e 45: Mensageiro do Evangelho; 22 e 02: Baile; 22 e 15: Novas de alegria; 22 e 30: Presença Coimbra; 23 e 04: Clube da Juventude

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — As 16: Radiograma; 18: Orquestras e canções; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Música seleccionada; 19 e 30: Página 1; 20 e 55: Meditando; 21: Programa dos sócios; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Música variada; 23: A 23.ª Hora; 2: Fecho.

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s — As 16: Radiograma; 18: Tangos; 18 e 30: Terço da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 05: Música seleccionada; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Os Novos Emissores em Marcha; 22: Auditório; 23: A 23.ª Hora; 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — **Rádio Peninsular** — Das 7 às 8, das 10 às 12 e das 19 e 30 às 22; **Rádio Voz de Lisboa** — Das 17 às 19 e 30 e das 22 às 2; **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 12 às 14 e 30; **Rádio Graça** — Das 8 às 10 e das 14 e 30 às 17

PROGRAMA DE HOJE

I Programa — As 19 e 30: Telejornal; 19 e 50: Vida Sã em Corpo Sã; 20 e 05: Cartaz TV; 20 e 35: «Portugal além da Europa»; 21: Telejornal; 21 e 35: IV Jogos Luso-Brasileiros; 21 e 55: Convergência; 22 e 15: Noite de Cinema; 23 e 45: Marcha do Mundo; 24: Fecho

II Programa — As 21: Telejornal; 21 e 30: «David Copperfield»; 21 e 55: «Zip-Zip»; 23 e 50: Fecho

TELEVISORES GRUNDIG

AMANHÃ — I Programa — As 19: Abertura; 19 e 2: Nos bastidores da aventura; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: Diálogos de sábado; 19 e 53: Teledesperto; 20 e 22: Programa das Forças Armadas; 21: Telejornal; 21 e 35: TV Clube com Shogun Galarza e o seu conjunto; 22 e 6: TV 7, revista da semana; 22 e 35: O fugitivo, série dramática com David Janssen no papel do dr. Richard Kimble; 23 e 30: Marcha do mundo; 23 e 50: Fecho.

II Programa — As 21: Telejornal; 21 e 30: O tunel do tempo — «Perseguição do Tempo»; 22 e 20: Tempo internacional (A sombra da China) (no I Programa em 28-7-69); 22 e 40: Variedades — Com o fantástico Chaz Chase, o parolista acrobático Chantal et Dumont, os cancionistas António Calvário, Gina Maria, Lilly Tchumba, Maria da Glória, o acordeonista Eugénio Lima, o Ballet Star Dancer's e a orquestra dirigida por Ferrer Trindade. Realização de Oliveira e Costa (No I Programa em 11-5-69); 23 e 35: Fecho



TUDOR PILHAS BLINDADAS ESTANQUES



HOJE PODE VER...

«Noite de cinema»: DESPORTISTAS À FORÇA

A R. T. P. escolheu para o serão de hoje, um filme com os famosos cómicos irmãos Marx que irão, por certo, dispor bem os telespectadores.

Realizado por Norman MacLod, «Desportistas à Força» tem como intérpretes além dos já citados irmãos Marx, um actor bem conhecido da «Missão Impossível» David Landan — e ainda Thelma Todd.



Uma cena do filme «Desportistas à Força», com os impagáveis irmãos Marx, que se exhibe logo, pelas 22 e 15

«O Colégio de Huxley está na mó de baixo e para levantá-lo, o seu director acha que o melhor será ganhar um campeonato de futebol.

Para tanto, contrata dois jogadores famosos, mas engana-se e contrata dois tontos...

«Desportistas à Força» começa a ser exibido, a partir das 22 e 15.

2.º PROGRAMA «DAVID COPPERFIELD» E «ZIP-ZIP»

NA EMISSÃO DE HOJE há dois programas em repetição. Assim temos, pelas 21 e 30, o 12.º episódio do folhetim «David Copperfield» de Charles Dickens já exibido em Março do corrente ano, na Rede Nacional.

Também já apresentado no 1.º Programa volta a transmitir-se às 21 e 55 o programa n.º 5 da série de variedades «Zip-Zip», apresentado no Teatro Villaret em 21 de Junho.

«CONVERGÊNCIA»

Quinzenário de actividade literária

SURGE, cerca das 21 e 55, um novo programa a que foi dado o nome «Convergência». Trata-se de um quinzenário de actualidade literária coordenado por Edúno de Jesus.

«Convergência» neste seu primeiro número foca, seu primeiro número foca, entre outros assuntos, a figura de um dos mais representativos poetas portugueses da geração de 90, Roberto de Mesquita, que nasceu e viveu grande parte da sua vida na vila de Santa Cruz, na ilha das Flores, Açores.

IMAGENS DE LOURENÇO MARQUES

A ANTECEDER a edição da noite do telejornal há a transmissão, cerca das 20 e 35, do programa «Portugal Além da Europa», produzido pela Agência-Geral do Ultramar e coordenado por Manuel Osório. Este programa consta de uma entrevista com o jornalista moçambicano Guilherme Pereira de Melo, que acompanhou o sr. Presidente do Conselho na sua recente visita ao Brasil, seguindo-se o filme «Perspectivas de Lourenço Marques».

AS BORBULHAS FORAM-SE

ELIMINOU-SE A CAUSA EM 3 DIAS. Logo a primeira aplicação NIXODERM começa a fazer desaparecer as borbulhas como que magicamente. Use NIXODERM já esta noite e não tardará a ver a sua pele tornar-se macia, suave e clara. NIXODERM é uma nova descoberta que elimina os parasitas da pele que causam borbulhas, bolhas, manchas vermelhas, eczema, impetigo e erupções. Não se poderá ver livre dos males da sua pele sem que extermine a causa que se esconde nos delicados poros da pele. Portanto compre NIXODERM ao seu farmacêutico hoje mesmo e acabará com borbulhas e a sua pele ficará suave, macia e clara.

«VIDA Sã EM CORPO Sã» Os perigos do sol na praia

O DR. RAMIRO DA FONSECA no seu programa de hoje, a apresentar pelas 19 e 50, chama a atenção para os cuidados a ter a fim de se evitar as graves consequências que geralmente surgem quando há demasiada exposição ao sol.

canal da crítica

IGUALDADE EM TODOS OS ASPECTOS

Em suplemento ao «Telejornal» transmitiu a R. T. P. parte do discurso proferido em Braga pelo dr. Melo e Castro, presidente da União Nacional. Nesse discurso foi sublinhada a intenção do Governo de fazer que as eleições sejam disputadas em igualdade em todos os aspectos desde a consulta dos cadernos eleitorais, até à fiscalização dos votos.

GET SMART

Não darão por totalmente mal empregado o seu tempo aqueles telespectadores que assistirem às peripécias do Smart, agente da contra-espionagem em luta contra a KAOS, poderosa organização

internacional cuja missão é subverter as instituições dos Estados Unidos.

Depois das idiotias do pobre Smart assumidas com a maior gravidade deste mundo; depois dos microfones escondidos nos cubos de ge-

lo do uísque ou nos olhos da mosca, «minúsculos cristais compostos de sete mil faces...»; depois da ultima descoberta ao serviço da contra-espionagem: uma pilula capaz de absorver todo o álcool e que evita, portanto, a bebedeira... depois disso, os telespectadores terão muita dificuldade em aceitar a «se-

riedade» dos processos e da fantasia das inúmeras séries espionísticas que lhe são propinadas pelos dois canais da Televisão portuguesa.

É uma benemerente missão, pois, a de «Act Smart» — essa armadilha do ridículo em que tombam as «missões impossíveis», os «danjer men» e outras histórias de embalar meninos por dentro

(Continua na página seguinte)

CLUBE 100 À HORA VIII CIRCUITO DE MONTES CLAROS

2 e 3 de Agosto de 1969

- Corridas de Automóveis de Grande Turismo, Sport, Protótipos, Turismo, Turismo Especial e Fórmula «V»
- Corridas de Motos

SEPSA

SOCIEDADE DE CONSTRUÇÕES ELECTRO MECÂNICAS, S.A.R.L.

As Instalações Fabris encerram em 2 de Agosto próximo, para férias ao Pessoal, reabrindo em 18 do mesmo mês.

JUROS = 6 a 10 %

Redimento == Apartamentos

Andares == Actualização

Moradias == Conforto

Dinheiro bem aplicado == **J. PIMENTA, S. A. R. L.**



A EMPRESA QUE:

- LANÇOU A PROPRIEDADE HORIZONTAL
- INDUSTRIALIZOU O APARTAMENTO MOBILADO
- A TAL DO MELHOR, MAIS CERTO E MAIS GARANTIDO RENDIMENTO

190 CONTOS RENDEM-LHE 1.187\$50 MENSAIS, garantidos por escritura pública, durante 6 e até 18 anos

Administrando directamente, pode obter um **rendimento mensal de 1.137\$50** (superior a 9 %)

Locais das nossas propriedades: **AMADORA * REBOLEIRA * VENDA NOVA * PAÇO D'ARCOS * ESPARGAL * PAREDE CASCAIS E LISBOA**
BREVEMENTE — QUELUZ

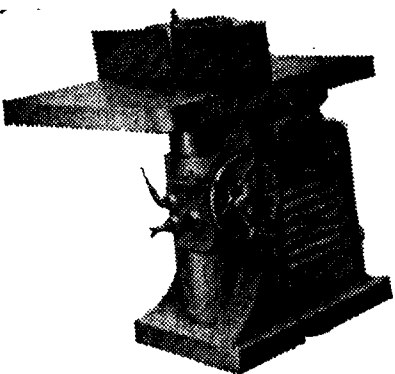
Colha informações directas nos estaleiros de obras e nos nossos escritórios

LISBOA — Rua do Conde Redondo, 53-4. Esq — Tel. 45843 47843

QUELUZ — Rua de D. Maria I, 30 — Telef. 952021 - 952022

REBOLEIRA — Amadora — Serviço Permanente — Telef. 933670

«MIDA»



UMA FABRICA A IAMENTE ESPECIALIZADA NO FABRICO DE MAQUINAS PARA AINDUSTRIAS DE:

- * SERRAÇÃO
- * CARPINTARIA
- * MARCENARIA

TUPIA VERTICAL
Modelo TV-3

Fábrica: — TROFA (Tel. 94123)

Filial em Lisboa:

Avenida Defensores de Chaves, 3-A (Telef. 44147)

CANAL DA CRÍTICA

(Continuação da pag anterior)

muito crescidos por fora. Poder-se-á dizer que «Get Smart» fustiga e combate os aspectos mais exteriores e mais superficiais das séries de violência. E verdade. Mas das rasteiras também se vive, não?

O serão completou-se com mais uma emissão dos «Bons velhos tempos», aqui para nós: das mais aborrecidas, das mais «inglesas» de sempre, Fernando Pessoa, novamente em forma, traduziu e contou fluentemente, sem recurso á sebenta, as anedotas do programa. Em nome disso, esqueceremos aquela sua trapalhada do ilusionista Potassy, apresentado por Pessoa como francês, emendado mais tarde para iugos-

lavo e que, bem feitas as contas, era muito simplesmente da Hungria...

Serão sem história, serão do tempo das vacas magras.

MARIO CASTRIM

CRIADAS

Organismo oficial admite criadas com o salário mensal de 625\$00 e 725\$00 no caso de não terem vagas nas camaratas, com direito a alimentação e reforma e com perspectivas de melhoria.

Devem possuir a habilitação da 4.ª classe e idade compreendida entre os 18 e 34 anos.
Resposta ao n.º 311

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITANICA DE TV

CAMINHOS DE FERRO

SERVIÇO ESPECIAL PARA PONTEVEDRA POR OCASIÃO DAS FESTAS DE «LA PEREGRINA»

DE 1 A 15 DE AGOSTO
Bilhetes especiais de ida e volta a preços reduzidos

A C.P., em combinação com a Rede Nacional dos Caminhos de Ferro Espanhóis (RENFE), vende nas estações de Afife, Ancora, Barcelos, Braga, Caminha, Cerveira, Guimarães, Moledo do Minho, Monção, Porto (S. Bento), Valença e Viana do Castelo bilhetes especiais de ida e volta, a preços reduzidos, para a estação de Pontevedra, por motivo das Festas de «LA PEREGRINA».

Validade dos bilhetes:

Ida: 27 de Julho a 15 de Agosto.

Volta: 1 a 20 de Agosto.

O MEDO DA DOBRAGEM

(Continuação da 6.ª página)

mos de coisas sérias, eu poderia ficar por aqui. Mas já agora quero entrar também no divertimento de Lauro António e de Eduardo Prado Coelho. Então eles não invocam como um dos argumentos contra a dobragem a possibilidade de aparecerem fitas mal dobradas? É forte anedota!

Se eles encontram por acaso um livro mal impresso e cheio de gralhas, será que desatam a gritar: «Abaixo os livros, que atraíam a literatura?» Francamente! A única coisa que «Helga» prova é que a dobragem foi feita por incompetentes. Quem é que com seriedade afirma que a medicina é um perigo, lá porque aparece de vez em quando um falso médico?

E não se venha com o argumento que em Portugal a dobragem será sempre mal feita porque só há incompetentes para a executarem: essa é uma mentira que eu como profissional de cinema rejeito veementemente. É o mesmo que dizer, depois de ver a produção «normal» de filmes portugueses, que «só» há incompetentes na realização.

Há, felizmente, as excepções em tudo, há sobretudo uma coisa chamada «aperfeiçoamento», de que Lauro António e Eduardo P. Coelho parecem esquecer-se.

Desculpem, mas eu NÃO SOU partidário do imobilismo. Se em Portugal nunca mais começamos a fazer isto ou aquilo, com o argumento de que não somos capazes de fazer isto ou aquilo, — então estamos arrumados. Nunca mais passamos das conservas e do vinho do Porto.

5. Ser ou não ser, eis o dilema

Por outro lado (e ainda bem), Lauro António e Eduardo P. Coelho não devem estar, lá por dentro, muito seguros de que a dobragem em Portugal será sempre mal feita, senão vejamos as seguintes frases transcritas dos seus próprios textos:

«Helga... vem CLARISSIMAMENTE demonstrar que a dobragem PODERÁ constituir entre nós um verdadeiro assassinio.» — E. P. C. (A caixa alta é minha) Clarissimamente poderá? Uma afirmação tesa seguida de um futuro dubitativo? Então será ou não será?

«Helga, na versão portuguesa, é a CONFIRMAÇÃO pela evidência da POSSIBILIDADE do aborto cinematográfico. Falamos da dobragem» — L. A. (A caixa alta continua a ser minha).

A confirmação da possibilidade? Mas se é só possibilidade, que sentido probatório faz a confirmação?

Entre «poderá» e a «possibilidade» e uma certeza vai uma grande distância, e basear uma argumentação nisso parece-me, pelo menos, pueril. Lauro António, parafraseando-se a si próprio, bem poderia terminar o seu texto da seguinte forma: «Estamos com António Lopes Ribeiro, hélas, quando condena a dobragem em Portugal.»

ANTÓNIO DE MACEDO

Relógio suíço

CAUNY

100%. Impermeável debaixo de água
O relógio que respira debaixo de água

ESTE ANO OFEREÇO MENSALMENTE UM TELEVISOR PORTÁTIL

NATIONAL

BASTA CONSUMIR

Tigre

QUEIJO CREME DE GRUYÈRE
DELICIOSA ESPECIALIDADE SUÍÇA

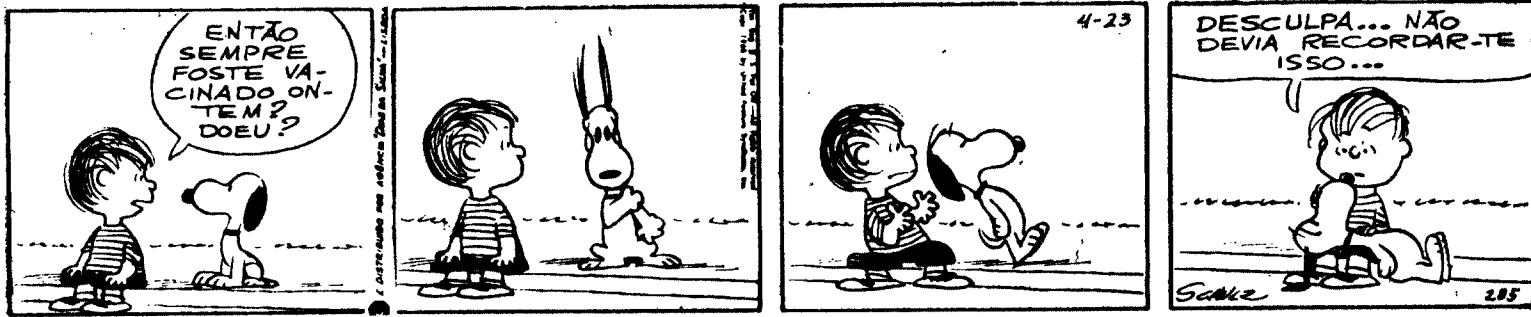
AUTO-MONUMENTAL DO AREIRO, SARL
AGENTE OFICIAL DO DISTRITO DE LISBOA

VOLKSWAGEN

AV. PADRE MANUEL DA NOBREGA, 8, 8C e 8D
(AO AREIRO) TELEFOS. 727654-727665-713087

Carros e furgonetas amplas facilidades de pagamento, peças legítimas, estação de serviço e oficinas

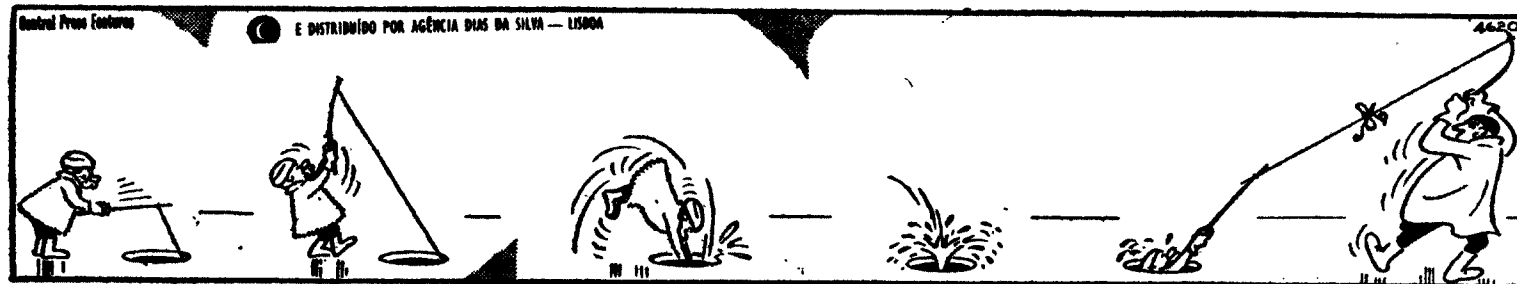
Os Peanuts



Carol Day



Aventuras do Tio Carlos



HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 1 de Agosto de 1939 publicava:

«LONDRES, 1 — O Governo inglês vai pôr em prática, imediatamente, os projectos de armazenagem das reservas de petróleo de que dispõe o país, em caso de guerra. Estes projectos foram elaborados por Geoffrey Lloyd, ministro das Minas.

Anuncia-se oficialmente, que a quantidade de trigo armazenado na Inglaterra é suficiente para seis meses de abastecimento sem novas importações».

EXCURSÃO DA C. P.

DOMINGO, 3 DE AGOSTO

Comunica-nos a C. P. de que realiza no dia 3 do próximo mês de Agosto, em colaboração com a Empresa Geral de Transportes, uma excursão de Lisboa a Faro, Quarteira, Vilamoura, Olhos de Água, Balaia, Albufeira, Armação de Pêra, Senhora da Rocha e Silves incluindo a viagem no comboio FIAT (1.ª classe e ar condicionado) almoço no comboio e circuito turístico em autocarro.

PREÇOS

Excursão completa . 280\$00

Só transporte em caminho de ferro (ida e volta)

— De Lisboa

Tunes . 147\$00

Faro . 170\$00

Bilhetes à venda nas estações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Santa Apolónia), nas Agências de Viagens autorizadas, na Empresa Geral de Transportes (Rua do Arsenal, 124) e nos Despachos Centrais do Caminho de Ferro em Lisboa, onde são distribuídos folhetos descritivos.

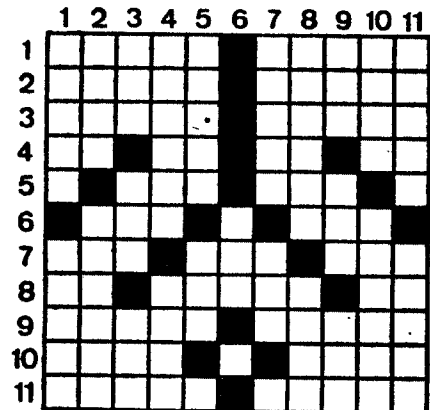
Palavras cruzadas

PROBLEMA N.º 5254

HORIZONTAIS: 1 — Elegância. Defeito. 2 — Avivar o lume. Encolizais. 3 — Tosta. Coshures. 4 — Alternativa. Bismuto (s. q.). Antes do meio-dia. Nota musical. 5 — Saudáveis. Extremidade do braço. 6 — Espaço de trinta dias. Textualmente. 7 — Mágica. Nome dum jogo. Chiste. 8 — Viração. Expele. Nota musical. 9 — Avaliou. Abaixei. 10 — Tecido de malha para cobrir o pé e a perna ou parte dele. Gostar muito de. 11 — Mete em mala. Doze dúzias.

VERTICAIS: 1 — Grupos. Região de África. Guiné setentrional entre a Nigéria inglesa e o Togo. 2 — Prendeu. Falecem. 3 — Raer. Erte. Rema para trás. 4 — Cabelos do rosto. Vantagem de uma prancha e muito doce. 5 — Verbais. Cruel. 6 — Boi selvagem. Conjunção. 7 — Tempo do verbo ficar. Base aérea portuguesa. 8 — Perfumes. Formar as abas. 9 — Pelos de certos animais. Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Agueda. Gosto muito de. 10 — Irmãos da mãe. Mapas. 11 — Deste modo. Alfibre.

Resolva completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o problema nele inscrito.



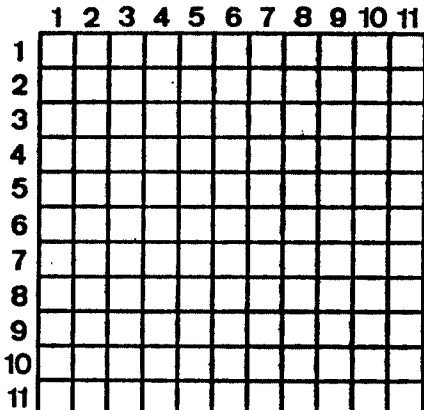
Solução do problema n.º 5253 do sr. Matos

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5253
HORIZONTAIS: 1 — Cã. Pragas. 2 — Lugar. 3 — CASA. In. COM. 4 — Itens. DUAS. 5 — PORTAS. Irel. 6 — AC. Afã. 7 — Ios. Ares. 8 — Onógrafos. 9 — MA. DE. Uis. 10 — Ae. GUARDAR. 11 — Segam. Irmãos.
VERTICAIS: 1 — Cipriotas. 2 — Abato. Ar. 3 — Ser. Som. 4 — Planta. Gogo. 5 — Ru. Sacar. Um. 6 — Agi. Rado. 7 — Gund. Referi. 8 — Ar. Uis. 9 — Secora. Sum. 10 — Josefa. Ira. 11 — Bom. Iates.
PROVERBIO: Casa com duas portas é má de guardar.

PROBLEMA N.º 9097

HORIZONTAIS: 1 — Vento brando. Transportar. 2 — Boato. Mete em mala. 3 — Freguesia do concelho de Oliveira do Bairro. Utensílios domésticos. Ver. 4 — Aqui. Plantas de hastes ocas nos entreteços. Pedra de moínho. 5 — Emparelharam. 6 — Norma. Um cento. 7 — Pronome pessoal. Cântico de louvor a Deus. Pertences. 8 — Braço de mar. Transpira. Pedra de altar. 9 — Arpoa. Irmão. de Abel. 10 — Espécie de forragem (Bras). Série. 11 — Irmão de Moisés. Plantas textéis do Ceará (Bras).

VERTICAIS: 1 — Pua. Conduzir para cá. 2 — Desmoronava-se. Cidade de Portugal. 3 — Magne natural. Cério. (s. q.). Mamífero desdentado espécie de tatu. 4 — Isolado. Lugar de embarque e desembarque de pessoas ou mercadorias. Nome de mulher. 5 — Levantas âncora. Cambeão. Preposição e artigo definido. 6 — Mulher de baixa estatura. Brilha. 7 — Molestar. Ruim. Duzentos em romano. 8 — Preposição. Fole feito pelo fato. Colorido. 9 — Forma apocópica e proclítica de vale. Pronome pessoal. Ilha situada no Pequeno Belt. 10 — Acabá. Cidade de Espanha. 11 — Invulgares. Carumas.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9096

HORIZONTAIS: 1 — Setúbal. 2 — Em. Moral. La. 3 — Gas. Cãs. Ser. 4 — Roldo. Trevo. 5 — Assar. Aune. 6 — Mia. Rir. 7 — Prás. Maus. 8 — Ale. Soa. Rio. 9 — MM. Merca. Vê. 10 — Iodar. Betar. 11 — Ruína. Moira.

VERTICAIS: 1 — Regra. Pamir. 2 — Mãos. Rimou. 3 — Sismos. DI. 4 — Em. Dais. Man. 5 — Focara. Será. 6 — Ura. Pôr. 7 — Bastar. Acém. 8 — Al. Ruim. Azo. 9 — Serran. TI. 10 — Leve. Uivar. 11 — Garoa. Soera.

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas



NAVIOS	SAÍDA A:	DESTINOS
«MOÇAMBIQUE» * CRUZEIRO AO MEDITERRÂNEO	De 25 Outubro a 1 Novembro	Barcelona, Palma de Maiorca, Gibraltar, Lisboa. Preços especiais a partir de Esc. 1.900\$00.
«ÍNDIA» *	11 Agosto	Directo a: S. Tomé, Luanda, Lobito e Moçâmedes. Carrega em Lisboa até 4 de Agosto.
«QUELIMANE» *	12 Agosto	Directo a: Lobito, Lourenço Marques, Beira e Nacala.
«TIMOR» *	18 Agosto	Directo a: Luanda, Lobito, Lourenço Marques, Singapura, Hong-Kong (Macau) e TMI.
«ROYUMA» *	25 Agosto	Leixões, Príncipe, S. Tomé, Luanda, Porto Amboim, Lobito, Moçâmedes e, se necessário, Porto Alexandre, Cuio e Dande.
«MOÇAMBIQUE» *	29 Agosto	Funchal, S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçâmedes, Cabo, Durban, Lourenço Marques, Beira, Moçambique, Nacala e Porto Amélia.

* — Com escala prévia por Leixões.

LISBOA: Rua do Comércio, 85 Tel.: 323021 — Geral;

Reserva de passagens: 34764-369172

PORTO: Rua Infante D. Henrique, 63 — Tel. 22438

VIDA POLÍTICA

● **Ministro do Ultramar**
O ministro do Ultramar ofereceu hoje um almoço de homenagem, no Círculo Eça de Queiroz, ao escritor e jornalista moçambicano Rodrigues Junior, galardoado com o

Importantes transacções numa feira

PEDRÓGÃO GRANDE, 1 — A Feira Anual de Santia- go foi muito concorrida e abundante de tudo e houve importantes transacções. O amplo largo da secular De- yessa e a fachada da Câmara Municipal estiveram vistosa- mente iluminadas e num coreto a afamada banda de musica local executou diver- sos numeros do seu vasto repertório. Houve, também, musica sonora. Assinala-se, que, entre tamanha multi- tudo, não houve a lamentar a mais pequena nota discor- dante.

«Prémio Ricardo Malheiro» da Academia das Ciências.
O prof. Silva e Cunha vol- tou a trabalhar com o gover- nador de Timor e recebeu as comissárias provinciais do Ultramar da M. P. F.

● Subsecretário da Administração Ultramarina

O Subsecretário de Estado da Administração Ultramarina recebeu os galardoados com o Prémio «Governador Geral de Moçambique»: Ber- nardo Reibissone Mutuane, da Milícia de Intervenção, do porto administrativo de Re- via, e João Simane Mané, primeiro-cabo de cipaios da administração de Mucula.

Conselho Superior da Defesa Nacional

Sob a presidência do prof. Marcello Caetano, reuniu-se esta tarde, no Palácio de S. Bento, o Con- selho Superior da Defesa Nacional.

SENTENÇA FAVORÁVEL À DIRECÇÃO ELEITA DO SINDICATO DOS PROFISSIONAIS DE ESCRITÓRIO

Foi ontem conhecida a sentença do Tribunal do Trabalho respeitante à im- pugnação das eleições dos corpos gerentes do Sindi- cato Nacional dos Profis- sionais de Escritório do Distrito de Lisboa para o triénio de 1969-1971.

Como na altura noticiá- mos, apresentaram-se duas listas às referidas eleições que, depois, foram impug- nadas pela lista vencedora, com base em divergências de critérios na elaboração dos cadernos eleitorais.

O caso foi presente ao Tribunal do Trabalho, onde foi julgado no passado dia 21, em audiência a que pre- siding o juiz dr. Manuel Cor- deiro de Mendonça Freitas. A sentença que, como se

disse, foi ontem recebida pelos advogados, tem data de 29 e nela se julga «a acção improcedente e não provada» considerando, por consequência, «válida a de- liberação impugnada que elegeu os membros da mesa da assembleia geral e da direcção do Sindicato Na- cional dos Profissionais de Escritório do Distrito de

Lisboa para o triénio de 1969-1971».

Tem a data de 30 o ofi- cio do Ministério das Cor- porações, que comunica ao respectivo Sindicato o san- cionamento da referida lista vencedora.

Há ainda possibilidade de recurso, mas, neste mo- mento, nada está resolvido a tal respeito.

A criança atravessou a estrada a correr e foi colhida mortalmente

CASTRO DAIRE, 1 — Quando se dirigia a Lisboa, conduzindo a furgoneta com a matrícula LD-55-47, o sr. José Augusto da Silva, ca- sado, morador em Ferreirim, concelho de Lamego, ao pa- sar no local denominado Parreirinho, nas proximida- des de Arcas, freguesia de Mões, deste concelho, na es- trada Castro Daire-Viseu, co-

lheu mortalmente o menor Alcindo Rodrigues Ferreira, de 6 anos, filho do sr. João Ferreira e da sr.ª Mafília Rodrigues de Oliveira, resi- dentes em Soutelo, daquela freguesia. O menor surgiu repentinamente, á frente do veículo, a correr, com inten- ção de atravessar a estrada, e o condutor daquele, em- bora tivesse travado a fun- do, deixando bem marcado o traço dos pneus na via, não teve possibilidade de evitar colher a criança que teve morte instantânea.

Condenações por delitos políticos em Espanha

MADRID, 1 — (F. P.) — Nos três últimos meses, fo- ram condenadas 213 pessoas por delitos políticos. Cento e vinte e nove estão na pri- são e 84 encontram-se em li- bertade provisória.

As penas mais pesadas fo- ram infligidas aos naciona- listas bascos — 52 no total —, acusados por conselhos de guerra do delito de rebelião militar. Entre eles figuram cinco padres de Bilbau, pres- sos quando faziam a greve da fome para chamar a aten- ção da opinião publica para os maus tratos sofridos pe- los prisioneiros políticos. Um conselho de guerra condenou- os a penas que vão de dez a doze anos de cadeia. Pen- as semelhantes foram apli- cadas a sete membros de dois «comandos» do movi- mento revolucionário basco «ETA».

Durante o u- tre, o tribunal da ordem pu- blica condenou 106 militan- tes operários. As penas mais elevadas — de seis a oito anos — foram impostas a dirigentes das comissões op- erárias de Madrid, Vigo e Las Palmas.

Foram também condena- dos durante este período 33 estudantes, indo as penas até seis anos de prisão, por terem atirado pedras contra a Polícia, durante os inci- dentes da Universidade de Madrid, no ano passado

VISITA DE ESTUDO DOS «AMIGOS DE LISBOA»

O grupo «Amigos de Lis- bo» promove, no próximo domingo, ás 15 horas, uma visita às novas instalações da União de Grémios de Lojistas de Lisboa, na Rua Castilho, n.º 14.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

FESTAS E ROMARIAS

Em Vila Velha do Ródão

Estão a suscitar o maior interesse em todas as fre- guesias e limitrofes, os fes- tejos que se realizam em Vila Velha do Ródão, com início amanhã, prolongando- -se até ao dia 4, a favor das obras da igreja matriz local.

Do respectivo programa, de carácter predominantemente popular, constam a exibição de ranchos folclóri- cos, quermesse s arraijal, co- mo provas desportivas e ses- sões de fogo-de-artifício.

Amanhã e depois de aman- nhã, efectuar-se-á a recolha das fogaças e a venda da flor.

Encerraram-se as Festas da Covilhã

COVILHÃ, 1 — Tiveram apoteótico encerramento as festas da cidade, que decor- reram com grande brilhanti- smo. Na ultima noite exibi- ram-se o Rancho Folclórico «Tamar», da Nazaré, e o can- çonista Rui de Mascare- nhas, acompanhado pelo con- junto «Os Duques», de Lis- boia, que teve actuação no- tável.

Milhares de pessoas assisti- ram ao lançamento do fogo no ar e artifício, confecio- nado por afamados pirotéc- nicos de Viana do Castelo.

Em Alhos Vedros

ALHOS VEDROS, 1 — Vão realizar-se em Alhos Ve- dros, de 2 a 6 de Agosto, os tradicionais festejos em lou- vor de Nossa Senhora dos Anjos, que têm o patrocínio da Câmara Municipal da Moita.

A inauguração oficial das festas, no sábado, preside o governador civil de Setúbal. Segue-se a abertura do ar- raijal e feira franca e concer- to pela Banda do Grupo Des- portivo da C. U. F.

No domingo, prosseguem os festejos com uma largada de toiros, procissão e bênção dos barcos no cais. Colabo- ram, além da banda já cita- da, a Sociedade Filarmónica Capricho Moitense, a Socie- dade Instrução Musical da Quinta do Anjo, a Sociedade Filarmónica Palmelense, a Sociedade Filarmónica Per- pétua Azeltonense e a Ban- da da P. S. P., além de vá- rios ranchos folclóricos

IA PARA A TROPA E FOI ATROPELADO

UISEU, 1 — Ia apresen- tar-se para o serviço militar o sr. Jorge Manuel Constân- cio Marques, de 21 anos, ca- çado agricultor, de Vale de Azores (Celorico da Beira) e foi atropelado por um auto- móvel.

Sofreu fractura de uma tí- bia e recolheu ao Hospital da Misericórdia

COMUNICADO DAS FORÇAS ARMADAS NA GUINÉ

BISSAU, 1 — (L.) — Foi distribuído o Boletim Infor- mativo das Forças Armadas na Guiné referente ao perio- do de 20 a 27 de Julho, que é do teor seguinte:

«Durante o período o in- ímigo flagelou as povoações de Cansamba, Cussana Man- soa e Mato Farroba e os aquartelamentos de Xime, Mansaba, Ingore, Dulombi, Guidage, Bedanda, Nhala, Mampata, Bissau, Mansambo, Madina Xaquili, Quirafio, Bin- ta, Begene Biambe e Binar, implantou engenhos explosi- vos nos itinerários de Cana- mbari, Jumbembem e Xime- -Ponta do Inglês e nas regiões de Pelundo e Sare Sanda F. (Cuntima) e emboscou as nossas tropas nas regiões de Pelundo e Burne (Teixeira Pinto)

Em resultado das acções realizadas pelas nossas For- ças, o inimigo sofreu:

Na região de Madeiros (Ba- chile) cinco mortos; na re- gião de Teixeira Pinto, um morto; na região de Bape (Teixeira Pinto) um morto; na região da Foz Talico, um morto; na região de Pelundo,

um morto; na região de Qui- rafo, dez mortos, apreensão de material, armamento e mu- nições.

Foram destruídos os inimi- go meios de transposição nas vias fluviais. Durante o perio- do, o inimigo sofreu dezasseis mortos. As nossas Forças so- freram seis mortos em com- bate, cujos elementos de iden- tificação foram oportunamen- te divulgados aos órgãos de informação.

Comunicado do S. I. P. das Forças Armadas

O Serviço de Informação Pública das Forças Arma- das comunica que morre- ram em combate, na pro- vincia da Guiné, o soldado n.º 17055568, José Botelho Santos, filho de José Bo- telho dos Santos e de Ma- ria José Machado, natural de Ponta Delgada; e o sol- dado miliciano n.º 08366, Mauro Balde, filho de Ba- car Balde e de Mera Balde.

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Oferta	Compra	Venda
Consolidado 4 3/4%	—	—	5255
Consolidado 3%	—	—	5405
Consolidado 3 1/2%	—	—	6405
Consolidado 4%	1.480\$	—	—
Obliq. Tesouro 5%	1.000\$	—	—
Extremo Série A	—	750\$	800\$
Extremo 1.ª Série A	—	—	—
Extremo 2.ª Série A	—	—	—
Extremo 3.ª Série A	—	—	920\$
Extremo 3.ª Série B	—	175\$	—
OBRIGAÇÕES			
Agua Lisboa 5%	—	—	—
A. P. 1 5% 56	930\$	—	930\$
A. P. 1 5% 58	—	—	—
A. P. 4 1/2% 65	900\$	895\$	—
E. P. 3 1/2% 67	—	1.005\$	—
E. U. F. 6%	—	—	1012\$
Gás Elect. 4 1/2% 51	—	—	995\$
Gás Elect. 5% 52	—	—	—
Gás Elect. 5% 58	—	—	925\$
Gás Elect. 5% 59	—	—	925\$
Gás Elect. 5% 62	—	—	—
Gás Elect. 5% 63	—	—	—
Gás Elect. 5% 65	—	—	—
Gás Elect. 5% 67	—	—	—
H. E. A. Alentejo 5%	—	825\$	840\$
H. E. Cávado 5%	824\$	825\$	825\$
H. E. Cávado 6%	—	995\$	—
H. E. Douro 5%	—	825\$	—
H. E. Douro 6%	995\$	994\$	995\$
H. E. Norte Port. 5%	—	198\$	—
H. E. S. Estrela 6%	990\$	—	—
H. E. Zêzere 5% 55	—	—	—
H. E. Zêzere 5% 57	—	—	—
Lezíria 6%	—	—	1.004\$
Metropolitano 4%	—	897\$	—
Metropolitano 5 3/4%	—	1.030\$	—
Moçambique 5%	—	—	—
Nac. Elect. 5%	840\$	835\$	—
Nitrato 5%	—	—	—
Nitrato 5% 60	—	—	—
Petroquímica 5%	—	—	—
Port. Celul. 5%	—	950\$	—
Sacar 5% 54	—	925\$	—
Sacar 5% 60	855\$	855\$	—
Siderurg. 5%	—	—	—
Siderurg. 5% 3	—	—	—
Siderurg. 5% 4	—	—	—
Sonete 5%	—	840\$	—
T. A. P. 4%	—	—	—
Termoelect. Port. 5%	—	—	830\$
E. P. 3 3/4%	—	—	—
E. P. 4%	—	—	—
E. P. 4 1/2%	—	—	—
E. P. 5%	—	—	835\$
E. P. 5% 60	—	—	870\$
E. P. 5% 63	—	—	—
ACCÕES			
Bancos	—	—	—
Anticatura	1.395\$	1.395\$	1.400\$
Alentejo	780\$	780\$	—
Angola	2.600\$	—	2.610
Bumay	3.500\$	3.490\$	3.520
Créd. Predial	20.000\$	—	—
S. Santo	—	—	—
S. Santo S. P.	—	20.000\$	—
S. & Agores S. P.	7.000\$	7.000\$	7.050\$
S. & Agores S. P.	—	—	—
S. Atlântico S. P.	—	—	6.500\$
Portugal S. P.	3.600\$	—	3.600\$
Totta Aliança	6.450\$	6.400\$	6.500\$
Ultramarino S. P.	2.580\$	2.580\$	2.590\$
Ultramarino S. P.	2.820\$	2.810\$	2.815\$
Seguros			
Alentejo	—	73\$	—
Douro	—	1.000\$	—
Mund'al	510\$	510\$	520\$
Sagres	—	450\$	1.750\$
Tranquilidade	—	45.000\$	—
Ultramarino	—	15.000\$	30.000\$
Ultramarinas			
Agúcar de Angola	—	—	—
Ag. Casseque	725\$	720\$	725\$
Ag. Incomat	—	900\$	3.000\$
Ag. Neves	—	—	—
Ag. S. Tomé e Príncipe	—	280\$	—
Boror	—	—	200\$
Buz	—	—	90\$
Cabinda	91\$	90\$	193\$

**ÍNDICE
BORGES & IRMÃO**

COTAÇÃO DAS ACCÕES (Base Dez. 65 100)

	20/7/69	31/7/69	1/8/69
GERAL	131,6	133,2	138,1
METROPOLITANO	127,2	137,3	134,1
ULTRAMARINO	163,5	167,2	167,2

PAISES	Compras	Vendas
Africa do Sul:		
— Rand de 1 e 2...	34\$00	36\$50
— Rand de 5 a 20...	35\$00	37\$50
América:		
— Dollars de 1 e 2...	28\$ 5	28\$55
— Dollars de 5 a 1000	28\$35	28\$75
Canada — Dollar	28\$ 0	28\$60
Alemanha — Marco	1\$05	1\$30
Austria — Schilling	1\$08	1\$ 5
Brasil — Cruzeiro Novo	5\$50	7\$50
Espanha — Peseta	\$402	\$4 7
Holanda — Florim	1\$75	8\$00
Inglaterra — Libra	67\$20	69\$20
Itália — Lira	\$04,45	\$04,65
Marracos — Dirham	4\$75	5\$25
Bélgica — Franco	\$52	\$55
Francia — Franco	5\$30	5\$70
Suécia — Franco	6\$55	6\$75
Dinamarca — Coroa	3\$70	4\$00
Noruega — Coroa	3\$90	4\$20
Suécia — Coroa	5\$40	5\$70
Ouro:		
Inglaterra — Libra Isabel	315\$00	330\$00
Inglaterra — 1/2 Libra	255\$00	275\$00
Ouro fino — Barra	38\$00	39\$50

J. BURNAY, L. DA Notas estrangeiras
RUA DO OURO, 72 Papeis de crédito
Tel. 321273

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

8.º GRANDE PRÉMIO ROBBIALAC

SANTIAGO VEIO DE LUANDA PARA GANHAR AO PÉ DOS SEUS

NOVO CAMISOLA AMARELA:

É do Tavira e chama-se José Diogo

FIGUEIRA DA FOZ, 1 — Olhos muito brilhantes, cabelos claros a poisarem na testa, dentes bonitos,

— Eu não lhe tinha dito? Eu não lhe tinha dito?

A família abraça-se a ele. Joaquim Santiago (23 anos, profissional ciclista desde 1965, quando ascendeu à representação principal do Sangalhos) tem estado na tropa, em Angola.

— Eu não lhe tinha dito? Foi só a minha aparecer-me com a menina...

Em Aveiro, na Avenida Lourenço Peixinho, Joaquim Santiago afinava a bicicleta para começar a 3.ª etapa deste «Grande Prémio Robbialac». Ele sabia que todo se escancara num sorriso, e os lábios se poisam numa garotinha de colo.

— É a minha menina, dis-nos embevecido. Tem 18 meses e chama-se Margarida do Céu.

E virando-se para a mulher, poisando os olhos também na garotinha, disse-lhe ao ouvido:

— O papá vai hoje correr para ti.

Por Santiago, aos Mouros!

Joaquim Santiago, cumpriu realmente, o que prometera: Correu para ganhar. E o triunfo na etapa, por este ciclista do Sport Luanda e Benfica, foi duplamente saboroso. De Oliveira do Bairro, terra da naturalidade de sua mulher, veio muita gente para vê-lo. E de Sangalhos, ou-

Diga-se de passagem que não é virgem o êxito de Santiago em etapas do «Grande Prémio Robbialac». Em 1966, ele tinha ganho a ligação entre o Porto e Sangalhos, na distância de 101 quilómetros. Fugiu a quatro quilómetros e meio da partida e ninguém mais o agarrou.

Agora, apenas com um mês de serviço militar para cumprir (o que fará no Quartel do Campo Grande, em Lisboa) Joaquim Santiago quer pertencer aos altos relevos do ciclismo nacional.

— Se o Sangalhos me aceitar, é bom de ver...

Onde não se fala de Agostinho

Esta 3.ª etapa da 8.ª edição do «Grande Prémio Robbialac» tem apenas uma história: a história do sucesso local de Santiago, um Santiago que bateu ao «sprint» dois moços de trabalho (Albino Alves da Ambar, e o tavricense José Diogo) companheiros de fuga ao longo de 2 horas e 20 minutos de caminhada.

Com todos os homens do Benfica no trono (Manuel Luís com a «camisola amarela» e a «bracadeira verde», Fernando Mendes com o «jersey» roxo e Augusto Cardoso vestido de «laranja») o técnico Francisco Valada remeteu-se a um lógico estado de hibernação. Daí que a primeira escaramuça tenha partido de Casimiro Cabrita (Luanda e Benfica), Custódio Gomes (F. C. Porto) e Hen-

culano Oliveira (Sangalhos). Escaramuça, todavia, que não chegou a nada: porque 15 minutos após, arrancada para a Figueira da Foz, Albino Alves, Joaquim Santiago e José Diogo disseram adeus e foram à vela.

Porto e Sporting: decepção

Espanta a confrangedora passividade do F. C. Porto, a aparente falta de confiança de cada elemento nos seus recursos próprios. E, o que é pior, parece-nos que também descrença na sapiência do francês Niel, que, por estar arvorado em funções de comando, é obrigado, pelo menos, a conhecer as linhas com que cose, e a não se deixar eliminar por atropelo às regras internacionais que dirigem este jogo do pedal.

Quanto ao Sporting, nada a acrescentar: a turma anda na dança reduzida à mais simples expressão de esforço. Sem garra nem tática, com uma hidra de mil cabeças, em que cada uma pensa por si e sempre mal. Até Agostinho trabalha por si e pelos colegas.

O tavricense José Diogo é o novo «camisola amarela»: Parabéns, Jorge Corvo. A incógnita está em saber se hoje, de Coimbra para Peniche, o algarvio vai (ou não) consentir o ataque. A jornada é difícil: 173 quilómetros que começam a correr-se às 14 e 30, e só vão acabar lá para as 19 e picos. Se o calor apertar, aposte nele.

SCHWARTZ CHEGA HOJE

O F. C. do Porto recebeu convites de Carcass, da Cornubia e do Belenenses, para a sua equipa principal de futebol se exhibir naquelas duas cidades e em Lisboa, nesta em jogo integrado nas comemorações do aniversário do clube do Restelo.

A direcção do F. C. do Porto não respondeu, entretanto, afirmativamente a nenhuma das propostas, pois espera o regresso do treinador Schwartz para decidir das vantagens da efectivação de tais jogos antes do início da época.

Aquele treinador deverá chegar ainda hoje ao Porto.



Durante os 800 metros livres, Rosa Jorge em direcção ao triunfo



Ontem, último dia de contrato para Eusébio. E o jogador esteve na Luz e treinou com a aplicação do costume — a «estrela» entre desconhecidos, pois, com excepção de Jacinto e Cruz, todos os outros «ases» estão em Moçambique.

NATAÇÃO

ALGÉS E DAFUNDO: SUPREMACIA CONFIRMADA

Com a participação do Alagés, Benfica, Belenenses, Nacional, Pedrouços, Ciment. Tejo, União Penedense, Juventude e Lusitano de Évora disputou-se ontem à noite na Piscina Municipal dos Olivais a segunda jornada dos «Campeonatos Regionais de Natação», para todas as categorias, que forneceu os seguintes resultados:

FEMININOS — 400 m. livres, juniores: Ana Paula Matos (S. A. D.), 5.48,8; 400 m. livres, seniores: Ana Gaspar (S. A. D.), 5.59,2; 100 m. mariposa, juvenis: Ana Maria Patacas (S. A. D.), 1.37,7; 100 m. livres, infantis: Manuela Banha (S. A. D.), 1.23,2; 100 m. mariposa, juniores: Isaura Martins (S. A. D.), 1.42; 100 m. costas, seniores: Ana Gaspar (S. A. D.), 1.30,9; 100 m. livres, juvenis: Ana Maria Patacas (S. A. D.), 1.18,1; 50 m. mariposa, infantis: Manuela Banha (S. A. D.), 46,7; 200 m. brucos, juvenis: Ana Cristina Patacas (S. A. D.), 3.23,6; 100 m. brucos, seniores: Ana Gaspar (S. A. D.), 1.38,5; estafeta 4X100 estilos, juvenis: (S. A. D.), Berta Alves, Ana Rosa, Ana Patacas e Jágia Marques, 6.35,2.

MASCULINOS — 800 m. livres, juniores: Fernando Rosa Jorge (S. A. D.), 11.01,8; 100 m. livres, juvenis: Ricardo Santos (S. A. D.), 1.09,1; 200 m. costas, seniores: Joaquim Jorge Alves (S. A. D.), 2.49,8; 400 m. livres, infantis: Vasco Mineiro (S. A. D.), 6.11,1; 100 m. costas, juniores: António Borges Maciel

(S. A. D.), 1.22,6; 100 m. brucos, juniores: Luís Filipe Rosa (S. A. D.), 1.24; 100 m. brucos, juvenis: Luís Baptista (Nac.), 1.30,6; 200 m. livres, seniores: Joaquim Jorge Alves (S. A. D.), 1.36,2; 100 m. costas, infantis: João Carlos Conceição (Bf.), 1.39,9; estafeta 4X200 m. livres, seniores: (S. A. D.), Joaquim Jorge, Jorge Adélino, Luís Sagueiro e António Trabuco, 12.20,2.

SPORTING

— VITÓRIA NA BEIRA POR 7-1

BEIRA, 1. — (L.) — O Sporting venceu ontem, à noite, a sua filial da Beira, reforçada com elementos doutras equipas, por 7-1, com 3-1 ao intervalo.

O golo dos beirenses, obtido por Bito aos 38 minutos, redundou na expulsão de Pêrides, que se excedeu ao impugnar a validade do tento.

DR. MARTINS CANAVERDE:

— NO MEU TEMPO DE DIRECTOR NUNCA EUSÉBIO FOI MOTIVO PARA UM «CACHET» MAIS ALTO...

Dr. Martins Canaverde — secretário-geral da anterior direcção do Benfica, um dirigente que se salienta pelo seu dinamismo e firmeza de orientação. Um telefonema seu é pedido para um esclarecimento — referente a duas afirmações feitas por Eusébio em entrevista concedida ao nosso jornal.

Afirmou-nos aquele advogado:

— Não quero polémica, note-se bem, porque em relação ao caso de Eusébio me tenho limitado a seguir o caso com todo o interesse e atenção que resulta do facto de eu ser benfiquista.

Uma pausa. Breve. Depois:

— Na entrevista de Eusébio há, porém, duas declarações referentes à direcção de que fiz parte e que não são exactas.

Fazemos questão de escrever textualmente. E o

dr. Martins Canaverde dita:

— Em primeiro lugar: no nosso tempo de dirigentes nunca fizemos nenhum contrato referente a jogos particulares em que existisse a cláusula fixa de Eusébio ter de alinhar para que o «cachet» fosse mais elevado.

Tomamos nota. E o dr. Martins Canaverde acrescenta:

— Quanto ao outro ponto — a apresentação de um contrato em branco para Eusébio assinar — falei com o eng.º Helder Viçoso, então director do Departamento de Futebol, e os dois afirmamos: não temos conhecimento de ter sido apresentado pela nossa direcção qualquer compromisso desse género ao jogador moçambicano.

E a terminar:

— Era só isto que achol por bem esclarecer porque, na verdade, foi o que se passou...

CLASSIFICAÇÃO GERAL

H. M. S.		H. M. S.	
1 José Diogo (Tav.)	12 59 37	24 H. Oliveira (Sg.)	m. t.
2 P. Moreira (Bf.)	13 02 59	25 L. Miranda (Sp.)	»
3 J. Leão (Porto)	13 03 04	26 Paul. Dom. (Sf.)	»
4 José Vieira (Sp.)	m. t.	27 Man. Costa (Bf.)	»
5 J. Freitas (Amb.)	»	28 C. Gomes (Pr.)	13 03 34
6 Man. Luís (Bf.)	13 03 11	29 A. Pereira (Coel.)	m. t.
7 J. Pereira (Coel.)	13 03 16	30 Wills. Sá (Amb.)	13 04 19
8 E. Dionísio (Sp.)	13 3 18	31 J. Agostin. (Sp.)	13 05 18
9 C. Oliv. (Sang.)	13 03 23	32 João Roque (Sp.)	m. t.
10 F. Mendes (Bf.)	13 03 28	33 Aug. Fortes (Bf.)	»
11 José Santos (Bf.)	13 03 33	34 Vítor Rocha (Sp.)	»
12 J. Azevedo (Pr.)	m. t.	35 N. Timóteo (Sp.)	»
13 M. Castro (Amb.)	»	36 V. Tenazin. (Sp.)	»
14 J. Andrade (Sg.)	»		
15 J. Coelho (Amb.)	»		
16 P. Rodrig. (Bf.)	»		
17 M. Silva (Porto)	»		
18 A. Graça (Tav.)	»		
19 A. Cardoso (Bf.)	»		
20 J. Fonseca (Sg.)	»		
21 V. Cardoso (Bf.)	»		
22 M. Mestre (Tav.)	»		
23 J. Pacheco (Pr.)	»		

GERAL POR EQUIPAS

H. M. S.	
1.ª TAVIRA	39 06 19
2.ª Ambar	m. t.
3.ª Benfica	39 10 03
4.ª Coelima	m. t.
5.ª F. C. Porto	39 10 10
6.ª Sporting	m. t.
7.ª Sangalhos	39 10 39
8.ª Sp Luanda Benf.	40 59 48

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

Propriedades

— VENDAS —

ANDARES

EM ODIVELAS

Com 5 e 6 casas assola-
das, em prédio de
luxo, prontos a
fazer escritura.
Rua E, 4.º Av.
Prof. Dr. Augu-
sto de Abreu
Lopes, Lotes
18 e 19.

TRATA:

F. FERNAN-
DES & COS-
TA, LDA.
Av. Alm. Reis,
104-2.
Tel. 53611-2/3

PRÉDIOS ANDARES MORADIAS OU TERRENOS

Deseja com-
prar, vender
ou hipotecar
nas mais van-
tajasas condi-
ções?

Consulte:

ORCOSI

R. 1.º Dezem-
bro, 45, 3.º
Telefs. 323172-
-367444

Contacto



PUBLICIDADE
Telet. 847260

PRÉDIO

por 1400 con-
tos. bom local,
transportes à
porta, 8, unq.,
revestido a
marmorite e
rende 96 000\$.

A LUZÁ- FRICA

Calçada do
Carmo, 6, 2.º
Tel. 368080

PRÉDIO

POR 4100 CON-
TOS: - A Av.
E. U. da Ame-
rica, de 3 pi-
soas, hab. e
e. de banho,
aquecimento,
telefones inter-
nos e outros
requisitos Ren-
de 288 000\$00

A LUZÁ- FRICA

Calç. Carmo, 6
Telet. 36 80 80

Dinheiro

S/ prédios

EMPRESTA-
SE rápida-
mente e em
boas condições
15 a 2000 con-
tos em 1.º ou
2.º hipoteca de
prédios, parte
de construção,
Também se
aceitam pro-
priedades pa-
ra venda. Ca-
sa Lares, Rua
da Prata, 291,
2.º, Dt. - Tels.
325487 e 370618
(junto à P. da
Figueira).

CASAS

para alugar

Procure v.
Ex. nos a/es-
critórios onde
temos sempre
variaadissimos
andares e to-
tas para alu-
gar em Lisboa
e arredores
Não cobramos
qualquer un-
portância a ti-
tulo de comis-
são aos inq-
linos

Trata: SOC.
CONS. IN-
VICTA, Rua
do Ouro, 292,
1.º - Telet.:
30259-34755.

O ANDAR

DA SEMANA

Em QUELUZ: belissimos imóveis
de 2, 3 e 4 boas assola-
das, de SOL, 2 assola-
das de 165 contos, 3 assola-
das de 215 contos e 4 assola-
das de 230 contos. - Rua Bastos
Nunes, Lotes n.º 4, 5, e 7 -

TRATA: Rua do Madalena, 182-1
Telefs. 86 75 46

Capitais

TEM CARRO? TEM PRÉDIO?

ENTÃO TEM DINHEIRO

Ficando na mesma
de sua propriedade
CONSULTE JA A

ORCOSI

E FICARA SATISFEITO
Rua 1.º de Dezembro, 45
Telefones 36 74 44 / 32 31 72

DINHEIRO

S/ AUTOMÓVEIS

Visita-nos e depois compare
n/ condições. Telet. 86.75.46.

HIPOTECAS

sobre
PROPRIEDADES
E AUTOMÓVEIS

ROBREL

R. Rodrigues Sampaio, 69
Telefs. 4 46 02 - 53 65 69

SE TEM AUTOMÓVEL

Realize dinheiro rápida-
mente desde 5 contos; s/
vender, s/ hipotecar, s/ le-
tras, s/ fiador até 40 meses.
SIMPLES, EFICIENTE
ECONÓMICO
T. 560713

PAPELARIAS

Com um vasto sortido de ar-
tigos de escritório, livros de
escrita e agendas de vários mo-
delos, a conhecida PAPELARIA
FERROS vem de há muitos anos
servindo com eficiência a sua nu-
merosa clientela. Antes de re-
novar os livros da sua escrita, con-
sulte a Papelaria Ferros - R. de
S. Julião, 64-66,

CAPITAIS

Colocam-se com todas as garantias
e nas melhores condições hipotecárias
EMPRESA PREDIAL NORTENHA

MEDIADOR OFICIAL

Praça da Alegria, 58-2. - Telefones: 362228 - 366731 - 366812

NA COMPRA, VENDA E HIPOTECA DE PROPRIEDADES



(MEDIADORES AUTORIZADOS)

AV. ALMIRANTE REIS, 104-2. - TELEF. 53 61 11/2/3

Automóveis

VENDAS:

AUTOMÓ-
VEIS de todas
as marcas, aos
melhores pre-
ços, Av. João
XXI, 8-A.

Contacto



ANÚNCIOS

FURGO- NETAS

Taurus 12 M.
utilit., 1968;
Commer 2500
Diesel, utilita-
ria, 1967; Tau-
rus Transit.,
utilit., 1966.
Fac. troca e
pag.

MARCELO
Av. João Cri-
sóstomo, 47-C

ALUGUER:

SERVIÇOS DE
NÚMEROS
TELEFÓNICOS
PARA AUTO-
MÓVEIS S/
CONDUTOR:

- 534657 - L. St. Barbara, 5-B.
- 49612 - Jomil Auto - Rua
Ponta Delgada,
40-A-B.
- 769848 - EUROCAR - A v.
Barbosa do Bocage, 1
- 42890 - Taxis Universo, Ld.
- Av. Republica, 26.
- 537476 - RETUR - R. Ro-
drigo da Fonseca,
56, 1.
- 727654 - Auto Monumental
do Azeiro, Lda. -
Av. Padre Manuel
da Nóbrega, 10-E.
- 539168 - 539345 - B R U-
NAUTO, Rua Joa-
quim Bonifácio, 10-A
- 553033 - STALL - Rua Soc.
Farmacêutica, 30-A.

VIAGENS A MADRID

Utilização de beliches
no comboio
Lusitânia-Expresso

A C. P. lembra a todos os
que pretendem deslocar-se a
Madrid, que o comboio Lusi-
tânia-Expresso inclui na sua
composição uma carruagem de
beliches (correspondentes às
scouchettes dos comboios fran-
ceses).

Com um suplemento de ape-
nas Esc. 83\$50, além do preço
de bilhete normal de 2.ª classe,
poderá assim viajar-se comoda-
mente deitado neste comboio
que assegura, com trajeto noc-
turno, as ligações entre as duas
capitais peninsulares.

DESCAPOTÁVEIS

VENDEM-SE

CITROEN DS 19

ótimo estado

CADILAC - C/ NOVO
FAC. PAG. E TROCA
R. de Campolide, 27-B

COMPANHIA DAS ÁGUAS DE LISBOA, S. A. R. L.

AVISO IMPORTANTE

Previnem-se os Ex.ºs Consumidores de que
até 5 de Setembro próximo, devido às férias
do respectivo pessoal, não serão lidos os con-
sumos referentes a Agosto nem cobrados os
débitos de Julho, cujos recibos lhes serão apre-
sentados em Setembro.

Os consumos relativos a Agosto e Setembro
serão apresentados à cobrança em um só re-
cibo no mês de Outubro.

FRIGORÍFICOS FIDES

Interior em esmalte
Congelador a toda
a largura

FRIGORÍFICOS DE QUALIDADE EXTRA
NAS MELHORES CONDIÇÕES DE
AQUISIÇÃO EM:

ELECTRODOMÉSTICOS LUSALVA

R. Andrade Corvo, 4-A - Tel. 58884

VISITE-NOS: FICARÁ
CLIENTE E AMIGO.



ICING SUGAR HORNUNG

ACÚCAR ESPECIAL
PARA COBERTURA
DE BOLOS

fabricado pela
REFINARIA DO ULTRAMAR

SEXTO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

NOTÁRIO: LIC. JOAO VEIGA
RUA RODRIGO DA FON-
SECA, SETENTA E OITO,
PRIMEIRO, DIREITO

CERTIFICO para efeitos de
publicação que por escritura de
26 de Julho corrente, de folhas
13, v.º, a folhas 15, v.º, do livro
A-1443, de escrituras diversas
deste Cartório, foi alterado par-
cialmente o pacto social da so-
ciedade comercial por quotas de
responsabilidade limitada «IBE-
REX - SOCIEDADE COMER-
CIAL IBERO-MUNDIAL, LI-
MITADA», com sede na Ave-
nida Dom Carlos Primeiro, 132,
em Lisboa, com referência ao
art.º 7.º que passou a ter a re-
dacção seguinte:

«7.º - A gerência, dispensada
de caução, incumba a quem a
Assembleia Geral designar. Qual-
quer dos gerentes, sendo sócio,
poderá delegar, por procuração,
os poderes de gerência em quem
entender. A sociedade obriga-se
com a assinatura de um só ge-
rente.

Os sócios podem delegar en-
tre si os seus poderes como só-
cios ou como gerentes».

É certidão de teor parcial que
vai conforme ao original, no
qual nada há em contrário ou
além do que se narra ou trans-
creve.

Lisboa, 30 de Julho de 1969.
O AJUDANTE

Bilhetes para pessoas de idade



AGORA, TANTO O AVÓ COMO O NETO PODEM VIAJAR
NOS CAMINHOS DE FERRO A MEIO PREÇO

A C. P. ANUNCIA A ENTRADA EM VIGOR DE UMA NOVA
TARIFA CONCEDEDOR A REDUÇÃO DE 50%, NOS
PREÇOS DOS BILHETES DA TARIFA GERAL, EM
QUALQUER CLASSE, AS PESSOAS COM IDADE IGUAL OU
SUPERIOR A 65 ANOS, MEDIANTE A SIMPLES APRE-
SENTAÇÃO DO BILHETE DE IDENTIDADE

INFORME-SE NAS SECÇÕES DE INFORMAÇÕES
OU NO DEPARTAMENTO COMERCIAL
ESTAÇÃO DE SANTA APOLÓNIA - TELEF. 86 41 81

Diário de Lisboa



Propriedade de
Renascença Gráfica, S. A. R. L.
Editor: João C. de Sá
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
Publicidade 3 42 21
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa 2 — Portugal

POR CAUSA DE UM SIMPLES OVO...

Criança de 7 anos encerrada durante 5 horas num galinheiro

GUIMARÃES, 1. — Por ter sido pegado num ovo de galinha, uma criança esteve encerrada durante cinco horas seguidas num cortelho de reduzidas dimensões, fechada a

cadeado e guardada por um homem armado de sacola. O caso ocorreu no lugar do Cimo, freguesia de S. Lourenço do Selho.

A criança, Maria Adelina

Ferreira Rodrigues, filha do sr. António Martins Ferreira e da sr.ª Maria da Silva Rodrigues, vive, com mais quatro irmãos pequenos numa casa de que é proprietário o lavrador António Vaz Saraiva. Os garotos costumam brincar nas imediações da casa, onde também andavam livremente as galinhas e outra criação.

A dada altura a Maria Adelina pegou num ovo, que uma galinha pusera mesmo à porta da sua casa. Tanto bastou para que o senhorio a agarrasse e fechasse num cortelho de dois metros quadrados, que serve de coelheiro, galinheiro, etc. Depois de ter assegurado com um cadeado, que a pequena não pudesse evadir-se, mandou ainda um criado, armado de sacola pôr-se de sentinela à porta da «prisão».

Apesar dos gritos e dos choros da pequena enclausurada ninguém se atrevia a ajudá-la, pois todos conhecem o mau feitio do lavrador e sabem que noutras ocasiões ele já tem feito proezas deste género.

Quando a mãe da Maria Adelina, que tinha ido ao hospital fazer um curativo, voltou a casa, a primeira coisa que fez foi avisar o marido. Este veio imediatamente e participou o caso ao regedor (por acaso cunhado do carcereiro). Tomadas as providências necessárias, a criança foi retirada sem fala do interior da sua improvisada cela, onde se manteve cinco horas seguidas e em jejum. Conduzida ao consultório de um clínico local, encontra-se ainda em tratamento.

A G. N. R. de Guimarães, a quem os pais apresentaram queixa, enviou o lavrador António Vaz Saraiva ao tribunal judicial.

De vez em quando

Acho que os governantes devem aproximar-se sempre do povo que governam: viver com eles o dia-a-dia, compartilhando dos seus anseios e preocupações, mas participando também nas suas alegrias e distrações. Por isso nos congratulamos pelo facto de ontem dois ministros terem abandonado os seus gabinetes de trabalho (onde este não faltará, louvado seja Deus) a fim de compartilharem da satisfação das gentes da Covilhã, por passarem a dispor de táxis-aéreos, e de telefonistas e operadores do Porto a quem foram concedidos, respectivamente, os benefícios de ter casa e lugar para comer. E a jornada culminou, à noite, com o Chefe do Estado a ouvir ópera no Trindade e o Presidente do Conselho a ver touros no Campo Pequeno. Acreditem: os grandes problemas resolvem-se melhor com um sorriso nos lábios, alegria nos corações e, sobretudo, sem primários rancores verrinosos.

V. D.

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL:

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava localmente muito nublado e o vento era fraco ou moderado de noroeste. Havia neblina em alguns locais do litoral para norte do cabo Carvoeiro.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ AS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Elvas, 34°; mínima: Montalegre, 7°4.

TEMPERATURAS DO AR AS 9 HORAS — Porto, 15°; Penhas Douradas, 14°; Portalegre, 17°; Lisboa, 18°; Faro, 23°; Funchal, 21°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS AS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera, 19°5; na água do mar, 18°.

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ

Na faixa costeira ocidental, céu geralmente muito nublado durante a noite e a manhã, tornando-se pouco nublado durante a tarde; possibilidade da ocorrência de neblina ou nevoeiro matinais. Nas restantes regiões: céu geralmente pouco nublado, com nuvens altas. Em todo o território: vento fraco a moderado do quadrante norte.



Amanhã
Nascer às 6 e 39
Ocoso às 20 e 47



Dia 5 Dia 13 Dia 20 Dia 27

MARÉS:

PREIA-MAR: Dia 1 — 6 e 33 (4,0 m); 18 e 52 (4,3 m).
Dia 2 — 7 e 14 (3,9 m); 19 e 35 (4,1 m).
Dia 3 — 8 (3,7 m); 20 e 20 (3,8 m).
BAIXA-MAR: Dia 1 — 0 (0,7 m); 12 e 10 (0,9 m).
Dia 2 — 0 e 40 (0,9 m); 12 e 52 (1 m).
Dia 3 — 1 e 24 (1,1 m); 13 e 33 (1,2 m).

Vai ser operado a uma hérnia o cardeal-patriarca

Encontra-se relativamente bem e em preparação para ser operado no Hospital de Jesus, onde foi internado ontem de manhã, o sr. cardeal-patriarca de Lisboa, D. Manuel Gonçalves Cerejeira, segundo nos informaram hoje daquele estabelecimento hospitalar.

Um informador do Patriarcado, por sua vez, disse que a intervenção cirúrgica (a uma hérnia) estará a cargo do dr. Neto Rebelo, realizando-se dentro de dias. Acrescentou que estava prevista desde há tempos, tendo o sr. cardeal patriarca vindo a ser tratado pelo seu médico assistente, dr. Castro Amaro.

O sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira, que vai fazer 81 anos em 29 de Novembro, foi operado em Dezembro de 1964, em virtude de enfermidade que não se relaciona com a de agora. Anteriormente, tinha sido operado a cataratas.

NEGA-SE A ÁGUA AOS PASSAGEIROS NA ESTAÇÃO DO ENTRONCAMENTO

Na estação do Entroncamento a água é negada aos passageiros. Sucedeu quarta-feira, durante a passagem do comboio Porto-Lisboa. O calor era sufocante. Os passageiros do comboio desceram com as suas bilhas para se abastecer de água. Em vão: um cadeado não permitia que a torneira funcionasse.

Assim, os passageiros tiveram de encher os seus recipientes de água proveniente de um depósito, destinado às instalações sanitárias.

— Essa água não presta para beber, mas o que não mata engorda — declarou, a propósito, um funcionário da C. P., a prestar serviço na estação. Como parece não ter havido mortos, é forçoso aceitar que os passageiros tenham chegado mais gordos...

COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE

AVISO AOS CONSUMIDORES

No próximo Domingo, será interrompida, durante as horas abaixo indicadas, a corrente eléctrica nos seguintes Sectores e Zonas, onde é indispensável efectuar trabalhos de conservação e ampliação das nossas redes:

3.º Sector — Concelho de Lisboa: Bairro do Alto da Serafina (parte) 2.ª Rua Particular, Rua O à Vila do Ferro, Rua da Samaritana, Rua da Capela, Rua A e imediações ao Bairro da Liberdade. (Das 8 às 12 horas).

6.º Sector — Rua dos Correios, 43 a 95. (Das 8 às 12 horas)

6.º Sector — Rua da Madalena 32 a 60. (Das 8 às 12 horas).

10.º Sector — Cd.º do Poço,

Estrada do Desvio (parte) e imediações. (Das 8 às 12 horas).

1.ª Zona — Concelho de Oeiras: PORTELA / OUTORELA / ROMEIROS. (Das 8 às 15 horas).

2.ª Zona — AMADORA: Av. Cardoso Lopes, Av.ª Marechal Carmona, Av.ª Pedro Álvares Cabral, Rua de Oliveira, Rua 9 de Abril, Rua Major Cândido Pinheiro e Rua Luís Gomes. (Das 8 às 15 horas).

3.ª Zona — Concelho de Sintra: ALGUEIRO: Rua da Serra, de Baixo, Rua das Mercês, Trav.ª da Tapada, Est. do Algueirão, Rua S. Romão, Av.ª Capitão Américo dos Santos, Rua Vale do Milho, Rua Luís de Camões, Rua S. José, Rua de S. Pedro, Av.ª Marginal e

Rua do Moinho, (Das 8 às 15 horas).

4.ª Zona — Concelho de Cascais: S. JOÃO DO ESTORIL: Estrada da Alapraia. (Das 8 às 15 horas).

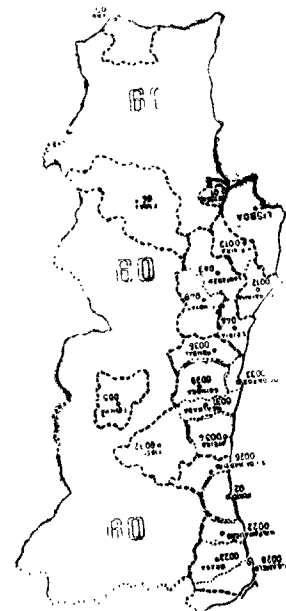
5.ª Zona — S. PEDRO DO ESTORIL: AREÍAS. (Das 8 às 15 horas).

6.ª Zona — Concelho de V. F. de Xira: BOM RETIRO / A-DOS-BISPOS / BOIÇA / CACHOIRAS / PROVELA / QUINTAS e linha A. T. entre VILA FRANCA E QUINTAS. (Das 7 às 9 horas).

7.ª Zona — SOBRALINHO / ALDEIA DO SOBRALINHO / CRUZ DAS ALMAS / ALVERCA / VERDELHA e linhas A. T. entre ALHANDRA e VERDELHA (Zonas Norte e Sul). (Das 7 às 14 horas).

ADMINISTRAÇÃO-GERAL DOS C. T. T.

Serviço Telefónico Interurbano Automático



A partir do dia 2, com a inauguração da Central Telefónica Automática de VILA FRANCA DE XIRA, os assinantes de Lisboa passam a atingir directamente os telefones daquela localidade, marcando 0013 seguido do número desejado.

As redes automáticas de Grupo de Redes de VILA FRANCA DE XIRA para as quais era utilizado o indicativo 07, passam a obter-se marcando igualmente 0013, seguido do número desejado.

Por motivo desta automatização as chamadas telefónicas entre as redes de Alhandra Alverca, Póvoa de St.ª Iria e Via Longa, dos TLP e Alenquer, Arruda dos Vinhos, Azambuja, Carregado, Ota e Vila Franca de Xira dos CTT passam a ser encaminhadas por intermédio de Lisboa ficando sujeitas às taxas normais.

I. A. D. E.

ESCOLA INTERNACIONAL DE DECORADORES

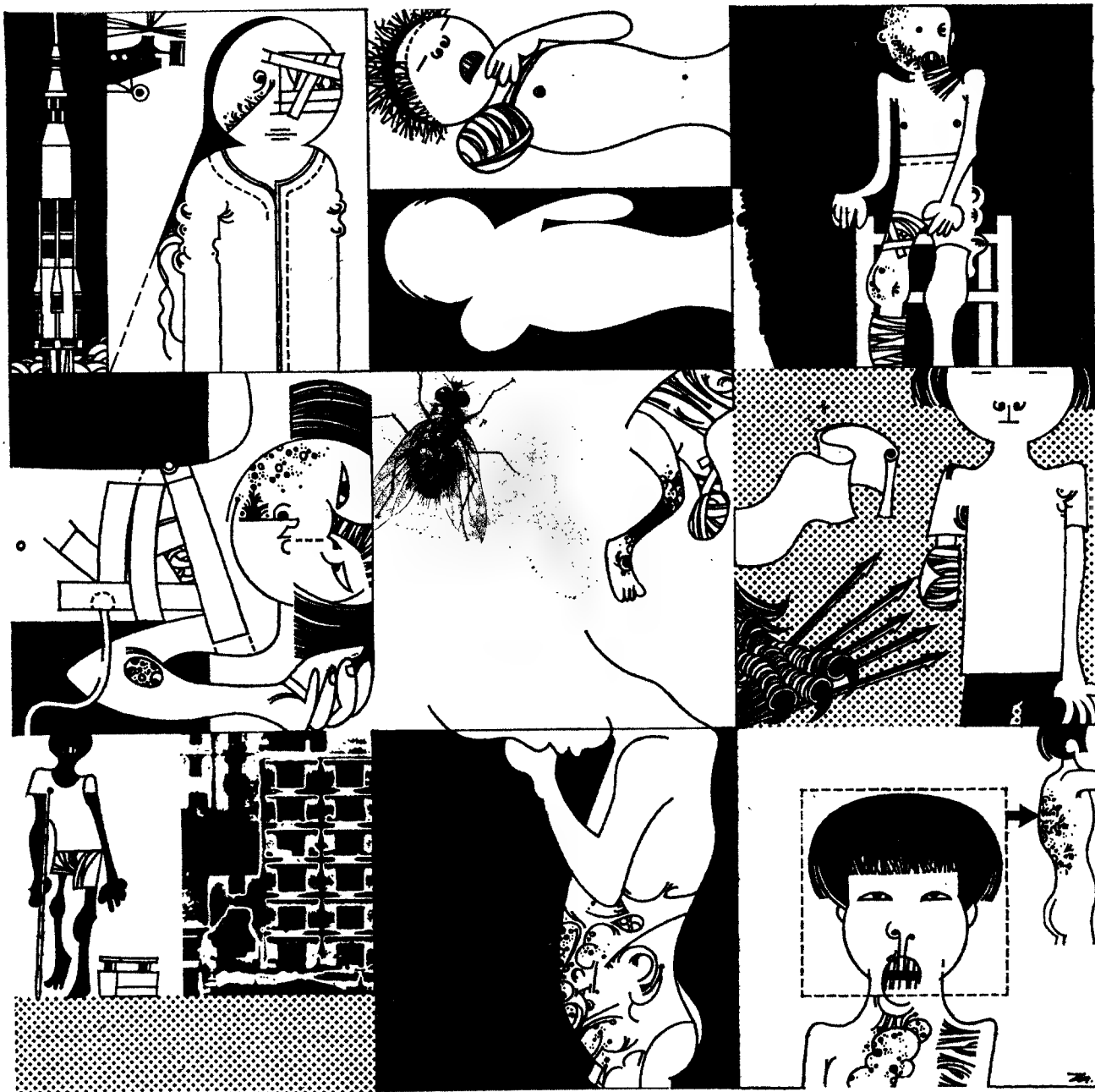
ENCERRAMENTO DE INSCRIÇÕES

Avisam-se todas as pessoas interessadas que a inscrição para o Curso do 1.º ano da Escola Internacional de Decoradores fecha impreterivelmente no próximo dia 15 DE AGOSTO mas se antes for atingido o número limite de alunos, será estritamente observada a ordem da inscrição.

DISCIPLINAS SUPLEMENTARES

A inscrição para as disciplinas suplementares — INTRODUÇÃO A ESTÉTICA, INTRODUÇÃO A PINTURA e INTRODUÇÃO A ARQUITECTURA — na qual se poderão inscrever também não alunos do curso de decoradores manter-se-á aberta apenas até ao próximo dia 31 DE AGOSTO observando-se, da mesma forma, na admissão, a ordem das inscrições.

Inscrições e demais informações: R. das Flores, 77-1.º — Telef. 32.42.16



Vietnam lembrar Vietnam relembrar Vietnam

(Desenho de João Abel)

O império americano

JOSÉ FERNANDES FAJE



O aspecto mais importante do excelente livro «O Império Americano», de Claude Julien, é a desmontagem do mecanismo imperial. E nestas notas não pretendemos mais do que traçar o esboço dele. Para tanto distinguiremos três peças. A primeira: o Consumo e a Exportação; a segunda: as Forças Armadas; a terceira: a Tradição.

Os Estados Unidos, com uma população dezasseis vezes menor, consomem quase tanto como o resto do mundo. A condição necessária deste facto reside no acesso e

no domínio das fontes de matérias-primas. Aluminio: em 1965 os Estados Unidos tinham à sua conta 45 % da produção mundial, mas 88 % da bauxite era importada da Guiana Britânica, da Jamaica, do Brasil, da Guiné, do Ghana, da Indonésia... Siderurgia: ao mesmo tempo que se assinala uma baixa na produção americana da antracite e do ferro cresce a procura no mercado estadunidense, de forma que a indústria siderúrgica norte-americana não poderia funcionar se não se abastecesse no estrangeiro—Lavrador, Canadá, Venezuela... Níquel: os Estados Unidos consomem 40 % do níquel produzido no mundo inteiro e produzem apenas 3 %, importando o resto sobretudo do Canadá. Manganês: em 1966 os Estados Unidos importaram quase todo o que consumiram da Índia, do Brasil, de Marrocos, do Congo e do México. Cromo: todo o consumido pelos Estados Unidos é importado da Turquia, da África do Sul, da Rodésia, das Filipinas. Tungsténio: os americanos importam 25 por cento do que gastam, da Coreia do Sul, de

Portugal, da Bolívia, da Birmânia... Cobre: os Estados Unidos são os maiores importadores do mundo, e o Chile o seu maior fornecedor. Zinco: importam 44 por cento do que consomem. Estanho: 66 por cento, da Malásia, da Indochina, da Bolívia... Petróleo: porque o petróleo americano fica mais caro do que o do Médio Oriente e para pouparem os seus jazigos domésticos, os Estados Unidos importaram 496 milhões

de barris de petróleo bruto e 449 de refinado (ano de 1966). E basta para fazer a prova da dependência em que se encontra a indústria americana, do Terceiro Mundo.

Quanto às exportações. Se elas ocupam uma fraca percentagem no produto nacional bruto americano (5 por cento, e enquanto por exemplo, as exportações belgas ocupam 37 e as japonesas 12) não nos esqueçamos

Cont. na página 9

O direito à liberdade pessoal

CIVICUS

1. No n.º 8 do artigo 8.º da Constituição Política Portuguesa, consagra-se o direito de o cidadão «não ser privado da liberdade pessoal nem preso sem culpa formada».

Trata-se ainda de um dos direitos fundamentais da pessoa humana, que, desde fins do século XVIII, vem sendo consagrada nas constituições liberais e pós-liberais.

O seu alcance é duplo.

Por um lado, afirma a liberdade de circulação dos cidadãos, o seu direito a mover-se livremente, como muito bem entendam, dentro ou fora das fronteiras nacionais. O indivíduo é livre de construir a sua existência como e onde quiser, de pisar as ruas que lhe apeteça, de fixar residência de acordo com a sua vontade.

Por outro lado, ninguém pode ser capturado ou mantido em clausura por particulares (se alguém o fizer a outrem, estará cometendo o crime de cárcere privado) e a prisão pela autoridade só poderá ter lugar por ordem judicial.

Deixando de parte, neste artigo, a primeira implicação desta liberdade de todos nós, atentemos na segunda.

2. Como se sabe, é dos grandes filósofos franceses do século XVIII a distinção entre poder judicial e poder executivo, entre os tribunais e o governo e sua administração.

No aspecto desta distinção que nos ocupa, são evidentes os males que se pretendem evitar quando se dispõe que a autoridade que ordena a prisão não pode ser a mesma que é encarregada de a executar. A primeira é a autoridade judicial, constituída por juizes independentes, inamovíveis e insusceptíveis de censura; a segunda, que integra o aparelho prisional, é a autoridade executiva.

«O poder judicial», lê-se no relatório do Decreto-Lei n.º 35 043, que instituiu o *habeas corpus*, «constitui a mais sólida salvaguarda dos direitos individuais (...). Efectivamente, se a prevenção e repressão das ofensas graves à disciplina social é entregue, como em estádios mais atrasados da evolução política, ou por deficiência lamentável das instituições judiciárias, a autoridade de natureza administrativa, não há possibilidade de subtrair à mesma tutela a liberdade individual».

Só com uma aplicação rígida da distinção entre poder judicial e poder executivo é possível evitar, no campo que nos ocupa, o arbítrio da autoridade, a discricionária privação da liberdade individual dos cidadãos.

3. Em regra, o cidadão só pode ser preso depois de condenado pelo tribunal. No entanto, também pode ser detido, enquanto aguarda julgamento, depois da sua culpa formada.

O processo penal começa sempre por uma fase secreta de instrução, durante a qual se reúnem as provas que permitirão ou não formular uma acusação contra o presumível autor da infracção. Se essas provas não são suficientes, o processo é arquivado pelo próprio órgão da administração (polícia ou Ministério Público) que dirige a instrução. Se as provas conduzem à convicção da simples possibilidade de o suspeito haver cometido o crime, o delegado do Ministério Público formula a sua acusação e, só então transitando o processo para o tribunal, o juiz pronuncia-se seguidamente sobre essa acusação, aceitando-a ou não. Se a aceita, o réu deverá ser julgado e só a partir desse momento (da sua

Continua na página 9

MESA REDONDA

Negócio da Lua

O empresário cinematográfico francês Philippe Helman declarou-se radiante com o resultado daquilo a que chamou «operação financeira conquistista da Lua». Helman adquiriu, em exclusivo, os direitos de retransmissão a cores e em directo, para toda a França, das várias fases televisonadas da missão lunar Apolo 11.

«Convidei dois ou três colegas a participarem no negócio mas não quiseram. Foi quanto ganhei» — disse.

Há quem pergunte para que servem as viagens interplanetárias. O empresário Helman percebeu logo...



Regresso

O próximo Festival de Veneza, que se inaugura a 23 de Agosto, será caracterizado principalmente pelo «grande regresso» de duas importantes cinematografias — a norte-americana e a russa — disse o director desta manifestação, Ernesto Laura, na volta da sua viagem a Moscovo e a Varsóvia.

Na capital soviética, Ernesto Laura teve, com este fim, seguindo disse, contactos positivos com as entidades russas e com o presidente da Associação dos Produtores Norte-Americanos, Jack Valenti.

Médicos

A Suécia registou o seu décimo milionésimo médico, o que deu motivo a uma cerimónia especial no departamento central de medicina. O director-geral, Bror Rexed, salientou que a evolução, desde

Investimentos estrangeiros em Espanha

— De acordo com um estudo da «United Europe Management Consultants, Inc.», os Estados Unidos são o país que mais investe em Espanha. A sua participação económica é maior que o total dos restantes países do mundo, incluindo os do Mercado Comum, que ocupam o segundo lugar.

Depois dos Estados Unidos, representados em Espanha por 199 filiais, seguem-se a Alemanha Federal (15), a Grã-Bretanha (13), a França (10), a Holanda (7), a Itália (6), a Suíça (5), a Suécia (3), a Bélgica (2) e o Canadá (2).

Os sectores industriais mais beneficiados por investimentos estrangeiros são: alimentação, química, transformação de metais e siderometalurgia.

No decurso do primeiro trimestre de 1969, os investimentos de capitais estrangeiros autorizados pelo Governo espanhol elevaram-se a 1371 milhões de pesetas, contra 1285 milhões, no decurso dos três primeiros meses de 1968. Estes investimentos representam mais de 50 % do capital social das empresas.

1940, tem sido fantástica, pois, nessa altura, existiam no país apenas 3436 médicos. Já em 1967 a Suécia podia contar com um médico para cada mil habitantes. Agora, a proporção é de um médico para cada 800 suecos.

Cooperativa editora

Está para breve a constituição, na Suécia, de uma cooperativa de escritores para editar livros e «democratizar a sua leitura por todo o país». Cerca de sessenta autores suecos estão ligados ao projecto cujos trabalhos preparatórios têm sido dirigidos por Clas Engström. O problema do financiamento já está solucionado.

O escritor Clas Engström informou que «segundo os nossos cálculos, o preço dos livros pode ser, consideravelmente, reduzido. O preço médio será de 10 corôas suecas (entre 50 e 60 escudos) e as edições sairão durante todo o ano. Tentaremos trabalhar, em especial, com as bibliotecas, que serão o nosso canal de contacto com o publico.»

Organizados em cooperativa,

os escritores nomearão eles próprios a direcção da editora, e conservação para si o direito de determinar a política da empresa. No presente, lamentam não ter qualquer influência na edição e reconhecem a precariedade da sua posição frente aos editores. Ficou determinado, ainda, que os escritores conservarão a sua liberdade e não ficarão obrigados a lançar todos os seus livros através da cooperativa.

ASSIM VAMOS NÓS

Demografia

Na «crónica demográfica», anexa ao Boletim Mensal de Estatística de Maio de 1969, encontramos alguns motivos de reflexão.

Os casamentos celebrados, que vinham aumentando desde 1962 baixaram em 1963: 70,8, 71,2, 73,3, 75,5, 77,2, 78,9, 76,6 (milhares).

O número de nados-vivos baixou de 200 mil, o que não acontecia desde 1954 e o mais baixo desde 1942. De 1942 — 187 503 até 1968 — 194 962 só em dois anos se verificou o número de nados-vivos ficar abaixo dos 200 mil: 1943 — 198 101 e 1954 — 197 536.

No entanto, o maior motivo de reflexão resulta da crónica demográfica nos revelar uma inflexão no caminho dos óbitos de menos de um ano em percentagem de nados-vivos. Desde 1961 as percentagens eram as seguintes: 1961 — 8,88; 1962 — 7,86; 1963 — 7,31; 1964 — 6,90; 1965 — 6,49; 1966 — 6,47; 1967 — 5,92; e 1968 — 6,11.

Afirmações

«Neste momento está o Governo preocupado com a revisão do regime do pão, esperando tomar, em breve, algumas medidas importantes com vista à melhoria da respectiva qualidade e à correção dos desequilíbrios que, ao longo dos anos, se foram acumulando em sistema tão complexo como é o da moagem e da panificação.»



(Palavras do secretário de Estado do Comércio, dr. Xavier Pintado, na posse do novo presidente da Federação Nacional dos Produtores de Trigo, em 25 de Julho ultimo).

População activa

Sob o título «Estatísticas de população activa», a O. C. D. E. acaba de publicar na sua série «Estatísticas de base» o conjunto dos dados de que dispõe para os anos 1956-1967 sobre a população e o emprego nos países membros.

De 1956 a 1967, a população total do conjunto da zona O. C. D. E. passou de 593 milhões de habitantes para 676 milhões, aumentando 14%. No mesmo período, a população activa aumentou 10% enquanto que o emprego civil aumentou 11 %, passando de 249 milhões de pessoas para 275 milhões.

A agricultura (incluindo a silvicultura e a pesca) que ocupava ainda 63 milhões de pessoas, na zona da O. C. D. E. em 1956, não conta, em 1967, com mais de 46 milhões.

Os efectivos da agricultura diminuíram, pois, 26% durante este período e a parte que lhe corresponde, no emprego total, passou de 25% para 17%.

Inversamente, o número de pessoas empregadas na indústria e nas outras actividades aumentou. A parte destes sectores no emprego total passou de 35% para 37% na indústria e de 40% para 47% nas outras actividades.

Projecto

«Dados os graves prejuizos que ocasionaram a falta de respeito pela simples verdade, reflecti muito nas condições de um regresso à liberdade de imprensa e penso poder concedê-la a título experimental, sem, contudo, a institucionalizar», declarou há dias o primeiro-ministro grego Jorge Papadopoulos, aos membros da direcção da «União dos Redactores».

O primeiro-ministro revelou estar prestes a concluir o projecto de uma Lei de Imprensa e que se esforçaria na prática por ajudar os jornalistas e reencontrar uma liberdade que deverão usar como critério, sob pena de ter que se voltar ao sistema actual. Papadopoulos pediu aos jornalistas gregos que trabalhem no interesse do país e afirmou que, pela sua parte, estava decidido «a impedir a Grécia de voltar aos desvarios do passado».

A Lei de Imprensa prometida há já bastantes meses foi objecto de, pelo menos, quatro projectos. Por ora, a Imprensa local continua submetida a censura prévia, mas não há censura para a Imprensa estrangeira, tanto no que se refere às notícias relativas à Grécia como a entrada de jornais no país.



Peixe e carne

A «balança alimentar» publicada pelo I. N. E. atribui-nos uma captação de consumo de carnes que ronda os 26 quilos (em 1966) e que está ainda longe dos níveis usuais em mais avançadas fases de desenvolvimento.

Comentando este facto, o último relatório da Associação Industrial Portuguesa afirma que «a expansão da pecuária é assim um imperativo, não só da indispensável melhoria dos rendimentos agrícolas, como do próprio abastecimento da população consumidora sem excessiva sangria de recursos cambiais».

A mesma «balança alimentar» atribui-nos uma captação de consumo em peixe que ronda os 33,5 kg por habitante. Captação bastante elevada, pelos padrões internacionais e que, de algum modo, compensa a nossa escassa captação em carnes. O consumo de peixe constitui, assim, e constituirá pelos tempos mais próximos — dada a improbabilidade de rápida expansão do consumo de carne, leite e ovos — um factor decisivo para o equilíbrio alimentar da população portuguesa.

«Este facto — conclui o referido relatório — aliado à relevância económica da indústria de conservas, sublinha a necessidade de se cuidar, rapidamente, deste importante sector produtivo.»

Imitação

A imitação é a arte dos mediocres. (Da sabedoria popular). Se somos imitados, devemos ficar contentes: é porque temos algum mérito. Mas também devemos ficar tristes: alguém se quer fazer passar pelo que não é.

Gatos e homens...

WASHINGTON — Talvez o leitor não tenha ainda reparado nisto, mas os cientistas já viram que os gatos das cidades estão a tornar-se mais escuros que os seus irmãos do campo.

A tendência para uma cor mais escura, no dizer de um relatório da Academia das Ciências de Washington, é evidente em consequência de uma análise estatística que incidiu sobre 5500 gatos dos E. U. A. e outros países.

O dr. Neil Todd, biólogo evolucionista e director do Centro de Investigações de Genética de Carnívoros, em Newtonville, Massachusetts, declarou, numa entrevista telefonada, que a alteração genética da cor pode ser devida às maiores tensões da vida citadina, onde um felino, desejoso de evitar confrontos com outros indivíduos da sua espécie, desenvolve a camuflagem.

O dr. Todd, que apresentou o fenómeno à I Conferência Internacional de Laboratório Animal admitiu que os cientistas têm só perguntas, mas não têm respostas sobre essa tendência. Declarou que as investigações sobre os gatos eram importantes, porque são «recurso unico» para o estudo da adaptação do ser humano às circunstâncias-ambiente.

Embora a alteração genética que escurece os gatos das vias citadinas não possa ser directamente extrapolada para o homem, o gatos possuem três características invulgares quando referidos aos seres humanos: são altamente variáveis, fisicamente; procriam a esmo; compartilham o seu meio-ambiente com o homem. Poucos animais combinam estas características.

O dr. Todd declarou ainda que as suas mudanças genéticas são mais rapidamente visíveis também porque há 15 gerações de gatos por cada geração de seres humanos.

Os 5500 gatos foram observados na Europa, Austrália, Nova Zelândia, Ásia e E. U. A.

(Exclusivo «Washington Post» — «Diário de Lisboa»)

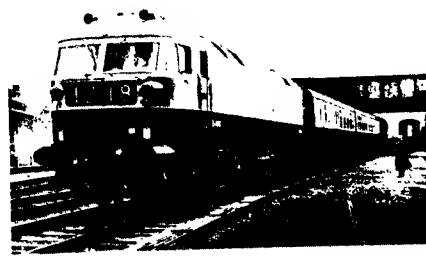
Transporte

No que escrevemos sobre transportes, publicado em 25/7, houve um período que não nos saiu como devia, e precisa rectificação. Não nos custa nada fazê-la, antes nos congratulamos por ter valido como prova que se está atento ao que é escrito, e se acha que merece a pena alertar o descrevinhador.

Dissemos nós que, a propósito dos aumentos das tarifas da C. P., as assinaturas o não foram. Isto não é de todo incorrecto mas também não pode ficar só assim. O texto do comunicado da administração da C. P. diz, expressamente, que «elevam-se os preços, tanto de 1.ª como de 2.ª classe, das assinaturas semanais ou mensais, trimestrais e semestrais, em qualquer das suas modalidades».

Mas o que também é certo é que a C. P., no seu comunicado, não concretizou quais seriam os aumentos das tarifas de assinaturas. Por isso, e ficando o que parecia necessário acrescentar não perde pertinência a observação de que, por um lado, não se estivesse, explicitamente, a atacar a frente toda (embora se assestasse a pontaria para que não falhasse), de que, por outro lado, se está a recorrer aos problemas mais prementes que devem ser de imediata liquidez, e os bilhetes avulso dão logo ajuda.

No que se refere a tarifa de tranvias, não pode passar sem anotação o facto de o comunicado afirmar a atenção em que se teve a directriz há muito traçada, «no sentido de se



incrementar a constituição de núcleos populacionais nas localidades mais afastadas de Lisboa» e o facto de se dizer que as percentagens de aumento «se traduzem, no entanto, em valores absolutos muito medíocres». A propósito nos lembramos do que escrevemos sobre os contadores de electricidade, e não será inoportuno recordar que medíocre verba a medíocre verba se enchem medíocres orçamentos familiares (e extravasam). Aliás, pelos exemplos que logo se apontam, nem nos parece que seja tão medíocre como isso o valor absoluto dos aumentos, desde que se pense que são, pelo menos, bi-diários. Em termos de percentagem, recordamos de novo o caso dos contadores para registar a circunstância de se aumentarem mais (proporcionalmente) os preços da 2.ª classe que os da 1.ª classe, na maioria dos casos. Por exemplo, entre Lisboa e Amadora a 1.ª classe sobe 9,1 % enquanto a 2.ª classe sobe 12,5 %, entre Lisboa e Sintra os

acréscimos são, respectivamente, de 5,3 % e 7,1 %; entre Porto (S. Bento) e Espinho, as percentagens são da ordem dos 11,1 e 15,4.

De novo salientamos o que nos parece caracterizar uma atitude. Neste caso, e voltando às presumíveis necessidades de liquidez, dada a pouca utilização da 1.ª classe, quase se poderia não aumentar o preço da 1.ª classe. De qualquer modo, ao nível de princípios, não deixamos de anotar as percentagens de aumento das tarifas de tranvias, e a tarifa geral em que, em valor absoluto, o aumento na 2.ª classe é o dobro do aumento na 1.ª classe.

Para terminar este apontamento, não deixamos de traduzir a amarga confirmação do que escrevemos. Nas páginas de 25 de Julho, escrevamos que «na impossibilidade da rentabilidade empresarial e bom serviço, que se consiga bom serviço à custa da rentabilidade» e acrescentávamos que «não rentabilidade e mau serviço é que parece abuso». E a amarga confirmação de que o «abuso» se dá, e é reconhecido, veio do «colóquio de Lafões» onde, segundo a imprensa, se recomendou o encerramento da linha do Vale do Vouga. A recomendação baseava-se no mau serviço («por já não corresponder às necessidades turísticas da região nem ao seu desenvolvimento») e na não rentabilidade empresarial («exploração economicamente inviável»).

S. R.

Nível de vida e embalagem

De uma conferência proferida pela Dr.ª Rowena Mills extraímos estes dois quadros. Parece-nos significativo mais esta correlação entre tecnologia de embalagem e níveis de vida das populações. Aliás, a conferência tinha mesmo o título «Níveis de vida e tecnologia de embalagem», e vem reproduzida em «Embalagem», revista técnica do I.P.E.

NÍVEL DE VIDA E EMBALAGEM

Países	Estimativa em toneladas	Média em libras por pessoa
Países do Mercado Comum		
Alemanha Ocidental	202 000	7,5
Holanda	42 000	7,4
Bélgica	12 500	2,9
França *	45 000	2,0
Itália	15 000	0,6
Total dos países do Mercado Comum	316 500	3,8
Países da E. F. T. A.		
Suécia	81 000	22,7
Suíça	41 000	15,4
Dinamarca	27 000	12,5
Reino Unido	280 000	11,4
Noruega	19 000	11,4
Áustria	26 000	8,0
Portugal *	2 000	0,5
Total dos países da E. F. T. A.	476 000	11,8
Estados Unidos *	6 000 000	68,0
Nova Zelândia	14 000	11,4
Austrália	41 000	8,0
Finlândia	11 500	5,4

* Números provisórios

Fonte de informações: «Raw Materials for Growth: Birds Eye Annual Review, 1968».

ACABA DE SAIR:

A EMPRESA COOPERATIVA

Pelo DR. JOSÉ LUIZ DA CRUZ VILAÇA

— Assistente da Faculdade de Direito de Coimbra —

LIVRARIA ALMEDINA — COIMBRA

Consumo internacional de aerossóis por pessoa, em 1964 e 1966

	1964	1966
Suíça	3,2	5,8
Alemanha Ocidental	2,6	3,5
França	2,2	2,8
Reino Unido	1,9	2,6
Suécia	1,4	2,3
Finlândia	1,2	1,9
Holanda	1,1	1,8
Noruega	0,8	1,6
Dinamarca	1,2	1,7
Itália	1,3	1,4
Áustria	0,6	1,4
Bélgica	0,8	1,3
Irlanda	0,7	1,0
Espanha	0,2	0,5
Portugal	0,1	0,2
Grécia	*	0,2

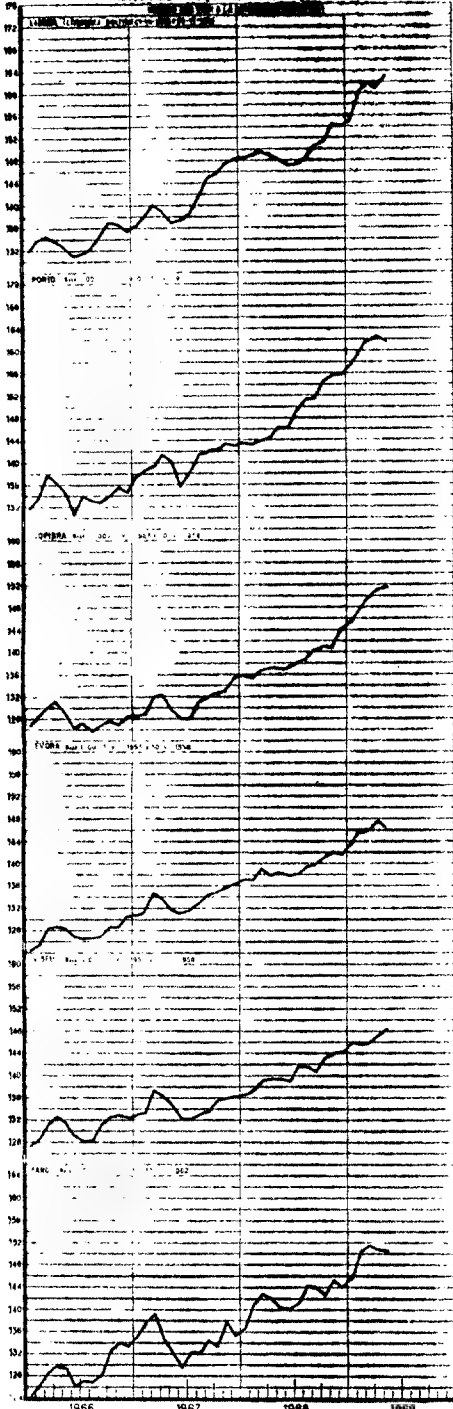
* Inferior a 0,1

Fonte de informação: R. C. Cotton e H. R. Hearn: «A Statistical Analysis of the Development of the Western European Aerosol Market». Conferência apresentada no Sexto Congresso Internacional de Aerosol, Berlim, Setembro 1967.

A «ajuda» ao terceiro mundo

A revista «Croissance des Junes Nations» põe a pergunta: É preciso suprimir o auxílio ao Terceiro Mundo?, como resultado de jornadas de estudo que promove.

No final da sua resposta R. Buron sublinhou que o problema da integração do Terceiro Mundo no mundo moderno é um problema político e que não tem solução fora das coordenadas políticas.



Os critérios de definição de níveis inflacionistas são variáveis.

Podem, no entanto, aceitar-se três níveis e adoptar fronteiras a separá-los. Assim teríamos até 5 por cento de aumento anual dos preços como inflação rastejante, entre 5 e 10 por cento inflação declarada e acima de 10 por cento inflação galopante.

Em Portugal, o agravamento de preços no consumidor observado no ano de 1968 situou o nosso processo inflacionário na zona da inflação declarada, ultrapassando estes limites adoptados.

O último «Boletim Mensal de Estatística», relativo a Maio de 1969, apresenta quadros que revelam situações preocupantes. Nas seis cidades para que se calculou o índice de preços no consumidor, os acréscimos relativamente a Maio de 1968 são de molde a merecerem a maior atenção. Três cidades encontram-se na zona de inflação declarada — Evora, 5,9 por cento; Viseu, 6,4 por cento; Faro, 7,0 por cento —, uma está na fronteira — Lisboa, 10 por cento —, duas ultrapassaram essa fronteira e localizam-se, em Maio de 1969, na zona da inflação galopante — Coimbra, 10,4 e Porto 10,6 por cento.

Merece particular atenção a evolução do índice de preços no consumidor nas três grandes cidades.

A refinação de petróleos e o capital estrangeiro

No «Diário do Governo», 1.ª Série, de 17 de Julho, vinha inserta uma declaração da Presidência do Conselho determinando a aplicação do disposto no corpo do artigo 21.º do Decreto-Lei n.º 46 312 à actividade de refinação de petróleos, reconhecendo-a como de interesse fundamental para a economia da Nação.

O Decreto-Lei em causa promulga as disposi-

ções que regulam a aplicação de capitais estrangeiros no espaço português e, de acordo com o artigo 21.º só a empresas nacionais é permitido fundar, adquirir, possuir ou explorar estabelecimentos destinados à gestão ou exercício de determinadas actividades, em que, no exercício de competência atribuída no § 2.º do mesmo artigo, o Conselho de Ministros incluiu a refinação de petróleos.

O Casamento e a Concordata

PADRE ANTÓNIO LEITE

— Começando por responder às últimas observações do sr. eng.º Lino Neto, devo dizer que não me parece exacto dizer que os tribunais superiores da Santa Sé são estrangeiros. São tribunais centrais duma Igreja universal. São tão portugueses, como o espanhol, franceses ou italianos. Como o Papa que, ao menos para os católicos portugueses, mal se pode dizer estrangeiro, pois é o chefe da Igreja a que pertencem.

Além disso, não é exacto dizer que as causas matrimoniais devem ser todas julgadas em Roma. A Rota Romana, que é o tribunal mais alto nestes casos, não julga em primeira, nem mesmo normalmente em segunda instância. Em primeira instância as causas são julgadas nos tribunais diocesanos, e em segunda nos das arquidioceses (Lisboa, Braga e Évora).

Eu sou juiz do tribunal eclesiástico de Lisboa. Ainda há poucos dias demos duas sentenças — eu e os meus outros colegas, pois é um tribunal colectivo — de nulidade de casamento. A concordata acrescentou um ponto ao direito geral, para dar uma maior garantia ao Estado. As sentenças, quando definitivas, sobem ao Tribunal da Assinatura Apostólica que é o Supremo Tribunal da Igreja, que não julga o caso de novo, mas apenas verifica se está tudo conforme com o direito. Por sinal, que nos processos idos do Tribunal patriarcal de Lisboa, acham sempre tudo em ordem. E o mesmo espero tenha acontecido com os das outras dioceses portuguesas.

Quanto ao problema das despesas, o argumento também não é exacto. Normalmente no Tribunal de Lisboa as custas plenas não passam dos seis ou sete contos. E fazem-se muitos julgamentos absolutamente de graça e outros com as custas reduzidas. Nos julgamentos a que damos o patrocínio gratuito, aí, como tribunais civis, existe um advogado oficioso, também gratuito.

DR. ABRANCHES FERREIRA — Advogados da Cúria... Porque é que todos os advogados portugueses não têm acesso a esse tribunal?

PADRE ANTÓNIO LEITE — Provavelmente porque alguns não dão as necessárias garantias, outros não terão os conhecimentos suficientes de direito canónico, e ainda outros porque não o requerem.

DR. ABRANCHES FERREIRA — Eu proponho-me fazer exame de direito canónico no seu tribunal, para advogar no seu tribunal.

PADRE ANTÓNIO LEITE — Isso não depende de mim.

PADRE LUÍS MOITA — Gostava de tocar num ponto que considero nevrálgico, ao qual já fizeram alusão dois intervenientes nesta mesa-redonda, embora ainda não nos tenhamos debruçado sobre ele. Refiro-me a este facto: a indissolubilidade do casamento católico, tal como é recebido pela lei civil, funda-se numa motivação de ordem religiosa, a saber, a fé da pessoa que assume com dimensão sacramental aquele «contra-

to» do qual é protagonista. O que confere a certos casamentos e indissolubilidade «civil» não é a condição de ser português mas o facto de ser católico. Ora o que acontece, e aqui se situa a gravidade da questão, é que essa referida motivação religiosa é, de si mesma, mutável, depende duma opção. A fé, enquanto escolha deliberada e profundíssima está paradoxalmente sujeita a revisão. Uma pessoa pode deixar de ser católica, como nos lembrava o eng.º Lino Neto. Mas, deixando de o ser, continua legalmente vinculada pelo princípio da indissolubilidade e aqui reside o conflito. Sobre isso gostava de ouvir a opinião do dr. Sousa Tavares.

DR. SOUSA TAVARES — O sr. padre Luís Moita põe o problema nevrálgico sobre o qual nos debruçamos. Este problema, quanto a mim, envolve muitas respostas. Primeiro: não há nenhuma solução perfeita nem equilibrada no problema do casamento e do divórcio. Estaremos sempre perante situações-vítimas e perante casos-vítimas, seja qual for o regime que for adoptado. Inclusive, se em Portugal se adoptasse o divórcio universal, estaríamos na mesma perante milhares de casos-vítimas e de situações insolúveis.

Basta dizer, creio eu, que ainda nenhuma legislação adoptou, pelo menos, à face da letra exacta da lei, o divórcio unilateral. O divórcio só pode ser concedido por mútuo consentimento, ou pedido pela parte em queixa, ou seja pela parte que tem razões de queixa contra o outro conjugue. É certo que em algumas jurisprudências isso é praticamente sofismado, como nos Estados Unidos da América, com as razões de crueldade mental e outras assim, facilmente prováveis, ou insusceptíveis de prova ou negação. Mas não há dúvida que, pelo menos na Europa, o divórcio é sempre condicionado, ainda hoje, pelo mútuo consentimento ou pela exigência de razões de queixa. Portanto o di-

das condições sociológicas, quanto a mim, deve ser apontado — tenho nisto uma posição intermédia de tudo quanto tenho lido desde há quarenta anos, e continuo em dúvida sobre se o divórcio é ou não justificável, é ou não de defender e toda a imensa literatura, que já deve, certamente, atingir dezenas de milhares de livros pró e contra o divórcio, continua a deixar-me as maiores dúvidas. Podem-se apresentar estatísticas contra o divórcio, como fez o padre António Leite, podem-se apresentar estatísticas a favor do divórcio e ficaremos sempre na mesma. O problema não é no divórcio que está. O problema está no casamento.

O casamento é uma das situações mais difíceis que se põem ao homem. É um jogo mútuo que envolve uma vontade espantosa para que possa ser salvo. Porque a condição normal do casamento é a de sobreviver. Todo o casamento está condenado a ir ao fundo, pela normalidade da vida, e pela normalidade das circunstâncias. É absolutamente necessário que as duas pessoas queiram que o casamento não se afunde para que ele seja salvo. E nesse ponto, como sociólogo, (não estou neste momento a falar como católico) não há dúvida de que uma demasiada facilidade na dissolução do vínculo perturbará esta vontade recíproca de salvar esta instituição. Se a instituição é facilmente solúvel ou se se insere no espírito das pessoas a ideia de que casar não tem importância, «porque se nos dermos mal nos divorciaremos» isto automaticamente levará a normalidade das pessoas a abandonar a vontade feroz de salvar uma coisa que é difícilmente salvável. Isto não quer dizer que eu tome uma posição rígida porque, como digo, sociologicamente defendendo o divórcio.

Agora, para responder directamente à objecção do padre Luís Moita: primeiro ponto: são os dois que perdem a fé ou é só um? E só esta pergunta já torna ex-



Mesa-redonda em que intervieram: dr. Abranches Ferrão, padre António Leite, Glória Marreiros, eng.º Lino Neto, padre Luís Moita e drs. Silveira Nunes e Sousa Tavares

TERMINAMOS hoje a publicação da mesa-redonda em que dois sacerdotes, dois juristas, um engenheiro, um médico e uma educadora discutiram a concordata, em relação ao casamento, seus reflexos na lei civil e suas consequências — nomeadamente no que se refere ao divórcio. A parte da mesa-redonda que inserimos no número anterior deste suplemento terminava com uma intervenção do sr. eng.º Lino Neto, em que, ao analisar as várias consequências da Concordata considerava grave que, nos casos de dissolução dos casamentos católicos, constituía autoridade jurídica para cidadãos portugueses um tribunal «que para todos os efeitos é um tribunal estrangeiro».

lidade no casamento como não pode haver unilateralidade na dissolução do casamento. Isto é uma das tragédias do casamento: não haver unilateralidade.

Há uma coisa que eu queria referir e que me parece levantar um certa dúvida. É a questão do foro, posta pelo eng.º Lino Neto. É evidente que o foro tem de ser um foro especial, até porque a jurisprudência normal não está preparada para trabalhar com a legislação canónica. Mas há uma coisa que me faz confusão: é que esse foro tenha uma certa clandestinidade. Isto é: que não seja conhecido à luz do sol. O tribunal eclesiástico que regula a questão dos casamentos em Portugal devia ser conhecido. Devia-se saber onde está, quem são as pessoas,

ainda hoje por quem é, inclusive revolta-me que como advogado, ainda por cima católico, não possa exercer a minha profissão nos tribunais eclesiásticos. Por que razão? Tudo isto é confuso e agrava o problema. Por exemplo: há uma acusação nitidamente efectuada em Portugal em comparação com as estatísticas dos outros países: a dissolução é infinitamente mais difícil que nos outros países católicos da Europa. Os números dizem-no. Esses números em Portugal são ridículos em comparação até com os espanhóis. E uma das razões talvez seja a de não conhecermos como se passa o processo, não sabermos onde está o tribunal, não sabermos de nada, porque tudo isso é secreto, é confidencial. Tudo se passa nos arcanos de uma política da Igreja que já devia ter desaparecido.

PADRE ANTÓNIO LEITE — Respondo primeiro a este último ponto. Nada é secreto.

DR. SOUSA TAVARES — Não é secreto como a «Opus Dei» não é secreta. Mas por fim acaba por ser.

PADRE ANTÓNIO LEITE — Desculpe, sr. dr. No Código do Direito Canónico está tudo expresso. Se abrir o Código de Direito Canónico, no livro IV, lá encontra o direito processual.

DR. ABRANCHES FERREIRA — Eu nem sei onde é a rua do Tribunal.

PADRE ANTÓNIO LEITE — O tribunal está normalmente nas cúrias diocesanas. O de Lisboa funciona no Campo dos Mártires da Pátria, n.º 47, 1.º andar. Nada tem de clandestino. Além do Código há outra legislação que também está publicada, há comentários (em Portugal há poucos, quase só o do dr. Martins Gigante, mas existem bastantes em francês, espanhol, italiano, etc., além dos latinos que são muitos).

Quem quiser, pode saber como tudo se passa. Evidentemente que se exige um conhecimento de especialidade, tal como nos tribunais civis. Aliás, como sabem, foi o direito processual canónico que serviu de modelo para o civil.

DR. ABRANCHES FERREIRA — Bom, então não é nada clandestino. Ainda bem. Vou assistir a um julgamento, para ver como aquilo funciona.

PADRE ANTÓNIO LEITE — Os julgamentos são secretos.

DR. ABRANCHES FERREIRA — Posso ir à secretaria, então. Ao julgamento não posso, já me disse. O que é que posso ver então, sr. padre Leite? Chego lá e vejo o quê?

PADRE ANTÓNIO LEITE — Vê a sala onde é o tribunal e vê a secretaria do tribunal, se quiser.

DR. ABRANCHES FERREIRA — Como um turista... Não posso consultar um processo?

PADRE ANTÓNIO LEITE — Se for advogado de um processo...

DR. ABRANCHES FERREIRA — Não, não. Eu nos tribunais do meu País consulto qualquer processo, como advogado que sou.

PADRE ANTÓNIO LEITE — Se for advogado... Mas eu não posso especificar...

DR. ABRANCHES FERREIRA — Estou a ver muitos limites a essa não-clandestinidade. Mas eu vou lá, eu vou lá...

PADRE ANTÓNIO LEITE — Bom, vamos a outros problemas que se trataram aqui, que me parecem muito mais importantes. Primeiro não posso concordar com algumas coisas que disse o dr. Sousa Tavares. Por exemplo: quanto ao facto de alguns não sabermos muito bem o que fazem quando se casam. Não digo que tenham todos uma grande instrução, mas todos sabem o que fazem...



Eng.º Lino Neto



D. Glória Marreiros



Padre Luís Moita

vórcio não é também por si uma panaceia para os casos-vítima porque basta que um conjugue não dê razões de queixa, e isso acontece em numerosíssimas situações, e se opõe ao divórcio para que o divórcio não seja possível de obter. E portanto também não podemos olhar para o divórcio como uma solução que resolve automaticamente todos os problemas. Não resolve. É, evidentemente, um recurso jurídico que em determina-

traordinariamente difícil a resposta.

PADRE LUÍS MOITA — É igual.

DR. SOUSA TAVARES — Não é igual. Porque se for só um, basta que o outro não queira o divórcio para que o divórcio nada resolva. Continuamos na mesma situação anterior. Não basta pôr simplesmente o problema de uma pessoa ter deixado de ser católica. Porque o outro pode não ter deixado. Não há unilateralidade.

não devia ser uma coisa clandestina e confidencial.

PADRE ANTÓNIO LEITE — Não é clandestino.

DR. SOUSA TAVARES — É, desculpe, sr. padre, mas é. Eu, que me considero uma pessoa relativamente bem informada e que muitas vezes tenho tido necessidade de me debruçar sobre os problemas da dissolução do casamento, tancia pudesse ser exercida em Portugal. Não sei ignorava que até a 2.ª ins-



Dr. Abranches Ferrão



Padre António Leite

Como conclusão os participantes desta mesa-redonda propõem a generalização do debate

DR. ABRANCHES FERRÃO — Um aparte, se me permite. Eu tenho uma filha e resisti à família, durante quatro anos, a baptizá-la. Quer dizer: apesar da coragem que me levou a não casar pela Igreja, não resisti a deixar de baptizar a minha filha. Não resisti.

PADRE ANTÓNIO LEITE — Está muito bem. Mas digo: há 88 vírgula tal por cento de casamentos canónicos (houve um ano que passou dos 90 por cento). Que haja 10, 20 por cento um pouco forçados, sociologicamente, ainda vá, mas presumir que a grande maioria o faz sem convicção, não me parece admissível. Mesmo na cidade de Lisboa, é um meio muito mais evoluído, dois terços dos casamentos fazem-se pela Igreja.

DR. ABRANCHES FERRÃO — O sr. padre António Leite disse que em Lisboa — um meio mais evoluído — há um terço de casamentos civis. No Norte são todos religiosos, quer dizer que lá para cima não há desenvolvimento...

PADRE ANTÓNIO LEITE — Não nego que, em alguns casos, possa haver certa pressão sociológica para que os noivos casem catolicamente. Mas são muito menos do que aqui se afirmou. Hoje a juventude faz pouco caso do «bom tom» e dos convencionalismos. Vai até contra eles. A grande maioria dos noivos casa catolicamente porque está convencida, segundo a doutrina da Igreja, que para os baptizados o único casamento verdadeiro é o sacramento do matrimónio. É certo que os

bons católicos, em geral, não gostam de ver os seus parentes e amigos que foram baptizados casar só pelo civil, contra a doutrina da Igreja. E se eles o fazem, depois procuram que mais tarde recebam o sacramento do matrimónio. Isto é perfeitamente legítimo, dentro dos devidos limites, é claro.

Em Lisboa, meio mais evoluído, e onde a juventude goza de mais autonomia, a percentagem dos casamentos canónicos tem aumentado. Em 1940 era apenas de uns 40 por cento. Depois foi subindo gradualmente, até se fixar nos últimos anos em cerca de dois terços! No Porto, meio também evoluído, a percentagem de casamentos canónicos sobe a cerca de 90 por cento. Não posso admitir que tais números se devam sobretudo a pressões sociológicas, como foi dito.

Quanto a outro problema que foi aqui levantado: é certo que os cônjuges podem perder a fé. Mas ao casarem catolicamente quiseram um casamento indissolúvel. Admito que não tenha sido com plena consciência nalguns casos. Na grande maioria foi; sabiam muito bem o que faziam. Quanto às consequências, muitas vezes somos obriga-

dos a honrar um compromisso assumido. Portanto, não há propriamente violação da liberdade religiosa. As pessoas colocaram-se voluntariamente dentro da situação do casamento indissolúvel. O mais que pode haver é um certo arrependimento do que se fez. Cito um exemplo aduzido por Gustavo Corção: um homem e uma mulher geram um filho livremente, mas depois não se podem desfazer dele livremente. Como diz o mesmo Corção: «não é possível fugir ao bom-senso em nome dos bons sentimentos. Salta aos olhos, mesmo sem nenhum inquérito, que a causa principal dos casamentos infelizes é a má escolha ou a escolha imprudente. Ora, o divórcio torna a escolha ainda mais imprudente. Logo, o número de casamentos infelizes será multiplicado até às proporções de um flagelo social», como sucede hoje em muitas nações.

MODERADOR — Já foram aqui debatidos muitos problemas relacionados com o divórcio e com a Concordata. Mas lembro que há um muito grave: o dos filhos. Para estes a Concordata levanta questões muito mais graves do que o divórcio. Pois enquanto este permite que os cônju-

ges refaçam a sua vida, a Concordata impede-o.

D. GLÓRIA MARREIROS — Para elucidação e avaliação do ponto em debate seria interessante poder saber: O número de casais que estando separados de facto, continuam ligados pelo casamento canónico. O número de casais que estando ligados pelo casamento canónico constituíram família com outras pessoas. O número de filhos ilegítimos nascidos por via das imposições inerentes ao casamento regulado pela Concordata. O número de doentes em tratamento psiquiátrico, ou dele carecendo, afectados por neuroses, psicoses, etc., em consequência de situações delicadas com origem num casamento que passou a ser indesejável.

Suponho que não há dados estatísticos para responder a isto, sobre alguns pontos nem poderá haver.

Mas pergunto: o «Diário de Lisboa» que se interessa por levar a público este grave problema, não teria possibilidades de através dos seus leitores fazer um inquérito de maneira a obter alguns números, mesmo numa amostragem relativamente pequena, de modo a permitir ao Estado e à Igreja tirar algumas conclusões e a esclarecer aqueles a quem ainda restem dúvidas?

MODERADOR — Posso adiantar um número: creio que há cinco milhões de italianos em situação irregular, provenientes de católicos que se separaram e que vivem hoje irregularmente. Este número diz

respeito a católicos e não católicos.

DR. SOUSA TAVARES — Tenho falado como sociólogo e como católico. Neste momento vou falar como político. O problema originado pela Concordata é realmente um problema que o Governo tem de encarar. Que todo e qualquer Governo do País tem de encarar. Como disse no princípio é um problema oriundo do desfazamento entre a lei e a realidade sociológica a que se dirige a lei. O mal é muitas vezes confundirem-se questões de prática política com questões de teoria. Como digo, não me repugna que possam existir dois tipos de casamento e continuo a não considerar que possa ser feita uma objecção de direito à existência e duas ou até mais possibilidades de casamento no País.

Indiscutivelmente interessa muito a convicção generalizada das pessoas. Ora se inclusivamente em meios cultos e com uma certa generalização de conhecimentos a convicção de que a dissolução é um processo extraordinariamente difícil e caro e que se passa em Roma, está generalizada e arraigada, o que fará no povo que nada percebe e que portanto nem lhe passa pela cabeça que seja susceptível o seu casamento dum processo de dissolução eclesiástico. E não me parece que até agora a Igreja tenha feito o menor esforço (antes pelo contrário) de vulgarização desse conhecimento que nos é revelado nesta mesa-redonda. Parece-me que isto devia ser um esforço pastoral in-

sistente, o de dar conhecimento, através dos padres, através dos sermões das igrejas, através de muitos processos, inclusivamente através de pastorais colectivas, que o processo de dissolução se passa em Portugal.

DR. ABRANCHES FERRÃO — Só uma interrupção: a dissolução não é nunca um casamento ser falhado.

PADRE ANTÓNIO LEITE — Não vou agora responder, pois já o disse mais ou menos tudo o que tinha a dizer acerca deste ponto. Vou simplesmente dizer alguma coisa para responder à Sr.^a D. Glória Marreiros.

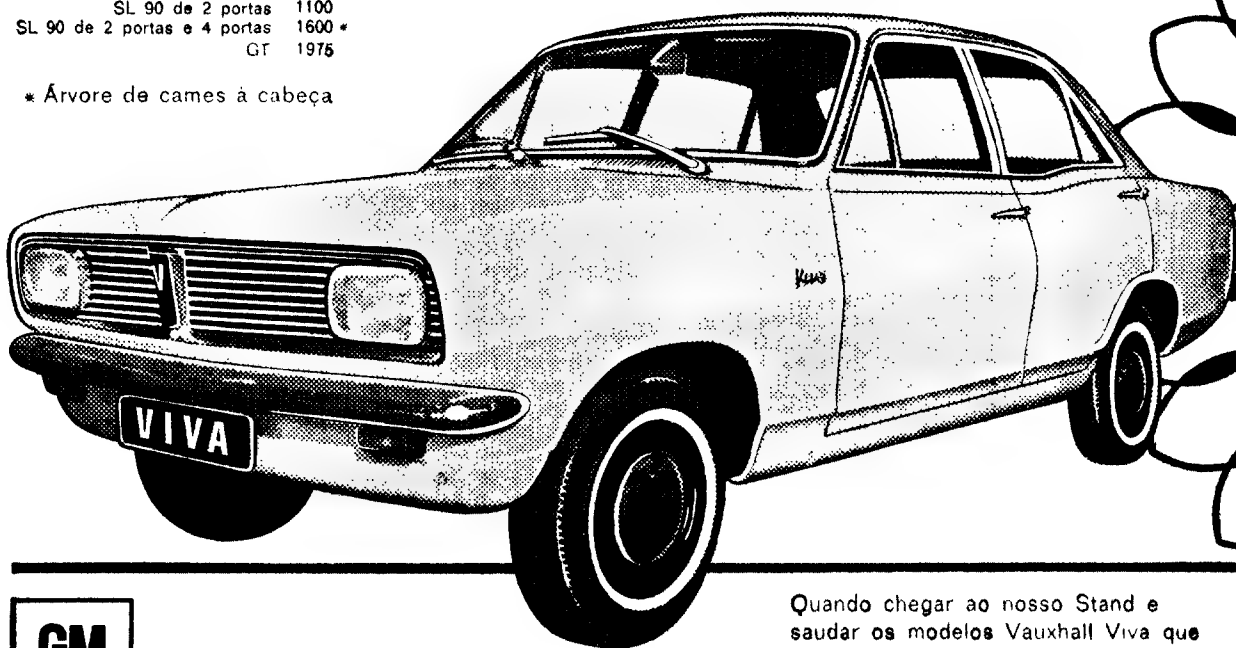
D. GLÓRIA MARREIROS — Eu gostava que me elucidasse, se fosse possível, acerca das razões mais frequentes que podem levar à anulação do casamento canónico.

PADRE ANTÓNIO LEITE — A maior parte dos pedidos de declaração de nulidade que sobem aos tribunais eclesiásticos são por coacção moral, e porque existem vícios da vontade. Exige-se que o casamento seja livre. Há por vezes coacções e pressões, devido sobretudo ao chamado medo reverencial para fazerem a vontade dos pais ou superiores. Essa é a causa mais comum. Há também os casos da não consumação de matrimónio, frequentes nos casamentos que se fazem por procuração, por exemplo contra a indissolubilidade, contra a

Cont. na página 8

8 Modelos:	
Standard	1100
De Luxe de 2 e 4 portas	1100
Estate Car	1100
SL 90 de 2 portas	1100
SL 90 de 2 portas e 4 portas	1600 *
GT	1975

* Árvore de cames à cabeça



ora viva quem é um VIVA

Quando chegar ao nosso Stand e saudar os modelos Vauxhall Viva que temos em exposição, exclamará:

Ora Viva, quem é um carro potente, elegante, atraente e, ao mesmo tempo, económico!

ORA VIVA QUEM É UM VIVA
VAUXHALL
VIVA
SEMPRE NA FLOR DA VIDA



Um produto General Motors montado em Portugal, com assistência técnica em todo o país.

A HABITAÇÃO EM LISBOA

Inquérito ao Bairro da Bica



Normalmente quando se pensa em bairro popular acode logo, quase, se não sempre subjacente, a ideia de folclore. A sardinha assada ou manjerico, o faduncho lacrimejante e o copo de três; as varinas de anca roliça, como descrevia Cesário; os marujos necessariamente apolíneos e obrigatoriamente brigões e comadres palradoras como pegas, são a massa privilegiada de apócrifo figurino, que se monta à porfia no fotogénico casario pombalino.

O que acima fica dito, tanto se aplica à Bica como a Alfama ou à Mouraria, que começam a ser olhadas como «reservas» de usos e abusos tradicionalistas e tradicionaleiros; estufas para criaturas ingénuas e incrédulamente felizes que vivem à boa moda antiga.

A realidade dissocia-se deste ambiente, camiliano ou de tintas róseas, e integra-se em coordenadas menos alienadas de relações de trabalho e de convívio social. O espírito de bairro decorre dos caracteres próprios da vida que aí se desenvolve e não dos factores típicos da zona: relações de trabalho não especializadas ou artesanais, de baixa remuneração, prefixo ao perímetro da Baixa, fraco poder aquisitivo para além dos limites do bairro (o mercado da Ribeira incluído), carência de alto rendimento económico estável, capaz de sustentar uma promoção social conseguida pela implantação em conjuntos urbanos considerados burgueses.

A radicação profunda dos habitantes durante anos, aliada a uma relativa homogeneidade da estrutura social existente criou condições de sociabilidade ímpares na cidade, que encadeadas à estabilidade da migração interna levou a assimilação espontânea, à defesa comum dos interesses individuais ligados ao interesse geral do bairro. As profissões passam de pais a filhos, as amizades desenvolvem-se hereditariamente ou por comunicação directa de vizinho para vizinho, os negócios combinam-se no único centro comercial existente, a taberna, ao mesmo tempo local de recreio e de cavaqueira amena.

Mas a rua é a grande senhora. É o canal central, o pulmão da vida do bairro. Por ela se permutam todos os canais da actividade social do bairro. Para a rua vai o que não cabe em casa; não há portas fechadas para o fogareiro de brasas para as sardinhas, para o miúdo mais crecido que joga a bola e para o filho mais pequeno, que de tenra idade começa a viver da rua, para a rua, sem limites a demarcar onde acaba a casa e a rua começa.

Esta sociabilidade intensa é a síntese prática de duas circunstâncias que ocorreram favoravelmente:

a homogeneidade da estrutura social e a sua inserção no conjunto urbano. Mas em si mesmo encontra-se ameaçada pela implantação dentro da zona de novos prédios de rendimento e pela fixação de famílias com características estranhas às que o bairro define, opostas tantas vezes.

O tipo de construção, a sua disposição no terreno em ruas estreitas, becos, as rendas a níveis relativamente baixos contribuíram tão eficazmente como a repartição dos escalões sociais na formação dessa

sociabilidade, mas a eles devemos igualmente o papel de desagregadores e produto de mal-estar da população que suporta condições de salubridade e de precariedade de instalações inferiores à de certos sectores que pagam rendas idênticas.

Temos, assim, que em seis domicílios inquiridos dois não dispunham de casa de banho, mas de uma sanita instalada no saguão, junto da cozinha. Na Travessa do Cabral, por curiosidade, descobrimos um balneário público, explorado por uma empresa par-

ESCOLHEMOS hoje, na continuação do inquérito que estamos a fazer aos bairros de Lisboa, a Bica. Lugar do fado e do lirismo... Das vielas e das calçadinhas, do elevador também... mas o que é a Bica, o que caracteriza individualmente o bairro popular e o diferencia dos outros conjuntos urbanos, tão antigos ou mais recentes? Centenas de metros para cima e para baixo, alcantilados em vertente de um colina, das sete célebres de Lisboa; encurralados, fogos e homens entre a Ribeira e São Paulo, entre os solares das Mercês e Santa Catarina e as traseiras dos últimos palácios e igrejas do Chiado a morrerem mesmo à boca do Bairro Alto.

A Bica, ao tempo do marquês, tinha a feitura definida, os limites traçados; como era assim continuou; os prédios são os mesmos, a construção igual ficou. O que subiu vertiginosamente foi a densidade da população. Mercê da situação ideal, no coração da Baixa, na proximidade dos locais de trabalho de maior procura por parte das populações mais arrefegadas à capital — o porto, o mercado da Ribeira, etc. — do baixo custo das rendas o bairro registou um progressivo aumento dos moradores.

Foi o toque a rebate dos senhorios. Enquanto há tecto, há espaço para novas gentes, sempre mais!... Dai cocheiras, armazéns, pátios, tudo quanto se pode aproveitar, tudo se transforma em casa de habitação. A salubridade, as exigências decentes de espaço, tudo se subordina a outro tecto, a nova fonte de rendimento casa, indubitavelmente cara, como 600 escudos por duas minúsculas assoalhadas sem casa de banho!...

E as pessoas, crescem afogam-se e vêm para a rua: a assar sardinhas e a embalar o menino...



ticular, com a capacidade de 19 duchas. O preço do banho, quente ou frio, é de quatro escudos, a que se acrescem quinze tostões pelo uso de toalha. A frequência diária oscila entre as oitenta e as cem entradas, mas nos sábados e domingos duplica. Uma das casas com casa de banho dispõe de instalações sanitárias completas e em todos os domicílios o equipamento sanitário foi montado e custeado, quer pelo inquilino, sem aumento de renda, quer pelo senhorio, com um aumento da ordem dos 350 escudos mensais.

As rendas, contudo, no coeso complexo urbano distribuem-se assistematicamente. Podemos considerá-las como um dos principais factores, aquele que mais provavelmente contribui para a instabilidade económica do agregado familiar e para o desequilíbrio social do bairro. Presentemente as rendas distribuem-se, de acordo com a antiguidade, com o número de divisões e com os melhoramentos interiores introduzidos pelo senhorio, entre os 30 escudos aos dois mil escudos.

Como dados explicativos vamos dar os exemplos re-

colhidos no inquérito: no primeiro caso, uma família de cinco membros vive em duas divisões, sem casa de banho e com uma minúscula cozinha; o marido, continuou numa repartição oficial, ganha 2500 escudos mensais, a mulher, empregada de limpeza, 96 escudos semanais. Têm a seu cargo uma nora e um filho desempregados e um neto menor. Pagam 600 escudos de renda, há oito anos.

No segundo, quatro assoalhadas para albergar cinco pessoas. Pagavam há 30 anos 120 escudos, aumentados para 150, suportando, agora uma renda de 500 escudos depois de ter sido instalada a casa de banho. Agregados sem rendimento fixo, calculado, quando o chefe de família angariava trabalho, em 100 escudos diários.

Terceiro e último caso: duas senhoras idosas e uma criança. Viúvas, contam com 2600 escudos das respectivas reformas para a alimentação, vestuário, educação e renda casa — 200 escudos. Há 50 anos essa renda era de quatro escudos semestrais!...

Em relação às três restantes temos que, em duas casas de seis divisões, no mesmo prédio, os inquilinos pagam 1000 e 270 escudos. Não dispõem de rendimentos estáveis e num caso a sublocação sistemática e comercial (300 e 400 escudos por quarto) serve a subsistência do agregado. Num outro, paga-se 700 escudos por duas assoalhadas, tendo-se o inquilino comprometido, por seus próprios meios, a efectuar reparações.

O padrão de vida modesta beneficia já dos bens de consumo mais generalizados: facilidades de pagamento permitem amortizar aquilo que há pouco tempo considerava artigo de luxo. Seis famílias tinham televisão, cinco frigorífico e esperavam aumentar o equipamento electrodoméstico.

A Bica, como a vimos, é gente simples, amiga do seu amigo leal, trabalhador e alegre, que espera acima de tudo poder reinar na rua e caber um pouco em casa...

ALFREDO SANTOS
MARQUES

tem
a
palavra
o leitor

Vantagem do diálogo

«De há muito que se impunha, dentro do «clima» actual, uma larga troca de impressões, o diálogo em «mesa-redonda», como já começámos (e digo começámos porque a falta de tempo não permitiu um diálogo maior) a constatar no Colóquio da Habitação e V. em boa hora encetou através do suplemento com aquele nome.

«Estou pessoalmente convencido de que com o prosseguimento dessa frutuosa troca de impressões entre os que sobre os problemas abordados se têm debruçado, viremos não só a criar entre nós um clima de diálogo.

«Poder-se-á concordar ou não com o que cada um expõe, mas tal não deve ser razão para não se continuar a sempre útil troca de ideias, sob a responsabilidade de cada um e com o respeito pelas opiniões emitidas pelos outros.»

Eng.º F. L. de Almeida
Garrett (Queluz)

«A Mesa-Redonda é francamente prometedora, assim o espero, de uma conseguida e feliz iniciativa jornalística. A questão para diante está na perseverança, no afinar do rumo, na coerência.»

J. Galacho
(Lisboa)

MAIO, UM ANO DEPOIS... (3)

Jean-Luc Godard: «Basta de contestação»

MARIA ANTÓNIA PALLA

«A arte não existe. A arte sois vós»

Liceu Condorcet, 1968

«A arte morreu. Godard não poderá fazer nada contra»
Sorbonne 1968«Tenho qualquer coisa para dizer mas não sei o quê»
Censier 1968

«Como se chama? Ofélia?»

— Não, Eva.

— O seu apelido? Mao, Trotski, República?

— Não Democracia.

— Onde nasceu? Em Stalinegrado, Al Alemein, Budapeste?

— Budapeste.

— Considera uma entrevista uma intromissão?

— Sim.

— Considera alienatória a condição da mulher em casa?

— Sim.

— Concorda com a des- culturalização?

— Sim.

— Onde deve ser iniciada a desculturalização? Nas escolas?

— Sim.

— Mas isso vai levar muito tempo...

— Sim.

— Como pode um intelectual ser revolucionário?

— Deixando de ser intelectual.

Anne Wiazemski, neta de François Mauriac, mulher de Jean-Luc Godard, transmite aos jornalistas que interrompem o seu passeio solitário, em «One plus one», o ponto de vista de seu marido sobre a cultura, em geral, a sociedade, em particular, e a necessidade de refazer uma e outra a partir da negação total, do zero absoluto. «One plus one» é o último filme de Godard. Começado a rodar em Junho de 1968, com capitais ingleses, estreia em Paris, em Maio de 69.

De todos os jovens célebres cineastas franceses, Godard é o que se mantém inteiramente fiel aos princípios das barricadas. Denunciador do Festival de Cannes, de todos os festivais, o seu filme será o grande ausente do certame marginal, que os contestadores do ano passado organizaram este ano. A Godard horrorizam os compromissos. O cinema, que foi inicialmente para ele um meio de expressão estética, tornou-se, com o decorrer dos anos, um instrumento de análise da sociedade, numa forma de contestação denunciadora da alienação do Homem. Desde o «Petit Soldat», filmado no tempo da guerra da Argélia, à «A Chinesa», Godard foi afirmando o seu desejo de fazer de cada filme uma arma do pensamento e da acção.

«NÃO» AO FILME-ESPECTÁCULO

É um homem pequeno, taciturno, de poucas falas — parece. Cabelos ralos escassos, olhos escondidos atrás de uns óculos levemente fumados, não fixa o interlocutor, o olhar vagueando, fugidio, na direcção de um ponto se-

creto, incessantemente en- contrado e perdido.

Vou encontrá-lo num pequeno palacete de Neuilly, entre bobinas, na tarde que antecede a saída de «One plus one». É aí que a é a sede da firma produtora para a qual trabalha. Próxima realização: um grande documentário sobre a Checoslováquia.

Quando realizou «A Chinesa» previa já o que se iria passar em Paris em Maio de 68? — começo por perguntar-lhe.

«A Chinesa» foi um filme realizado sob a influência da revolução cultural que se operou na China. Foi um acontecimento que me tocou em particular porque senti que vinha modificar estruturalmente o que nós, cineastas burgueses, pensávamos do cinema. Quanto a mim, o cinema é um meio de investigação, prática e teórica, como a filosofia. É um texto que pode ser lido de certa maneira. Há coisas muito importantes na revolução cultural chinesa. Fechar as Universidades, no momento actual, negar-lhes todo o valor, parece-me uma verificação muito lógica. Mais de 68, quanto a mim, foi uma consequência deste espírito.

Negar o passado, contestar o existente, parece-lhe suficiente? «Pierrot le fou» também contesta. E acaba matando-se, talvez sem querer...

«Pierrot» é um filme de um poeta que se julga livre, mas que, no fundo, a sociedade tolera. Essa fase é preciso ultrapassá-la. Basta de contestação. Agora, é preciso analisar.

E a si, Jean-Luc Godard, que mais lhe interessa: as perguntas ou as respostas?

Eu julgo que só se fazem perguntas se estamos interessados na resposta.

E qual é a sua resposta aos acontecimentos de Maio do ano passado?

Eles foram uma resposta, justamente, a uma certa forma de repressão. Importantes na medida em que permitiram a muita gente aperceber-se de um certo número de coisas, porque as viveram na prática. Eu creio que há uma certa razão quando se diz: nunca mais voltaremos ao que era dantes. Eu, por exemplo, não mais farei o mesmo tipo de filmes. É preciso lutar contra a concepção do filme espectáculo. O cinema tem sido um vírus do capitalismo.

A ALEGRIA DA DESCOBERTA

«One plus one» é um dos antiespectáculos mais bem conseguidos. Inútil-

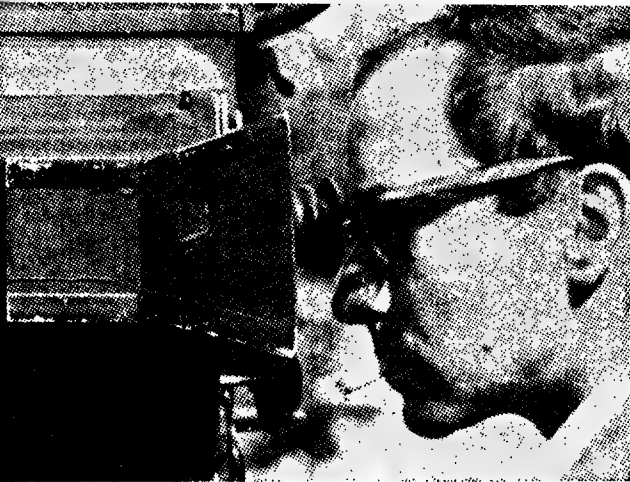
mente, procuraremos uma história, um elemento sentimental a que nos agarrarmos. Durante hora e meia os «Rolling Stones», indiferentes à câmara, ensaiam. Simultaneamente, cenas dispare, aparentemente sem conexão umas com as outras, cortam esse longo ensaio. Que ligação existe entre Mike Jaeger e um cemitério de automóveis, onde decorre uma entrevista a um representante do poder negro? Nenhuma e todas. Para descobrir essa ligação, a inteligência do espectador tem de estar desperta. O cinema, na concepção de Godard, deixou de ser um fim de tarde agradável para uma família honestamente tranquila.

Você nega completamente a função de prazer à arte?

O prazer não é um espectáculo. É participar na luta e na alegria da vitória. Maio mostrou que era possível uma revolução num país altamente industrializado. Era uma coisa em que não se pensava. A alegria está na descoberta das nossas possibilidades de renovação e na prática dessa descoberta. Os lugares de prazer do mundo burguês são os mais tristes da Terra inteira: os bordéis, os festivais, etc.

Quer dizer que você não considera Junho de 68 uma derrota?

Naturalmente, fiquei um bocadinho abatido. Sente-se um pouco isso neste meu último filme. Mas ti-



nha descoberto uma coisa fundamental: não queria continuar a ser artista. Disse-o já: o cinema de autor, graças a nós, entrou definitivamente na história da arte. Tenho trinta e oito anos e descobri a possibilidade de fazer uma revolução. É nela que quero participar.

Você tem um modelo de revolução?

A ideia de modelo, de padrão faz parte da filosofia burguesa. Eu acho interessante o que se fez na China, a Coreia do Norte, em Cuba. Mas cada país terá de escolher e construir o seu próprio socialismo.

E acha que o socialismo será possível em França?

Penso que haverá um progresso na substituição de de Gaulle por Pompidou, na medida em que este fará uma política menos hipócrita. Assim as oposições de classe serão muito mais francas.

Quando você ataca a burguesia pensa poder fazer filmes sem o seu concurso?

Claro que não. É como se Cuba pudesse viver sem o petróleo da U. R. S. S. ou da Argélia.

Pausa para acender o cachimbo. E continuarmos.

TUDO VAI MUDAR: HAVERÁ UMA REVOLUÇÃO A FAZER

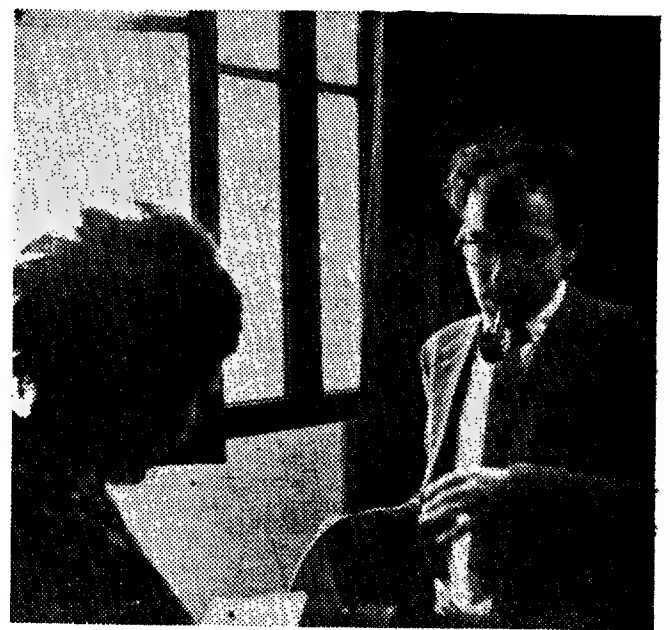
Então, como vai salvaguardar a liberdade de a poder atacar?

Fazendo filmes menos caros, com pessoas que não são especialistas de cinema. Podemos perfeitamente voltar aos 8 mm. Assim, ficamos livres dos produtores.

E quanto aos distribuidores?

Olhe: é mais importante fazer dez filmes para serem vistos por cem pessoas do que um filme que custe uma fortuna e que vai ser visto por um milhão de espectadores. Nós temos de escolher.

Você ataca a cultura burguesa, mas os seus personagens fazem frequentes citações, como se os livros fossem indispensáveis à sua vida.



«Basta de contestação. Agora é preciso analisar»

Sinto-me muito feliz porque estou menos oprimido ao pensar que há toda uma luta a fazer. A felicidade, como realidade estática, é uma ideia burguesa e cristã. As pessoas felizes não têm história. Nós temos uma história para construir. As relações humanas vão mudar. Tudo vai mudar. Mas não tenho, não temos um programa tecnocrático. Cada um realizará as suas relações com os outros da maneira mais conveniente. É isso, a felicidade.

Neste momento, e contrariamente ao que se verificava até há pouco, os problemas do amor, a exploração sistemática do erotismo, parecem interessar muito menos os cineastas. Os filmes que se exibem em Paris, em Maio de 69, versam, predominantemente, temas sociais e políticos.

O doutor diz que é do povo. Mas do povo sou eu, que tenho sete filhos e nem tenho casa onde morar — «A Terra em Transe», de Gláucio Rocha.

Tu falas de socialismo. Tu falas de liberdade como eu. As palavras são as mesmas, mas querem dizer, com certeza, coisas diferentes. Por isso discutimos. Por isso já não sabemos amar. — «A quelques jours près», de Yves Ciampi.

Vivemos num tempo em que a imaginação não é aceite. Ora nós precisamos de imaginação para resolver os problemas do nosso planeta. — «Z», de Costa-Gravas.

Despeço-me de Jean-Luc Godard. No Museu de Arte Moderna está a exposição da «Bauhaus». É aí que passo o resto da tarde.

E SE A HISTÓRIA ENSINASSE?

«Casa da Construção» — em tradução literal — «Bauhaus» é praticamente intraduzível. Furdada por Walter Gropius, em Weimar, em 1919, sob o signo da unidade das artes plásticas, subordinadas à arquitectura, encerrada em 10 de Abril de 1933, a «Bauhaus» foi mais do que uma escola modelo: foi um exemplo moral, servindo uma nova concepção de artista, simultaneamente criador, artesão e técnico, e uma nova concepção da arte, que se afirma pela ausência de gratuidade.

Na exposição que veio de Amesterdão para Paris e percorrerá a Europa, vamos encontrar a par das próprias criações os testemunhos comoventes do ensino antiacadémico de

Kandinsky, Klee, Marcel Breuer, Josef Albers, Maholy-Nagy, Mies van der Rohe, plenos de actualidade. Há um lugar para a arte num mundo altamente industrializado, prova-o, cinquenta anos volvidos, o material exposto.

Tentativa de conciliação entre a arte e a indústria entre a concepção e a realização, a validade da «Bauhaus» reside, como se afirma na nota distribuída à entrada da exposição «no facto de ela nunca ser instituído um sistema, nem procurar jamais representar uma vontade, um estilo, mas um humanismo servido por mestres excepcionais, no plano teórico, como no plano prático. O seu exemplo heróico e o seu ensinamento autêntico mostram-nos que o combate pela arte é inseparável do combate pela liberdade. Nada de fecundo poderá jamais criar-se sobre o ecletismo ou sobre o sectarismo. A adesão total a uma ideia, incessantemente posta em causa, é condição primeira da verdadeira criação».

Com o triunfo do nazismo, os fundadores da «Bauhaus» abandonaram a Alemanha e emigraram, quase todos, para os Estados Unidos. Outros, como Klee, ficaram pela Europa, na Suíça, país neutro durante a segunda grande guerra mundial. Mas, onde quer que se radicassem, eles foram os grandes impulsionadores da arte moderna.

Nesta França, onde, mais do que em qualquer outra parte, os intelectuais se apressaram a esquecer a ocupação alemã, em Maio de 69 nota-se um inesperado interesse pelo período que antecedeu a ascensão do nazismo.

Na Universidade livre de Vincennes, construída em três meses, aberta em Novembro de 68, a todos os estudantes, qualquer que seja o seu grau de preparação escolar, a cadeira de História tem por tema, precisamente, essa época. Os textos de Rosa Luxemburgo encontram uma difusão e uma aceitação possivelmente únicas. Alguma coisa aconteceu, muita coisa mudou em França desde a altura — e não faz muito tempo — em que foi possível fazer um filme intitulado: «Hitler? Não conheço».

A seguir

«O MEU NOME É DULCINEA»

Casamento e divórcio

Cont. da página 5

prole, etc. Há mais causas, mas as referidas são as mais comuns nos tribunais eclesiásticos.

Sobre a questão da ilegitimidade, é curioso verificar que ela tem diminuído muito em Portugal. Em 1930 tínhamos 145 por mil; em 1940 tinha subido a 156 por mil, antes da Concordata; depois da Concordata, em 1950, tínhamos 157. Em 1960 tínhamos 94 e em 1966, 75 e em 1967, a última estatística publicada, apresentava 74 por mil. É muito difícil saber, por falta de estatísticas, qual a condição destes filhos ilegítimos. Há pessoas solteiras e pessoas casadas que têm filhos ilegítimos, etc. A ilegitimidade terá baixado também porque baixou a natalidade. A nupcialidade, pelo contrário, aumentou. Em 1930 era 6,54 por mil, depois em 1940 era de 7, em 1966 era de 8,37 e em 1967 era de 8,38 por mil, que é um número muito razoável. O prolongamento do serviço militar atrasou durante dois anos o desenvolvimento da nupcialidade, mas agora a situação já se regularizou praticamente. Quanto ao que o sr. dr. Sousa Tavares, meu illustre amigo, disse — que só vinte por cento deviam casar catolicamente — eu permito-me discordar...

Evidentemente que se deve preparar os noivos e alguma coisa se tem feito, embora muito mais se devesse fazer. Agora há centros de formação para o matrimónio; não creio que a maior parte dos noivos não tenha o mínimo de preparação, embora estejamos longe da preparação ideal. Há muito a fazer nesse sentido.

PADRE LUIS MOITA — Tenho mais qualquer coisa para dizer do ponto de vista da Igreja, até porque pressinto que para alguns de nós a legislação concordatária aparece como uma prepotência da Igreja (dada a intromissão da legislação canónica na legislação civil). Ora eu penso que tal facto não é uma prova de força por parte da Igreja, mas antes uma prova da sua fraqueza. No fundo, a Igreja faz muito pouca confiança na maturidade do amor das pessoas e na seriedade das suas motivações de fé, e está sobretudo apoiada numa sanção jurídica civil para garantir a indissolubi-

lidade do matrimónio dos seus membros. Estou substancialmente de acordo com a análise sociológica esboçada pelo dr. Sousa Tavares e vejo que, a partir dela, se torna recomendável uma situação de paridade para todo o cidadão português. É esta a minha posição pessoal: não deve haver discriminação ao nível da legislação civil, de tal maneira que qualquer casamento possa ser dissolvido em conformidade com a lei.

Semelhante posição não destrói o princípio da indissolubilidade do matrimónio, que permanece inalterável no domínio da consciência e no âmbito eclesial, mas evita as ambiguidades da sua projecção na lei civil. Não vejo nenhuma objecção teológica para esta hipótese, já que, como afirmel, a garantia para a indissolubilidade do matrimónio-sacramento está na verdadeira fé e na profundidade do amor tal como é vivido por marido e mulher.

Acrescento ainda que um problema como este que diz respeito à felicidade de tanta gente, quer dos casais desavindos quer dos filhos ilegítimos, não deve ser apenas discutido ao nível de pequenos círculos eruditos ou de mesas-redondas. Acho que deve ser aberto um amplo debate nacional sobre esta questão.

Todavia neste domínio é importante não nos deixarmos levar por primeiras impressões ou por soluções de facilidade. Dou um exemplo: conheço bastante de perto a sociedade italiana e sempre lá me impressionou o carácter impetuoso das propostas parlamentares divorcistas; mas tal impopularidade não abona favoravelmente no sentido da moralidade do povo — pode muito bem acontecer que as pessoas recusem o divórcio para aguentarem a segurança familiar, não obstante a vida libertina que por vezes levam. Chega-se assim a este paradoxo de a indissolubilidade do casamento estar ao serviço de situações imorais. Quer isto dizer que a questão é suficientemente complexa para repugnar, como isso, qualquer solução de facilidade.

MODERADOR — Estamos perto da meia-noite e meia hora e não podemos deixar de sentir a necessidade de acabar. Antes de o fazer-

mos proponho que se proceda a uma última volta em que se não ponham novas questões, mas em que, de certo modo, cada um procure apurar as suas próprias conclusões da discussão que aqui se fez. Porque penso que esta é a última vez que falo, quero agradecer a presença de todos, e se me permitem especializo neste agradecimento o nome do sr. padre António Leite, que nos trouxe realmente aqui um conjunto de informações que suponho todos consideramos preciosas. Como explicaram os juristas aqui presentes, dr. Ferrão e dr. Sousa Tavares, a maior parte destes elementos que o sr. padre António Leite nos trouxe não eram sequer do conhecimento dos profissionais do foro.

DR. SILVEIRA NUNES — Desejava terminar com o meu acordo à proposta do padre Moita acerca de um debate nacional sobre o problema. No fundo, como aliás aqui várias pessoas o deixaram inferir, o problema é basicamente um problema humano e eu penso que esta mesa-redonda se preocupa muito mais com o aspecto propriamente do que está regulamentado do que com o problema real da pessoa envolvida na situação. De facto, o problema do divórcio, da miséria psicológica que causa a tantos milhares de pessoas e a seus filhos é extremamente complexo e as soluções a estudar não sendo soluções baseadas no estudo das pessoas e das suas motivações das suas necessidades, só são garantidas de uma instabilidade futura. Como disse o sr. padre Moita referindo-se à mutação da fé, evidentemente que é perfeitamente mutável uma atitude ideológica ou religiosa; portanto é preciso ter em conta as características psicológicas dos indivíduos e as suas necessidades quando se deseja fazer uma legislação que pretenda sanar qualquer mal. Eu, por exemplo, não concordo quando o sr. dr. Sousa Tavares diz que as pessoas depois do casamento têm que lutar por salvar a instituição. As pessoas não têm que salvar instituição nenhuma: as instituições é que tem de se adaptar às necessidades daquelas, no meu entender. Portanto só um debate geral que interesse todos os ramos das ciências sociais, a psiquiatria, a psicologia, etc., é que poderá contribuir adequadamente para o início de uma resolução lógica e moderna do problema. Uma mera adaptação de textos legais pode estar perfeitamente em desacordo com as necessidades humanas objectivas.

ENG.º LINO NETTO — Eu queria ainda chamar a atenção, aliás em confirmação de outras intervenções anteriores, para as consequências práticas, sob o ponto de vista moral e social, da nossa Concordata. Apesar das melhores intenções dos negociadores, que não podem ser postas em dúvida, a Concordata, tal como já assinada, tem constituído um factor de desmoralização da vida portuguesa e tem provocado graves perturbações da vida familiar, e isto na medida em que, para grande parte dos portugueses, aboliu na prática a possibilidade do divórcio.

Eu não aprovo em princípio o divórcio visto que,



Dr. Silveira Nunes

como católico, entendo que o casamento para ser cristão deve ser monogâmico e definitivo, mas a realidade social é infelizmente diferente e a obediência a princípios morais, por vezes heróica, não pode ser imposta por disposições legais. Aparece então o divórcio, como menor mal, regulamentação legal dos casos em que o casamento deixou já de existir.

A evolução social nos tempos posteriores à Concordata veio ainda acentuar a impossibilidade de manter, no aspecto legal, a instituição familiar tal como era concebida pelos nossos avós. Na falta da possibilidade do divórcio legal, os casais para os quais o casamento já deixou de existir, praticam o divórcio prático, quer com a solução hipócrita dum adultério mais ou menos permanente dentro duma fachada apenas aparente de continuidade matrimonial, quer com a solução mais honesta mas socialmente inconveniente duma nova união permanente extralegal.

Em qualquer dos casos, as principais vítimas são os filhos (da primeira ou segunda união) em condições muito graves de que se houvesse o divórcio legalizado. Com efeito, a somar aos inconvenientes de dissolução da família, as crianças sentem e pressentem na sua vida e no seu coração os problemas morais, psicológicos e sociais duma situação irregular do pai e da mãe.

Repare-se na quantidade de casos de uniões ilegais de homens e mulheres, por vezes de alto nível social, que actualmente se verifica. Isto era anteriormente impossível pelo menos em certos sectores sociais, a não ser um pequeno número e com escândalo notório; e agora não é assim, isso é graças certamente à evolução dos tempos, mas também... graças à Concordata. Quer dizer a nossa Concordata, proibindo o divórcio, veio afinal a desautorizar a instituição familiar.

Em resumo, parece-me indispensável e urgente rever diversos aspectos da Concordata. Isto deve ser feito por negociações bilaterais e sem qualquer intenção de luta antecatólica e anticlerical, mas com a preocupação de respeitar os interesses morais e espirituais de todos. Parece-me que, nestas condições, poderá ser possível encontrar uma solução a contento da grande maioria dos portugueses que não ofenda a consciência católica e que seja aceite pela Santa Sé, dadas as novas tendências de tolerância e de compreensão sobretudo manifestadas no Concílio Vaticano II.



Dr. Sousa Tavares

Para isso, e como contribuição para um esclarecimento da opinião pública e para encontro de várias tendências e pontos de vista, seria muito útil a concretização da sugestão do Sr. P. Luís Moita da realização dum amplo inquérito com debate generalizado dos problemas aqui esboçados.

D. GLÓRIA MARREIROS — Sobre o problema aqui em questão quero acrescentar que estou perfeitamente de acordo com a ideia do sr. padre Moita, de tornar este debate extensivo a um número muito maior de pessoas. Por outro lado, devo dizer que achei muitíssimo interessante a verificação de uma divergência entre aquilo a que chamarei, talvez erradamente, a Igreja e os católicos.

PADRE ANTÓNIO LEITE — Só queria citar um número bastante expressivo, que foi, aliás, revelado pelo então ministro da Justiça, professor Antunes Varella, por ocasião da publicação do novo Código Civil. Disse ele que durante os últimos vinte anos tinha havido 30 500 conjuges divorciados, dos quais apenas 9 295 contrairam segundo casamento, contra 21 205 que não voltaram a casar. E ele faz esta consideração: «Estes elementos estatísticos não abonam muito a tese dos que fundam o divórcio na necessidade moral, de conceder a quem uma vez errou na escolha do conjuge, a possibilidade de tentar de novo a sua felicidade, mediante a união com outra pessoa, visto que mais de dois terços dos divorciados se contentaram apenas em ficar libertos dos vínculos do casamento».

Quanto às situações irregulares, quem tem um pouco de experiência da vida sabe que as haverá sempre, nesta matéria. Bem sei que são situações dolorosas. Mas resta saber se a solução que se propõe, o divórcio, é a mais adequada. E se não se criam, ou não se criaram, situações muito piores ainda. Nós que somos padres, sobretudo aqueles mais velhos, que ainda viveram um pouco no tempo antigo, temos desta situação uma experiência doloríssima. No entanto, não podemos resolver todos os problemas, não nos podemos deixar levar apenas pelo sentimento; tem de prevalecer a razão, tem de prevalecer o bem comum e o bem geral, e este bem geral tem de ser conseguido não a partir de um ponto de vista individualista do casamento, mas de um ponto de vista social. É esta a ideia que desenvolve o livro já citado do grande escritor brasileiro Gustavo

Corção chamado «Claro escuro».

Para concluir: se, quanto à dissolubilidade do casamento, devesse haver um único regime para todos os portugueses, como aqui se preconizou, é claro que, segundo as regras da boa democracia, devia acabar imediatamente o divórcio, mesmo para os casamentos civis. Se quase 90 por cento dos portugueses optam livremente pelo casamento indissolúvel (e mais seriam se os que casam só civilmente pudessem também optar pela indissolubilidade), é claro os 10 por cento restantes é que se haviam de acomodar à vontade da maioria, e não vice-versa.

PADRE LUIS MOITA — Gostava então de resumir em três ou quatro pontos a minha posição sobre o problema. Não sei se ficou suficientemente claro, mas esclareço-o agora, que me repugna imaginar o divórcio como um elhor solução para resolver os problemas do casamento; ele será apenas o triste remédio para o irremediável. Segundo, considero que, tanto do ponto de vista sociológico como político, é legítimo uma sociedade pluralista contemporânea admitir o divórcio na sua legislação civil. Em terceiro lugar, partindo do facto de que a legislação portuguesa admite o divórcio considero desejável para todos os cidadãos portugueses uma paridade jurídica ficando o casamento canónico abrangido pela possibilidade do divórcio civil. Finalmente, não vale a pena insistir naquilo que disse há pouco e já foi sublinhado por alguns: a necessidade do alargamento deste debate.

DR. ABRANCHES FERRO — Só vou pôr dois pontos para concluir. Primeiro ponto: não vale a pena discutir a eficácia, em teoria, do casamento, se na prática o casamento pode deteriorar-se. É em relação ao fenómeno social do casamento deteriorado que temos de encontrar soluções. Segundo ponto: o divórcio talvez não resolva todos os casos, mas basta que solucione alguns para ser defensável. Os casos que não têm solução pelo divórcio e não o têm realmente por qualquer outro processo são casos insolúveis por si e escapam, portanto, à possibilidade de o legislador os resolver. Por último: uma legislação deve recolher das relações sociais as regras que delas derivam e não pode (falo na generalidade) estabelecer regras contrárias à realidade que é chamada a regular. A indissolubilidade do casamento estabelecida por lei não impede que os casamentos se dissolvam de facto.

DR. SOUSA TAVARES — Resumo toda a minha posição neste debate. Direi que só concebo a indissolubilidade do casamento na realidade como uma consequência de fé. Se essa fé não existe generalizada não deve a lei proporcionar uma forma de generalizar um engano. E por isso é que entendo que dado o condicionamento sociológico e histórico do País, existem razões para o casamento religioso que não são as da fé. E assim se conduz a uma situação de indissolubilidade que não é autêntica.

Para famílias de bom gosto...

Faqueiros

DOMEX

aço inoxidável * equilíbrio perfeito

PRODUTOS DA *Topázio*

A venda nas melhores casas da especialidade



CARDOSO & RIBEIRO, Lda.
SALA DE EXPOSIÇÃO E VENDA
PRAÇA RAINHA SANTA, 1-B
TELEFONE 794532 LISBOA-5

MOBILIÁRIO DE ESCRITÓRIO



O império americano

Cont. da página 1

de que o produto nacional bruto dos Estados Unidos é duas vezes e meia mais importante do que os dos Seis do Mercado Comum. E considere-se ainda as exportações de capitais, fenómeno concomitante do acesso e do domínio das fontes de matérias-primas.

A missão das Forças Armadas não é apenas defender os 9.385 mil km² entre o Atlântico e o Pacífico, a fronteira do México e a do Canadá, mas também as minas e as plantações da América Latina e da Ásia do Sudeste, os jazigos petrolíferos do Médio Oriente, os recursos naturais do Canadá, as riquezas comecadas a explorar em África, o potencial industrial da Europa onde afluem os capitais americanos, a liberdade de navegação nos mares para o transporte das mercadorias dos e para os Estados Unidos.

O acesso às matérias-primas e a estabilidade das regiões delas está a cargo das forças armadas americanas.

Lógicamente, esta obrigação determina um grande potencial militar que faz das forças armadas o melhor cliente da indústria privada, 3/5 dos créditos militares pagam fornecimentos industriais, e esta fracção foi em 1968 de 49 biliões de dólares.

Na Califórnia 23,3 % dos empregos industriais dependem do Pentágono, no Kansas, 30,2 %.

Os membros do Congresso ligam-se a este tentado militar na mira de conseguirem que as fábricas que trabalham para a defesa sejam instaladas nas suas circunstâncias.

O idealismo por um lado, e expansionismo pelo outro, a tradição idealista americana favorece o imperialismo, dado que a penetração nos outros países é vivida pelos nor-

te-americanos como cumprimento de uma missão civilizadora, a de levarem aos subdesenvolvidos a cultura ocidental e a técnica moderna.

Há autores que apresentam o altruísmo como a motivação principal da acção americana nos países da Ásia e da América Latina. A ajuda estatal ao estrangeiro seria a melhor prova desse sentimento. Simplesmente, analisando bem, essa ajuda é simultaneamente aos países e ao domínio dos mercados que eles constituem pelos Estados Unidos. Segundo uma cláusula da lei de auxílio ao estrangeiro os países beneficiários têm de consagrar, em média, 80 % da ajuda recebida a compras aos Estados Unidos. Ao fim e ao cabo, o auxílio estatal é uma contribuição importante para a segurança dos investimentos privados nos países do Terceiro Mundo. Os números atestam como o auxílio

americano ao estrangeiro não pode ser interpretado univocamente como filantropia, 1965: créditos governamentais concedidos à América Latina — 3146 milhões de dólares, lucros das empresas privadas na América Latina — 4697 milhões de dólares.

Ao lado da tradição idealista, e a ela ligada, a tradição expansionista: a travessia para o Oeste prolonga-se hoje extracontinentalmente para todos os pontos cardiais.

Este mecanismo, accionado pelo motor do lucro máximo, produz neocolónias, pela combinação de concessões petrolíferas e mineiras, a penetração das forças armadas (com o concomitante negócio de armamento, uma média de 3000 milhões de dólares de vendas anuais, em termos de balanços de pagamentos — metade do custo das forças armadas americanas espalhadas pelo mundo) e as influências financeiras e políticas do «melhor cliente».

De resto o neocolonialismo (independência política esvaziada pelo «controle» exercido por uma potência estrangeira) é uma criação norte-americana muito mais refinada que o velho colonialismo, pois, não tendo os encargos financeiros da ocupação directa, possui a vantagem (além das outras consabidas) de não deixar entrar livremente no território dos Estados Unidos uma produção e uma mão-de-obra concorrentes da americana, o que não seria o caso se as neocolónias fossem estados da União.

O maquinismo imperial funciona maravilhosamente e espalha as suas benesses, mais ou menos, por todos os americanos. Se proporciona bons negócios aos «businessmen», também permite elevados vencimentos aos assalariados: de 1940 a 1966, o salário horário médio passou de 0,66 a 2,71 dólares, aumento que se calcula, tendo em conta a depreciação da moeda, entre 1,53 e 2,71 dólares. Será escusado dizer que o alto nível de vida americano se tornaria impossível sem a liberdade de acesso às matérias-primas do Terceiro Mundo? Em 14 dólares do rendimento nacional dos Estados Unidos 1 provém do estrangeiro.

A participação do proletariado na prosperidade americana é o que explica por exemplo o apoio dos sindicatos (O. A. F. L. — C. I. O.) à política de Johnson para o Vietnã ou a cumplicidade de organizações operárias na operação montada pela CIA contra o regime progressista da Guiana.

O maquinismo funciona maravilhosamente, e à primeira vista não se descobre o que poderia empaná-lo. O volume de capitais disponível amplifica-se e escapa-se para outros países à procura de novas fontes de lucros que por sua vez aumentarão a prosperidade interna. O consumo, se bem estimulado

artificialmente, cresce, absorvendo cada vez mais matérias-primas que os Estados Unidos não possuem no seu território em quantidade

bastante. Esta dupla corrente reforça a influência norte-americana nos países onde os Estados Unidos controlam as

Cont. na página 10

OS DIREITOS DO CIDADÃO PORTUGUÊS

O direito à liberdade pessoal

Continuação da página 1

pronúncia pelo juiz), fica formada a culpa contra ele.

Ora é só nesta fase, que pressupõe já, portanto, uma apreciação judicial, que é possível a prisão dos cidadãos, de acordo com a regra do n.º 8 do artigo 8.º da Constituição.

Antes dela, não.

4. Esta é, porém, a regra. E a própria Constituição Política, nos §§ 3.º e 4.º do artigo 8.º, admite excepções.

Em primeiro lugar, é autorizada a prisão sem culpa formada em caso de flagrante delito: o indivíduo que for surpreendido no acto de cometer um crime pode ser imediatamente detido, com a particularidade única até de qualquer pessoa o poder deter nessas condições e apresentar à autoridade.

Depois, a Constituição especifica determinados crimes nos quais também autoriza a prisão sem culpa formada. São eles: os crimes contra a segurança do Estado; de falsificação de moeda, notas de banco e títulos de dívida pública; de homicídio voluntário; de furto doméstico ou roubo; de furto, burla ou abuso de confiança, praticados por um reincidente; de falência fraudulenta; de fogo posto; de fabrico, detenção ou emprego de bombas explosivas e outros engenhos semelhantes. E, nota particular, em todos estes casos a prisão sem culpa formada é permitida, quer seja aplicável pena correccional (até 2 anos) quer pena maior (de mais de 2 anos) e quer haja suspeita de se ter praticado um crime consumado ou frustrado quer se suspeite da tentativa de um crime.

Por último, a Constituição permite ainda a prisão sem culpa formada de um «incriminado» quando levada a efeito «mediante ordem por escrito da autoridade competente». É uma excepção muito ampla, visto que não depende do tipo de crime nem de flagrante delito. Os pressupostos da sua aplicação são apenas dois: haver um crime em averiguação e a prisão ser ordenada por escrito da autoridade competente. E, como não faz expressa referência à autoridade judicial, deixa a Constituição larga margem de especulação sobre qual poderá ser essa autoridade competente.

Como esta última excepção é ampla e vaga na sua determinação, ela traduz-se, no fundo, dentro daqueles dois limites, numa remissão meramente formal para o que dispuser a lei ordinária. Vem então o Código de Processo Penal permitir a detenção em todos os casos em que seja aplicável prisão maior ou, sendo aplicável prisão correccional superior a um ano, sempre que seja de recear que o suspeito perturbe a instrução do processo, se subtrair à acção de justiça ou tente cometer novas infracções.

Vê-se assim também que só nestes últimos casos, de menor gravidade, é que a lei exige um motivo justificado para ser ordenada a detenção durante a instrução do processo. Fora deles (e quer se trate dos crimes especificados na Constituição, qualquer que seja a sua gravidade, quer de quaisquer outros puníveis com prisão maior), a prisão sem culpa formada pode ser ordenada sem necessidade de verificação de uma justificação concreta para tanto e a prisão com culpa formada (que a Constituição apenas autoriza) é, pelo Código Penal, tornada obrigatória sempre que a pena aplicável é superior a um ano.

Esta regulamentação legal não é inteiramente conforme com o que se dispõe na Declaração de Princípios sobre o Direito à Liberdade, aprovada pela Assembleia Geral das Nações Unidas, a qual considera a prisão ou detenção de qualquer pessoa suspeita ou acusada de uma infracção penal uma «medida excepcional» e estabelece que ninguém deverá ser preso ou detido sem fundadas razões para crer que tenha cometido crime grave e ocorrendo também motivos concretos para temer que, em liberdade, «possa fugir aos processos legais ou prejudicar os resultados das investigações». Esta condição concreta imposta a toda a prisão anterior à condenação judicial, quer antes quer depois da culpa formada, é facilmente compreensível: numa esfera tão importante como o da liberdade pessoal, só excepcionalmente será de admitir a captura de um cidadão que ainda não foi sujeito à prova rigorosa do julgamento.

Continua no próximo número

As críticas a «O império americano»

«O Império Americano», de Claude Julien, teve grande repercussão. O número de Abril do «Escrít» não foi motivado por outra coisa se não o livro de Julien. Aí, vários autores defendem e atacam (mais atacam do que defendem) as teses de «O Império Americano».

Por exemplo, Jean Boissonat critica a afirmação de Julien de que a prosperidade dos Estados Unidos se funda, em grande parte, na exploração das matérias-primas do mundo inteiro. Boissonat replica que assim não é, porquanto as matérias-primas e as fontes de energia desempenham um papel cada vez menor no desenvolvimento económico.

Alguns economistas tinham já chamado a atenção para este facto. Dizia Robert Buron, em «3 continentes» (n.º 3, 1967): «porque o verdadeiro problema é que, fora do petróleo e de certas riquezas mineiras, os produtos do Terceiro Mundo não interessam a ninguém».

Os números apresentados por Julien não são falsos. Simplesmente os Estados Unidos (segundo Buron e Boissonat) poderiam muito bem passar sem grande parte dos produtos que importam dos subdesenvolvidos. Se os continuam a adquirir é para não abandonarem os países do Terceiro Mundo, o que teria consequências políticas desastrosas para o regime da América do Norte.

Pierre Hassner argumenta no mesmo sentido de Boissonat: as matérias-primas têm um lugar relativamente pouco importante no comércio exterior dos Estados Unidos, e se estes dobrassem os preços dos produtos que compram e diminuíssem de metade os lucros que obtêm no estrangeiro, o conjunto da economia americana suportaria isso perfeitamente. O comércio com os países estrangeiros é menos vital para os Estados Unidos do que para os países que comerciam com eles. O imperialismo americano está sim na sua possibilidade de chantagem, de ameaçar um país de não lhe adquirir produtos de que esse país viva, e não na exploração das matérias-primas do Terceiro Mundo, conclui Hassner.

Perguntar-se-á porque, nesse caso, os Estados Unidos não dobrem o preço das matérias-primas que importam. A resposta vem no artigo do economista norte-americano Lindleberger: são esses preços baixos que encorajam o consumo, preços mais elevados incitariam a procura de outras matérias-primas mais baratas ou

pazes de substituírem as cujo preço se elevava, e a procura de sintéticos.

Dentro de uma economia de mercado... é assim. Os subdesenvolvidos ou não vendem, ou vendem aos preços baixos, cada vez mais baixos na relação dos termos de troca.

Lindleberger é o mais severo de todos para Julien. «A comparação dos lucros com os investimentos, no mesmo período de tempo, não tem economicamente sentido, pois esses lucros são de investimentos passados. Se eu possuio uma acção da General Motors e recebo quatro de dividendos trimestrais não sou obrigado a investir os dividendos na General Motors ou noutra coisa. Dizer que retiro mais dinheiro da General Motors do que lhe dou, e que dessa forma a leso, é perfeitamente ridículo. Se se substitui a General Motors pela América Latina e o pronome pessoal «Eu» pelos Estados Unidos, obtém-se o raciocínio de Claude Julien».

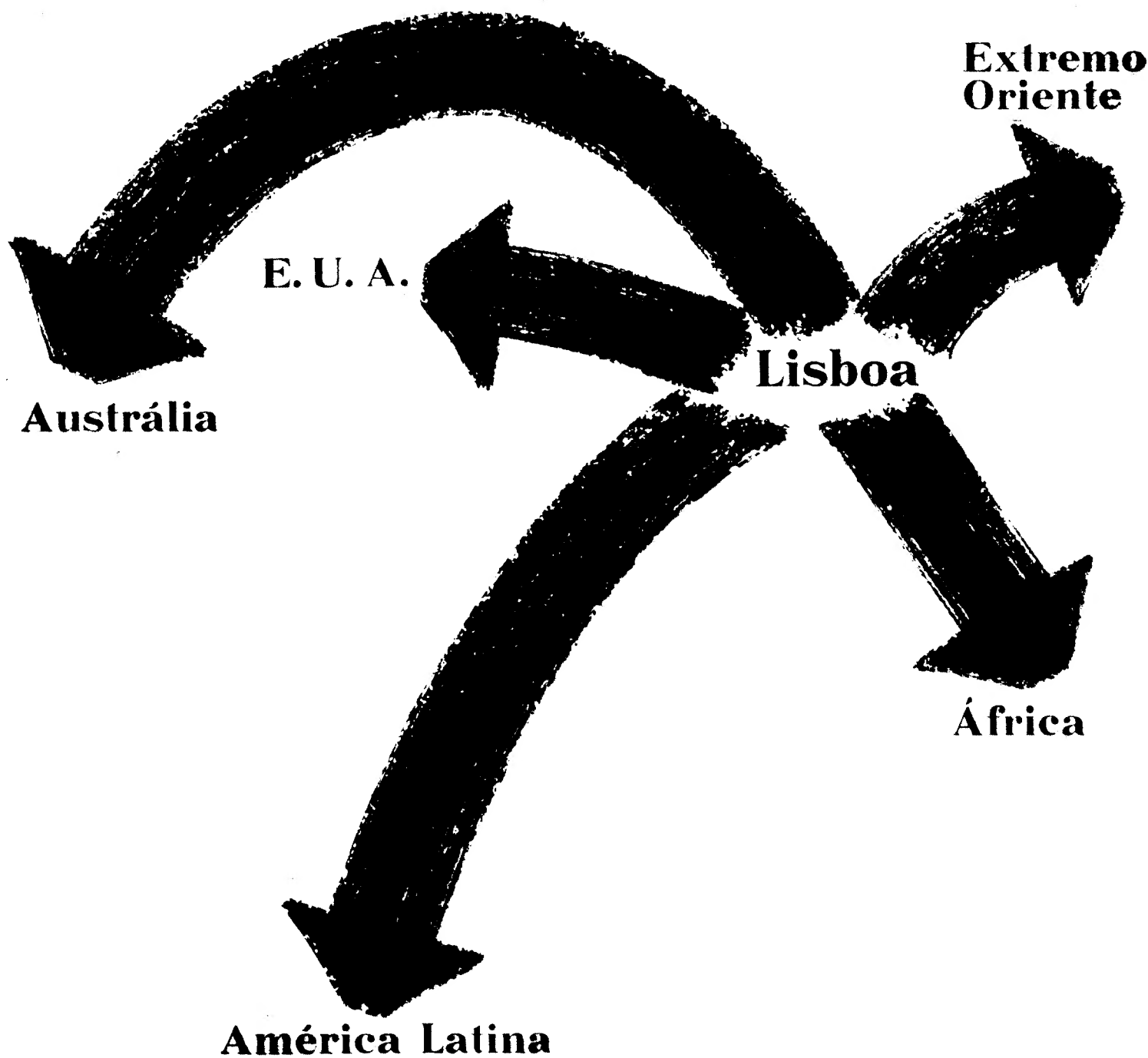
Mas, independentemente da correcção das comparações feitas em «O Império Americano», do que não há direito é que a repatriação de capitais prejudica a acumulação de capitais necessária ao arranque dos subdesenvolvidos.

Pode dizer-se que Pierre Galée apoia plenamente Julien. Mas já Henri Denis põe a tónica na necessidade que os Estados Unidos têm de mercados estrangeiros. Segundo este economista, no modo de produção em causa é imprescindível relançar periodicamente o crescimento económico, e um dos meios consiste no acréscimo das vendas industriais líquidas ao estrangeiro sem compensação de um acréscimo de importação das mesmas categorias de bens, ao que os subdesenvolvidos se prestam especialmente. E, nota Henri Denis, se a América do Norte exporta uma fraca proporção da sua produção, o facto é que, neste domínio, as pequenas causas geram grandes efeitos.

O ponto litigioso é portanto o seguinte: a prosperidade norte-americana provém ou não do domínio mundial das matérias-primas pelos Estados Unidos?

Se estes podem passar sem a maior parte dos produtos que importam (e não considerando que a pequena parte lhes é indispensável) a aquisição desses produtos constituem uma maneira de pressionarem os países que estão na sua dependência em virtude da necessidade imperiosa de venderem as suas matérias-primas. Quer dizer: o imperialismo americano seria assim principalmente político.

Só a Pan American pode transportar as suas mercadorias desde a origem até ao destino em qualquer parte do mundo.



A Pan Am® liga Lisboa ao resto do mundo através dos seus aviões a jacto que voam para 122 cidades em 84 países dos 6 continentes. Isto significa que há apenas uma Companhia transportadora envolvida e portanto um único responsável pelos seus serviços de exportação e importação.

Mais uma vantagem Pan Am: O Serviço de Mercados Mundiais. Os nossos escritórios existentes em quase todo o mundo dão-lhe informações pormenorizadas sobre as possibilidades locais. Por outro lado, a revista que lhe oferecemos grátis «Worldwide Marketing Horizons» está cheia de novas ideias sobre a maneira de conquistar os mercados estrangeiros.

A Pan Am vai muito além dum simples transportador de carga — é como que uma associada sua no campo dos negócios.

Dirija-se ao seu Agente habitual de Carga Aérea ou à Pan American em Lisboa, Praça dos Restauradores, 46
Telef. 36 21 81 ou Aeroporto da Portela — Telef. 72 64 62

**Na Pan Am
encontra a solução que procura**



Transporta mais carga aérea
em todo o mundo

O império americano

Cont. da página 9

matérias-primas, através dos investimentos mineiros ou agrícolas, ou das compras a preços que em grande parte impõem, mantidos tanto quanto possível baixos, se preciso pela especulação com os «stocks» que os Estados Unidos detêm.

Mas, observando melhor, o mecanismo mostra alguns defeitos que podem avariá-lo seriamente: os negros (1/10 da população) com o seu baixo nível de vida e a sua situação humilhante; a revolução ou a agitação na periferia do Império, no Terceiro Mundo; a parte da juventude que vive a contradição entre os valores tradicionais norte-americanos (principal valor: a igualdade, segundo Tocqueville) e a realidade diante dos olhos. Se os motins internos dos negros e as guerrilhas do Terceiro Mundo têm importância, talvez a fenda principal tenha sido aberta pela contestação ideológica dos jovens. Se os cidadãos do Império deixam de acreditar na sua ideologia e passam a vivê-la na dúvida, a máquina pode dar de si a primet-ra convulsão séria.

Claude Julien conclui contra algumas teses que de há tempos a esta parte ganharam curso: a de que os Estados Unidos, dada a sua revolução tecnológica permanente sob o estímulo da militarização da economia, se deixaram de interessar pelas fontes de matérias-primas; e a de que os outros povos, se lançassem mão dos métodos norte-americanos, teriam a possibilidade de alcançar o nível de vida dos Estados Unidos.

Argumenta-se com o facto de os investimentos americanos estarem a diminuir no Terceiro Mundo. Ora isso acontece porque aí já os Estados Unidos estabeleceram um apertado «controlo» das matérias-primas.

O actual afluxo de capitais americanos ao Canadá e à Europa visa uma implantação no sector das indústrias de transformação.

Mas os maiores lucros não deixam de vir do Terceiro Mundo. Números de 1965: lucros no Canadá e na Europa — 1452 milhões de dólares, no Terceiro Mundo — 2.253 milhões. Ora, como os investimentos na Europa são largamente superiores (e cada vez mais) aos lucros aí realizados, o que se impõe concluir é que a exploração dos recursos do Terceiro Mundo gera os capitais que os americanos investem nos outros países industrializados, para além de assegurarem aos Estados Unidos o seu altíssimo nível de consumo.

Quanto à tese de que a propriedade americana está ao alcance de quem seguir os métodos americanos, Julien lembra que os jazigos de ferro, de alumínio, níquel, etc., seriam insuficientes se os europeus, os asiáticos, etc., tivessem o nível de consumo dos americanos.

J. F. F.



A MAIOR FÁBRICA DE CARAVANAS RESIDENCIAIS DA EUROPA



EM BREVE, SENSACIONAL EXPOSIÇÃO DE CARAVANAS RESIDENCIAIS.

A SOLUÇÃO PARA O PROBLEMA DA SUA CASA DE CAMPO OU PRAIA.



Modelos esdrúsculos:
CONQUEROR • CONSUL • CALYPSO
CONTESSA • ENVOY 10 • ENVOY 12
VULCAN • VANGUARD • GUARDIAN
SUPERHOME • VALIANT • SWISS COTTAGE

Modelo rebocável:
EUROPEAN

FACILIDADES ESPECIAIS DE PAGAMENTO

PARA MAIS INFORMAÇÕES CONSULTE:

Marcampo - Artigos de Campismo, Lda.
Av. Almirante Gago Coutinho, 56 - D - LISBOA
- IMPORTADOR EXCLUSIVO -

O carro para os anos 70

(EXCLUSIVO «THE LOS ANGELES TIMES»-«DIÁRIO DE LISBOA»)

Se se acreditar em tudo o que se lê nos livros de ficção científica poderá prever-se que em 1979 estaremos guiando qualquer coisa do estilo de uma cápsula espacial, propulsionada por energia atômica, guiada automaticamente ao longo de uma auto-estrada eletrónica a 160 km/h.

No ano 2000 talvez isso aconteça, mas não em 1979, dizem os «leaders» da indústria automóvel. E prometem algumas surpresas. Muitos deles pensam que o carro médio nesse ano será mais pequeno que os modelos de hoje. Serão também mais seguros, e incluirão um pequeno computador destinado a assegurar que tudo vai bem.

Na realidade, se os anos 50 ficaram assinalados como sendo a época dos cromados, e os 60 como os do estilo personalizado, os 70 serão os anos do automóvel prático.

A maioria dos carros será provavelmente mais leve, mais económica, mais fácil de manobrar e mais fácil e económica de reparar que os automóveis de hoje.

Os caminhos já estabelecidos prevêem estas modificações. Em 1979 o trânsito estará provavelmente ainda mais congestionado. As facilidades de estacionamento encontrar-se-ão ainda... a dois ou três quilómetros do sítio para onde se quer ir.

Conquanto insista no facto da não existência de um melhor meio de transporte, Henry Ford II, presidente da Ford Motor Co., admite:

— «O estacionamento e o congestionamento do trânsito preocupam-me».

No entanto, Ford acredita que os carros do futuro serão muito parecidos com os de hoje: «As formas serão muito semelhantes, os motores situados à frente e a propulsão às rodas traseiras. E não penso que haja qualquer dúvida quanto ao uso de motores de combustão interna».

E estas ideias não mudam, quer se fale com engenheiros, estilistas ou técnicos dos departamentos de pesquisas de Detroit.

Lawrence Hafstad, o recentemente aposentado vice-presidente do departamento de pesquisas da General Motors, deixou bem claro o facto de ser muito difícil introduzir grandes modificações num produto que se tem mantido tanto tempo como é o caso do automóvel.

Um sector marcado para uma particular atenção é o das reparações e assistência.

— «No passado não dávamos uma importância especial à questão total da assistência quando do projecto do automóvel», confessa Henry Ford II. «Começamos com o Maverick», acrescenta, «e este problema terá uma muito maior prioridade no futuro».

Os carros de 1970 serão também mais seguros. O grosso dos esforços incidirá na procura de soluções que permitam a sobrevivência em caso de acidente.

Sacos de ar que se enchem num acidente,

almofadando os passageiros, serão equipamento normal a meio dos anos 70. O poder de protecção deste equipamento é extraordinário, dizem os técnicos.

Métodos de protecção dos ocupantes nos embates laterais serão apresentados em mais automóveis, tal como os sistemas dianteiros de absorção de energia.

Haverá também modificações no sentido de diminuir as possibilidades de acidente. Roy Haessler, engenheiro-chefe do departamento de segurança da Chrysler, prevê a estandardização de sistemas de controlo de derrapagem que evitem o bloqueio de rodas numa travagem de emergência.

O coração dos sistemas anti-bloqueio de rodas é um pequeno computador. Uma vez instalado há uma porção de outras funções que ele é capaz de cumprir, como, por exemplo, o controlo de acessórios. Conquanto o controlo electrónico dos diversos aparelhos permita uma maior confiança de utilização, estes melhoramentos não são óbvios para os condutores.

O uso do computador para fornecer indicações sobre a estrada e o tráfego a partir de transmissões instaladas nas bermas, de espaço a espaço, será possível na próxima década e pode constituir um passo para as auto-estradas automáticas, segundo afirma Hafstad, que acrescenta:

«Sempre sonhei com um computador capaz de ensaiar tudo antes de arrancar. Carregar-se num botão e o aparelho dizer-nos que todos os sistemas estão em ordem».

DAN FISCHER

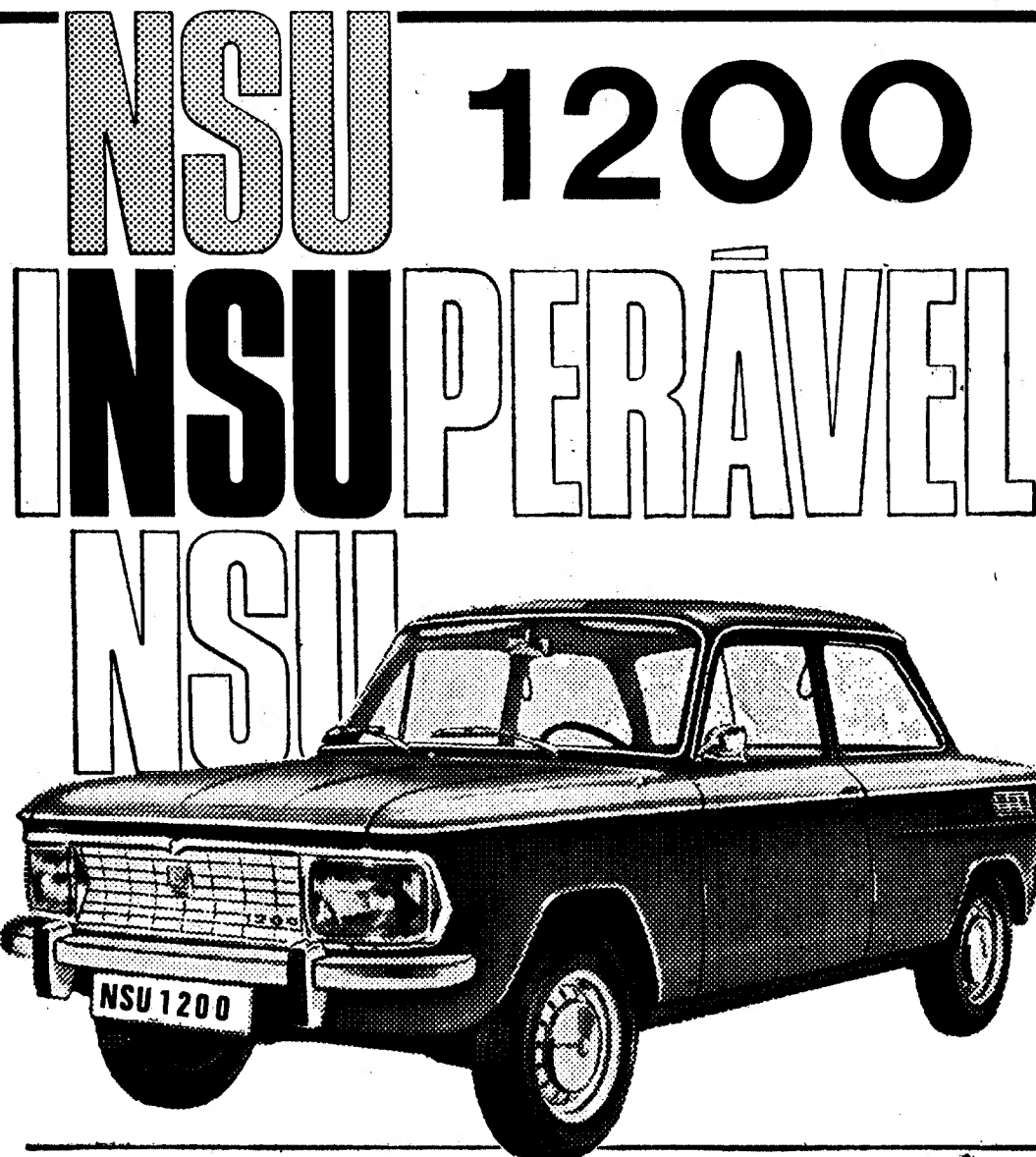
3 HORAS DA GRANJA DO MARQUÊS
SUCESSO COM BOBINES
DUCETTER DE COMPETIÇÃO
5.ª CLASSIFICAÇÃO GERAL
1.ª 2.ª CLASSE



BOBINES ISOLADAS
EM BANHO DE ÓLEO

Ducetter

AUTO-LUSITANIA
ALFREDO DUARTE, Lda.
Av. da Liberdade, 73-77 LISBOA



NSU PRINZ 4



NSU 1000



NSU TT



NSU RO 80



CARACTERÍSTICAS PRINCIPAIS

MOTOR NSU de 4 cilindros em linha, 4 tempos, 1.200 c.c. arrefecido por ar, árvore de cames à cabeça. CAIXA de 4 velocidades completamente sincronizada. SUSPENSÃO independente nas 4 rodas com amortecedores hidráulicos telescópicos e molas helicoidais. TRAVÕES hidráulicos de grande eficiência, super dimensionados com discos nas rodas da frente. CARROÇARIA monobloco de aço com 2 portas 5 lugares. PERFORMANCE 66 HP, velocidade máxima 145 km/h, aceleração de 0 a 80 em 9,8 seg. consumo médio ca. 8,8 litros aos 100 kms.



em exposição nos stands

Lusolanda, Lda. Av. António Aug. de Aguiar, 25-C — R. Latino Coelho, 83 — Av. da República, 84 — LISBOA
agentes em todos os distritos

correias para ventoinha

camions
automóveis
tractores
máquinas
agrícolas
industriais

Fenner

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:
AUTO-LUSITANIA
AVENIDA DA LIBERDADE, 73-77 LISBOA



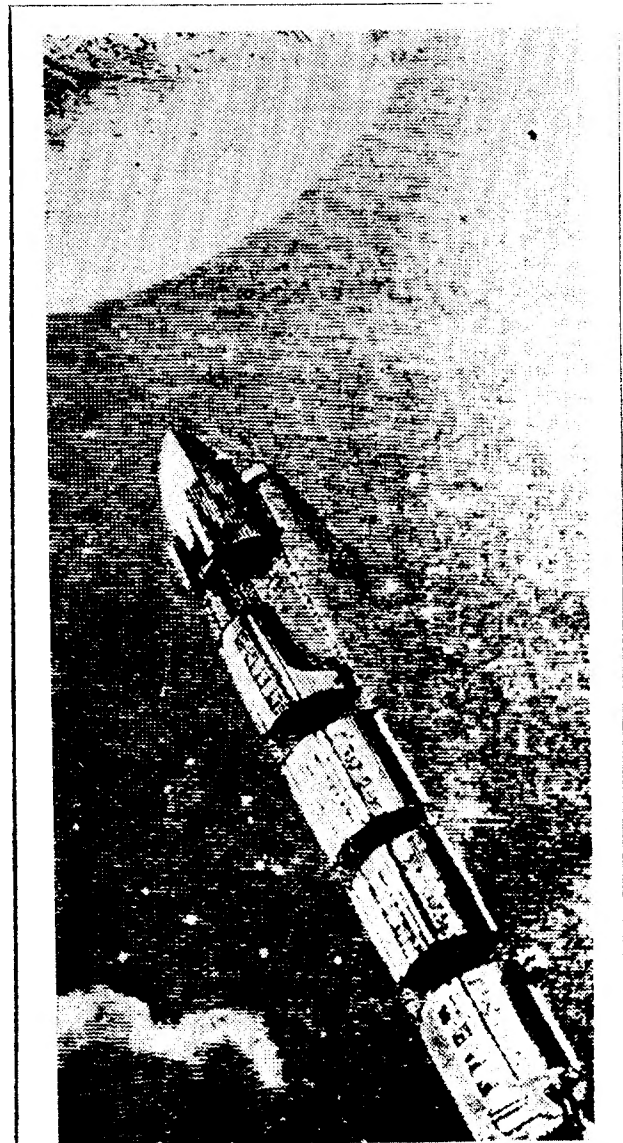
Calços para travões
Discos para Embraiagem
PEREIRA & BESSONE
Av. 24 Julho, 52, 1.ª B.

Júlio Verne e a viagem à Lua

CLAUDE-MICHEL CLUNY

Especial para o «Diário de Lisboa»

Se a ficção científica é uma forma literária que a realidade vai anexando pouco a pouco, Júlio Verne é verdadeiramente um dos pais deste domínio do imaginário. Ao lerem, num jornal tão pouco dado a fazer sonhar, como é o «Le Monde», as descrições do primeiro desembarque do Homem na Lua, quantos dos nossos contemporâneos pensarão que o não menos sério «Journal des Débats» anunciava esta extravagante viagem, há já mais de um século? Sob o título *Da Terra à Lua, trajecto directo em 97 horas*



em 20 minutos, os leitores, tão entusiastas quanto incredulos, do ano de 1865 deixavam que lhes contassem a prodigiosa aventura. Três homens e um cão, encerrados num obus, partiam para o nosso satélite, de um lugar tão próximo de Cabo Kennedy que não deixamos de pensar num acaso lógico a unir a poesia e a ciência. Da Florida, ex-Eldorado dos tempos passados, o homem parte, uma vez mais, à conquista dos seus sonhos.

O lugar ocupado pela Lua na literatura é considerável, e é-o tanto mais quanto é certo que, durante muito tempo, foi o berço de alguns dos mitos mais caros à nossa imaginação. Paradoxalmente, ao «propulsar» para o astro das noites os seus três heróis, Verne voltava à exploração de um mundo que, desde sempre, nos fascinara. A descrição mais antiga da viagem à Lua que nós conhecemos deve-se a Luciano de Samosate — o que faz recuar a antecipação ao segundo século da nossa era. Se os povos se tornaram vizinhos uns dos outros, é curioso notar que, num mesmo tempo, no nosso, os velhos mitos foram resuscitados pelo espírito de invenção: deveremos fazer fé nesse sinistro recomeço, que serviu de tema a uma das novelas mais perturbadoras e menos conhecidas de Júlio Verne, *O Eterno Adão?* (1). A ficção científica não seria simplesmente a recordação de um passado afundado nas catástrofes da lenda, isto é, a premunicação daquilo que fomos? Exaltantes observações telescópicas assestradas para um espaço-tempo, cuja indecifrável poesia nos é oferecida pelo firme de Stanley Kubick («2001, Odisseia no Espaço»).

Não nos custa acreditar em Patrick Moore, que nos assevera, no seu *Guia da Lua* (2) que, há 30 anos, o envio dos homens para o espaço passava ainda, aos olhos de espíritos muito bons, por divagação nem sequer especulativa. Daí que não devamos levar a mal que Júlio Verne tenha tratado, talvez por ressurgimento de cartesianismo não confessado, as viagens

extraterrestres com mais humor que convicção. As três obras que consagrou a expedições desta natureza não possuem a poética evidência das *Vinte Mil Léguas Submarinas* ou das *Cinco Semanas em Balão*... Arrancado à Terra por um cometa que levou já um astrónomo, Hector Servadac, voga através do sistema solar sem nos fazer sair, nem por um só momento, do chão dos racionalistas, das vacas e das convenções. Incontestavelmente, os dois romances que nos levam *Da Terra à Lua* e *A Volta da Lua* (este publicado em 1870) são de uma veia mais segura, ainda que muito fantasista. As personagens são tipificadas, e a mais popular, Michel Ardan, representa o repórter amador o topa-a-tudo, para quem tudo é agradável, desde que seja matéria de sensação; mas os dois sábios que partem com ele, ainda que muito simpáticos, são carregados desse ridículo que o romancista dispensou sem contemplações aos naturalistas como aos astrónomos o que Shislain de Diesbach faz, muito justamente, notar num agradável estudo sobre Verne, agora publicado (3). Júlio Verne só está à vontade na Terra, mesmo quando a sobrevoa. Este precursor é um homem do seu tempo, a mais do que um título. Não esqueçamos esta frase que ele pôs no boca de um dos seus heróis de predilecção, o capitão Nemo: «Não é de novos continentes que a Terra precisa, é de novos homens».

Todos estamos facilmente de acordo em reconhecer na ficção científica a expressão da inquietação e do pessimismo. Se Júlio Verne faz girar os seus homens do espaço à volta da Lua, o seu humor prudente aconselha-o a fazê-los sobrevoar a face oculta, quando esta está mergulhada na noite. E o facto de o domínio do realismo mecânico vir, finalmente, a deitar por terra todas as suas invenções ou a fazê-las em pedaços não é dos menores paradoxos da obra de Júlio Verne! A propósito de Wells — a quem se devem, também, os primeiros homens na Lua (1901) — dizia ele isto, que é exacto: «Eu utilizo a Física, ele inventa-a». É, de certa maneira, a moral da imaginação criadora que ele define pela voz de Robur, *Senhor do Mundo*: «Levo o meu segredo comigo. Mas ele não ficará perdido para a Humanidade. Pertencer-lhe-á no dia em que ela for bastante instruída para dele retirar proveito, e bastante sensata para não abusar dele». Mas não poderemos dizer que as premunicações vernianas eram de uma sensatez burguesa? O mobiliário do *Nautilus*, as suas credências e o seu órgão, como o inacreditável *cottage* britânico da *Casa a Vapor*, encantam-nos hoje pelo irrealismo da sua sensatez. A visão nasceu de uma miopia, de uma espécie de paralisia na invenção. A baixela burguesa que se eleva para a Lua no famoso obus acolchoado, encarregou-se, por sua vez, de toda a poesia que Cirano de Bergerac conflava aos seus balões cheios de orvalho. A Lua é sempre domínio do sonho...

O que anima a obra de Júlio Verne é o entusiasmo do possível. Os seus romances mais conseguidos, não só ao nível da credibilidade, dos ressaltos, do interesse da intriga, mas também ao nível da escrita



Júlio Verne

(que sabe então desdobrar-se e inscrever as personagens e as situações numa paisagem quase metafórica) são romances do século XIX em marcha. Mas em marcha através dos seus próprios espaços bem terrestres e marítimos, esses locais de expansão e valorização dos recursos naturais, quer se trate da Índia, da Inglaterra e dos cípaais; quer dos Pólos; quer da Tunísia entregue à invasão fertilizadora do mar; quer dessa América que é ainda toda a juventude do mundo. De facto, nesta obra imensa nada há de sério a não ser a Terra, e no dia em que um brincalhão de génio, chamado Zéphirin Xardal, faz cair, graças a uma espécie de *laser*, um meteoro sobre a Gronelândia, embora o meteoro seja de ouro, só aproveita a uma operação da Bolsa, digna desse século: o ouro providencial volatiliza-se, caindo, incandescente, no mar mesmo à vista dos marinheiros de guerra acorridos em perseguição da presa. Aquele que é, sem dúvida, o maior escritor francês de ficção científica, Júlio Verne, é, também, o primeiro a ver a sombra das mais trágicas premunicações estendendo-se por sobre o Universo, à medida que os progressos técnicos deixam provado que a ciência não faz a sabedoria. Nenhuma das invenções de Verne, numa obra que, no entanto, é fértil, conhece um destino feliz — e esse é, também, um aspecto da ficção científica. Não há nenhuma dessas soberbas máquinas, dessas cidades estranhas e fechadas, nem um só desses veículos espantosos (mesmo utilizado tão burguesamente como o elefante a vapor) que não desapareça numa catástrofe...

A bem dizer, é por aí que eles deviam ter começado. Contrariamente a maior parte dos escritores do género, o autor de *Face a bandeira* descreve minuciosamente os aspectos mecânicos dos seus engenhos, ou alonga-se nos cálculos que asseguram ao obus expedido pela *Columbiad* a libertação da atracção terrestre. Parece que os seus cálculos não davam certo. O que é mais evidente para o profano é que ninguém nem coisa nenhuma poderia resistir ao choque inicial. Mas o que Verne descreve muito bem, com a mesma maneira feliz que lhe permitia levar-nos através da Ásia ou da cordilheira dos Andes — aonde naturalmente ele nunca tinha ido — é, por exemplo, o insólito espectáculo do cadáver do cão flutuando no espaço e acompanhando o obus na sua corrida em direcção ao astro da bela Diana. O insólito restitui a Verne a sua qualidade de visionário, como também lhe restitui a indefectível ligação ao seu tempo: é o reverso do realismo científico, esse lançamento de homens em *redingote*, com lâmpadas de álcool e vinho velho, a caminho da Lua! É Nemo a rodear-se de colecções de pintura e de bibelots no seu submarino, ou ainda (mas aí humor e poesia entredevoraram-se) um duplo Fáciton de 35 cavalos saltando num acréscimo de potência porque um passageiro caiu! Ligação ao seu tempo, que é, talvez, o que, no fundo, separa Júlio Verne da ficção científica nossa contemporânea. É só hoje, que chegámos à Lua, que os escritores tentam escapar à atracção da Terra, condenando o velho planeta aos cataclismos e esforçando-se por prever as *mutações* que Verne nunca imaginara, talvez porque, para o seu tempo, sonhava de mais — deixando ao homem a escolha do seu destino sobre a Terra.

(1) In. *Illes et Demain* (colecção de bolso «Júlio Verne», Hachette).

(2) Biblioteca 10/18.

(3) *Le Tour de Jules Verne en 80 livres* (Julliard).



MESA REDONDA